

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
LAÍS ANTUNES FURTADO**

**HOSPITALIDADE, TURISMO E LAÇOS SOCIAIS NO ALÍVIO  
À POBREZA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES NA  
COMUNIDADE DO ATINS, MA**

São Paulo

2020

**LAÍS ANTUNES FURTADO**

**HOSPITALIDADE, TURISMO E LAÇOS SOCIAIS NO ALÍVIO  
À POBREZA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES NA  
COMUNIDADE DO ATINS, MA**

Dissertação de Mestrado apresentado à banca examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, na área de concentração Hospitalidade na Competitividade dos Serviços da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Professora Dra. Roseane. Barcellos Marques

São Paulo

2020

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca UAM  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F992h Antunes Furtado, Laís  
Hospitalidade, turismo e laços sociais no alívio à pobreza:  
uma análise das relações na comunidade do Atins, MA / Laís  
Antunes Furtado. - 2020.  
131f. : il.; 30cm.  
  
Orientador: Roseane Barcellos Marques .  
Dissertação (Mestrado em Hospitalidade ) - Universidade  
Anhembi Morumbi, São Paulo, 2020.  
Bibliografia: f.84  
  
1. Hospitalidade. 2. Turismo. 3. Laços Sociais. 4. Pobreza.  
5. Alívio à pobreza.

CDD 647

Aline Ferreira de Oliveira - CRB 8/9801

**LAÍS ANTUNES FURTADO**

**HOSPITALIDADE, TURISMO E LAÇOS SOCIAIS NO ALÍVIO  
À POBREZA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES NA  
COMUNIDADE DO ATINS, MA**

Dissertação de Mestrado apresentado à banca examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, na área de concentração Hospitalidade na Competitividade dos Serviços da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Professora Dra. Roseane. Barcellos Marques

Aprovado em: 09/10/2020

---

Profª Drª Roseane Barcellos Marques /  
Orientadora / UAM (SP)

---

Profª Drª Elizabeth Kyoko Wada /  
UAM (SP)

---

Prof Dr Vander Valduga /  
UFPR (PR)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar à professora Roseane Marques, minha orientadora, parceira e tutora nessa jornada. Agradeço pelo incentivo, pela insistência e por abrir todas as portas para que eu percorresse o caminho acadêmico. Pela compreensão, pelos diálogos e pela calma. Foram dois anos intensos e tenho certeza de que ainda compartilharemos muita história juntas. Agradeço ainda o convite feito durante minha defesa de monografia, junto à professora Beth Wada, para que eu ingressasse no mestrado. Naquele momento jamais imaginei que estaria escrevendo essas palavras de agradecimento tão logo!

À Simone Ferreira, por sempre me receber da PPG com alegria e pelas palavras de incentivo. Jamais esquecerei da ligação que me fez dando as boas notícias sobre minha aprovação e sobre a bolsa de estudos que me permitiria ingressar no programa.

Aos professores Sênia Bastos, César Biancolino (*in memoriam*), Simone Barakat, Cláudio Stefanini, Rafaela Almeida, além das professoras Beth e Roseane que contribuíram, cada um à sua maneira e por meio de suas disciplinas, com a minha formação e com a concretização do meu projeto. Agradeço ainda à professora Mirian Rejowski pelas ricas contribuições feitas na banca de qualificação do meu trabalho.

Agradeço ao time Matueté, com quem trabalho e divido meu tempo e que sempre se preocupavam com meu cansaço e me incentivavam a correr para as aulas e a seguir com a dissertação.

Meu eterno agradecimento à minha amiga de faculdade Carroll Portilla e a professora Judithy Fynn de Glion Institute of Higher Education, que desencadearam meu interesse profundo pelo turismo, pela sustentabilidade e pelas possibilidades de contribuir para o alívio à pobreza. À Auhana Nardini e Rebecca Silva, parceiras do time de orientandas e com quem dividi trabalhos, disciplinas, angústias e conquistas e a Cristina Uchida, com quem compartilhei essa caminhada até o último minuto.

Meu avô Paulo Antunes (*in memoriam*), de quem certamente herdei a paixão e curiosidade pela academia e ao meu avô Cléon Furtado, que viabilizou os meus estudos em São Paulo, caminho que ele mesmo percorreu há mais de 70 anos.

Minhas grandes amigas Michelle Lauande pelas noites que foi companheira de estudos e Amanda Arrais por ser inspiração sempre.

À Laís Frota, alma antiga que caminha comigo há infinitas *kalpas*, e que ainda vai falar muito por aí, com orgulho, do meu título e dos frutos desse trabalho!

E, por fim, ao meu alicerce: Sílvia, Roberto e Livia Furtado! A vocês, tudo!

*“People are the real wealth of a nation and human development is all  
about enlarging their choices.”*

Human Development Report, 1990

*“A pessoa que vai fazendo sua estrada mesmo”*

Iranilde Aguiar, 2016  
Nativa do Atins entrevistada em pela autora

## RESUMO

Esta dissertação refere-se às relações de hospitalidade e os laços sociais estabelecidos entre anfitriões – nativos e não-nativos – de uma comunidade inserida em um destino turístico. São ditos nativos aqueles nascidos no local estudado e não-nativos aqueles que migraram ou imigraram com propósito de explorar o turismo economicamente. Tem como propósito identificar desdobramentos e contribuições que estas relações promovem para o alívio à pobreza local. Para isso, delimita-se que a perspectiva de pobreza inclui a privação de recursos básicos, a falta de voz, de poder, de independência e da capacidade de estar no controle. Investiga-se as relações iniciais entre nativos e não-nativos sob a lente das cenas hospitaleiras nos domínios social e cultural, no ato de recepcionar no espaço público e o ritual de chegada. Questiona-se como se formam os laços sociais oriundos deste encontro e se corroboram de alguma forma com o alívio à pobreza multidimensional local, se valendo da teoria de laços fracos. É uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, realizada por meio da observação assimétrica não-participante, da aplicação de entrevistas semiestruturadas e da categorização e análise do conteúdo. O objeto escolhido foi a comunidade do Atins, localizada à borda do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Sua escolha se deu por meio de critérios elencados pela autora que acentuassem a relevância desse trabalho. Dentre as exigências, a sociedade estudada deveria ser: sustentada economicamente por meio da atividade turística, com evidências de desenvolvimento social; um destino turístico com relevância no mercado e na mídia nacional e internacional; localizado em região, estado ou município com elevados índices de pobreza. Como resultado, os pressupostos são ratificados demonstrando que a hospitalidade local e os laços estabelecidos entre anfitriões nativos e não-nativos contribuem para a prosperidade socioeconômica local, em especial por meio do ofício, do incentivo ao desenvolvimento de capacidades e da educação. Das limitações e complicações, essa pesquisa passou por ajustes por conta da crise sanitária decorrente da pandemia do COVID-19, que limitou o acesso ao objeto de estudo e dificultou a pesquisa em campo, que havia sido desenhada para ser aplicada com nativos e não-nativos. De toda forma, acredita-se que as contribuições tecidas sobre a aplicabilidade da teoria da hospitalidade em união com a de laços sociais em responder questões como o alívio à pobreza sejam de extrema relevância para a pluralização dos estudos contemporâneos.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Turismo. Laços Sociais. Pobreza. Alívio à pobreza.

## ABSTRACT

This research refers to the hospitality relations and the social ties founded between natives and non-natives hosts from a community inserted on a touristic destination. Those who were born in the land studies are classified as native and those who have migrated or immigrate seeking to explore tourism are called non-native hosts. The main goal is to identify the contributions of these social exchanges to poverty alleviation. To do that, poverty is analyzed not only from an economic perspective, but also includes on its concept the deprivation of basic resources, lack of voice, of power, of independence. It investigates the primary relations between natives and non-natives hosts from the hospitality scenes lens of social and cultural domains. It is taken under account the ritual of encounter which happens on the public space over the hosting /welcoming time. It questions how social ties are formed after this encounter and if they corroborate with the local multidimensional poverty alleviation in any sense or sphere, based on the weak ties' theory. It is a qualitative study with exploratory approach carried out with non-participatory observation and semi-structure interviews and content analysis methods. The chosen object of study was Atins, a community located on the boarder of Lençóis Maranhenses National Park. The criteria used to select this location where important to attenuate this research's relevance to the academic field and to the public and private sectors. It had to be a community economically sustained by tourism and which showed evidence of social development; a touristic destination with national and international mediatic relevance; and it had to be located on a region, state or municipality with high poverty rates. The results demonstrate that the local's hospitality and the social ties formed among native and nonnative hosts contribute to local social economic prosperity, special through labor, development and incentives to training and education. As for its limitations, this research passed through several adjustments from its original idea due to the sanitary crisis caused by the pandemic, which limited the author's access to Atins making it a challenge to produce a field research or an equivalent to it with people from a community that has no connectivity. Despite that, it is believed that the contributions regarding the applicability of the theory of hospitality in combination with the social ties theory on investigating solutions for poverty alleviation are indeed relevant for the pluralization of contemporary studies.

**Keywords:** Hospitality. Tourism. Social ties. Poverty. Poverty alleviation.

## **LSTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Diagrama de Venn dos domínios da hospitalidade.....	24
Figura 2 – Lentes conceituais da hospitalidade.....	27
Figura 3 – Rede gráfica hipotética.....	32
Figura 4 – Dimensões, indicadores e pontos de corte do IPM.....	41
Figura 5 – Três fases da análise de conteúdo segundo Bardin.....	56

## **LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1 – Atins vista de cima (2016) .....	64
Imagem 2 – Atins vista de cima (2018) .....	64

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 – Mapa do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e seus atrativos.....	58
--	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões da hospitalidade na literatura Greco-Romana Antiga e Clássica.....	21
Quadro 2 – Conceitos de hospitalidade.....	33
Quadro 3 – Tempos e espaços da hospitalidade .....	26
Quadro 4 – Temas dominantes que compõe as lentes da hospitalidade.....	28
Quadro 5 – Diferenças entre laços fortes e laços fracos.....	33
Quadro 6 - Variáveis das teorias da hospitalidade e dos laços aplicadas .....	35
Quadro 7 – Pobreza: conceitos e críticas.....	38-39
Quadro 8 – Tipo de pesquisa quanto aos fins.....	49
Quadro 9 – Tipo de pesquisa quanto aos meios.....	49-50
Quadro 10 – Vantagens e desvantagens da entrevista como método de coleta .....	53
Quadro 11 – Categorização dos dados das entrevistas.....	54-55
Quadro 12 – Meios de hospedagem em Atins.....	66-67
Quadro 13 – Categorização dos dados das entrevistas .....	68-69

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BM	Banco Mundial
ICMBio	Instituto de Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPM	Índice de Pobreza Multidimensional
ODSs	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ODMs	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PNB	Produto Nacional Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas
PNLM	Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses
ST-EP	<i>Sustainable Tourism Eliminating Poverty</i>
US	Unidades de Registo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - HOSPITALIDADE E LAÇOS SOCIAIS .....	20
1.1 Uma viagem aos princípios da hospitalidade .....	20
1.2 A hospitalidade hoje: domínios, tempos, espaços e função social .....	23
1.3 Laços Sociais: do indivíduo à comunidade.....	31
CAPÍTULO 2 – TURISMO E POBREZA.....	37
2.1 O conceito de pobreza.....	37
2.2 O turismo como ferramenta de alívio à pobreza.....	43
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	47
3. 1 Posicionamento epistemológico .....	47
3.2 Abordagem.....	49
3.3 Tipo de pesquisa .....	50
3.4 Métodos de coleta .....	51
3.5 Técnica de análise de dados .....	57
3.6 O objeto de estudo: a comunidade do Atins .....	58
3.6. 1 Geografia, economia, população e infraestrutura do Atins.....	58
3.6.2 O turismo em Atins.....	61
CAPÍTULO 4 – ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	64
4.1 Contribuições da observação não-participante .....	64
4.2 Considerações a partir das entrevistas .....	67
4.3 Análise e discussão de conteúdo.....	69
4.3.1 Categoria 1 - Hospitalidade .....	71
4.3.2 Categoria 2 - Laços sociais .....	72
4.3.3. Categoria 3 - Desenvolvimento profissional .....	75
4.3.5 Categoria 4 - Ascensão socioeconômica .....	78
4.3.6 Categoria 5 - Impactos sociais.....	80

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	85
APÊNDICES .....	93
APÊNCIDE A – ELEMENTOS DAS REDES SOCIAIS .....	94
APÊNDICE B – REDES SOCIAIS E SEUS TIPOS .....	95
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	96
APÊNDICE D – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA AUTORA RELACIONADOS À ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA, CONSTRUÇÃO CIVIL E O AUMENTO RESÍDUOS DE CONSTRUÇÃO .....	97
APÊNCIDE E – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA AUTORA RELACIONADOS AO AUMENTO DE RESTAURANTES E BARES NO ATINS .....	98
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM ENTREVISTADA 1 .....	99
APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM ENTREVISTADO 2.....	113
APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM ENTREVISTADO 3.....	120

## INTRODUÇÃO

A pobreza é considerada o principal desafio da humanidade e sua erradicação – ou, no mínimo, seu alívio – é pauta de discussões entre governos e agências internacionais. Evidência disso é a recente nomeação do Prêmio Nobel de Economia à Banerjee, Duflo e Kremer, pesquisadores que se dedicam à investigação das causas da extrema pobreza e às maneiras eficientes de combatê-la, propondo ações focadas em crianças e tratando exclusivamente da educação e da saúde (THE ROYAL SWEDISH ACADEMY OF SCIENCE, 2019). A erradicação da pobreza é o objetivo número um dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs) estabelecidos pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) em 2015 na Agenda 2030. É foco também dos “*Twin Goals*” estabelecidos pelo Grupo Banco Mundial que tem como meta a redução da extrema pobreza em 3% até 2030 e aumento da renda dos cidadãos que represa os 40% mais pobres na pirâmide econômica (HEIDER, 2015). No contexto global, dados mais recentes indicam que 713 milhões de pessoas vivem abaixo da linha de extrema pobreza estabelecida pelo Banco Mundial (BM), o que equivale a 10% da população mundial vivendo com menos de 1,90 dólar por dia (PROVCALNET, 2015).

No Brasil, o cenário não diverge muito do mundial: 23,3 milhões de brasileiros, ou 11,2% da população, encontram-se em situação de pobreza (NERI, 2018). Do total de pobres, 13,5 milhões sobrevivem com até 145 reais mensais, índice este que se manteve estável de 2017 para 2018, mas que simboliza a maior alta desde 2012 (IBGE, 2019). As regiões que mais sofrem com essa situação são as do Norte e Nordeste, onde vivem 47% dos brasileiros em situação de pobreza. Dentre os estados com maior índice de pobreza, o Maranhão é quem oscila, historicamente, entre o primeiro e segundo lugar da lista e terminou 2018 com o total de 53% de maranhenses em tal situação (NERI, 2018).

Estes dados seguem as métricas estabelecidas pelo Banco Mundial que classifica a pobreza com base no Produto Nacional Bruto (PNB) per capita, medida apresentada pela primeira vez em 1990 em seu anual *World Development Report* (FARIAS & MARTINS, 2007). A partir do PNB, o Banco Mundial desenha o poder de compra de cada país com base no mínimo de capital necessário para suprir um indivíduo com alimentação básica, vestimenta e abrigo (WORLD BANK, 2019). No entanto, ainda que índices econômicos e de renda sejam a maneira mais descomplicada de medir a pobreza e de apresentar um comparativo entre países, existe uma grande crítica quanto a sua aplicação exclusiva, visto que a pobreza não é um conceito objetivo (BIBI, 2003), e sim, multidimensional. Logo, para ter uma melhor leitura

sobre a complexidade enfrentada por indivíduos que se encontram nessa condição e propor soluções, a pobreza não deve ser unicamente analisada apenas por indicadores quantitativos (FRENZEL, 2013).

Observar a pobreza de forma multidimensional é o primeiro passo para romper com o ciclo de análises absolutas, entendendo que nenhum índice isolado é capaz de capturar as múltiplas maneiras que diferentes famílias experienciam a pobreza (BURT, 2019). Destrinchar suas faces ajuda na compreensão de cada um de seus aspectos e possibilita a proposta de diretrizes menores e mais específicas, logo, mais eficazes. Além disso, uma análise multidimensional permite uma investigação multidisciplinar, fato que pode ser ilustrado com o *World Summit on Sustainable Development* de 2002 em Joanesburgo. Naquele ano, a Organização Mundial do Turismo (OMT) responde aos então vigentes Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs), com o programa *ST-EP: Sustainable Tourism Eliminating Poverty*. O projeto encorajava o turismo sustentável por meio de atividades que funcionassem também como ferramentas de alívio à pobreza e à fome, às questões de inequidade de gênero e em prol da sustentabilidade ambiental e do fomento de parcerias globais. O intuito era promover o turismo como uma atividade econômica com capacidade de promover ações tangíveis para o alcance dos ODMs (UNWTO, 2018). Se por um lado o turismo é considerado uma atividade de impactos dúbios, é certo afirmar também que é “um dos meios mais rápidos de obtenção de moeda estrangeira e um dos fatores mais eficazes de distribuição de renda.” (COOPER ET AL., 2007, p.310). Este permite uma inclusão econômica em lugares distantes e remotos, em especial por conta da vasta oferta de trabalho e da baixa distinção de gênero feita entre aqueles elegíveis a ocupar estes postos. Logo, viabiliza também uma transformação social, seja pelas trocas que acontecem entre anfitrião e visitante quanto pelas relações que se estabelecem entre os diversos atores que participam da cena turística. A hospitalidade, tanto no contexto comercial do setor hoteleiro quanto no contexto socioantropológico, é inerente ao turismo. Sem a hospitalidade, sem ser recebido, sem que haja a relação de anfitrião-outro, o ato de transitar, viajar, cruzar fronteiras de outras terras fica comprometido. Pode-se afirmar também que o processo turístico é pautado por interações sociais desde o momento de exploração e descobrimento de atrativos até sua consolidação como mercado local e estruturação para receber visitantes.

Para acadêmicos do turismo e, também para aqueles que trabalham no mercado, ouvir relatos sobre viajantes estrangeiros ou não-locais – em sua maioria europeus ou vindos do sudeste do país - que visitaram destinos ainda pouco explorados no Brasil – em especial na costa do Nordeste – e se encantaram a ponto de decidirem estabelecer moradia e abrirem um

negócio é muito comum. Neste processo de desenvolvimento do turismo no Brasil, inúmeras são as situações nas quais a hospitalidade tem papel fundamental no desenrolar mercadológico. É da relação do povo com sua terra e das normas sociais e morais que existem ali que definem se um destino está ou não apto (ou aberto) a receber investimentos externos e novos moradores.

Diante destes interstícios em que a hospitalidade acontece - e parece ocupar um papel essencial junto ao turismo como atividade econômica de mudança - nasce o desejo de propor um estudo que investigue o alívio à pobreza sob a ótica da hospitalidade no contexto do turismo. Ao explorar esta possibilidade dentro da literatura, a teoria que mais se aproxima dessa ideia é a de laços sociais, braço da teoria de redes sociais. Esta teoria já é utilizada em trabalhos sobre pobreza como os de Marques (2019), que foram essenciais para a construção dessa dissertação.

Dessa forma, a proposta deste trabalho é triangular a hospitalidade, a pobreza e o turismo tendo os laços sociais como elo que os une e encaminha o seguinte questionamento: De que forma as relações de hospitalidade e os laços sociais estabelecidos por meio do turismo entre anfitriões nativos e não-nativos contribuem para o alívio à pobreza? Que se torna o objetivo geral dessa dissertação: compreender a contribuição da hospitalidade e dos laços sociais, no âmbito do turismo, para o alívio à pobreza.

O objeto de estudo escolhido para aplicação dessa análise é uma comunidade que desde 2014 tem o turismo como atividade econômica principal, mas que é, originalmente, uma vila de pescadores remota e com um estilo de vida bastante rudimentar. A comunidade do Atins, localizada nas bordas do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM), no estado do Maranhão, foi escolhida não somente pela sua ascensão como destino turístico no mercado e na mídia nacional e internacional, mas principalmente pelo fato de estar localizada no estado com os mais altos índices de pobreza do Brasil. Vale ressaltar que esta ascensão e notoriedade na mídia desencadeou um movimento de migração entre brasileiros - em sua maioria paulistanos - e de imigração de investidores estrangeiros (FURTADO & WADA, 2018). Isso significa que, ainda que o turismo se apresente como uma ferramenta benéfica no crescimento econômico local, evidenciado em trabalho anterior, é indispensável incluir na discussão o caráter remoto da comunidade e as limitações vividas pelos nativos quando recebem estes novos moradores.

Contextualizando o objeto de estudo em uma breve narrativa que aborda como o turismo surge em Atins e como as relações sociais de nativos e não-nativos se dá em seu princípio, a partir da personificação de teorias, propõe-se pensar que no momento inicial a hospitalidade era papel do anfitrião, da comunidade de pescadores, enquanto o que chegava, sob a denominação de “o turismo”, era o outro, o estranho, aquele que acabou de chegar e quer galgar

espaço e ganhar confiança, aquele que precisa da hospitalidade para ali ficar. Na sequência, após estabelecidos e firmados os laços que permitiram a permanência do turismo e dos equipamentos necessários para sua viabilização, este passa a ser também anfitrião. Neste segundo momento, o novo anfitrião também vai dispor da hospitalidade, trabalhando juntos – o anfitrião receptor inicial, nativo e o novo anfitrião que se estabelece – em prol da prosperidade econômica.

Feita a escolha de um objeto de estudo tão particular, desenhou-se os seguintes objetivos específicos para esta pesquisa: (a) Investigar as relações de hospitalidade iniciais entre nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos; (b) Compreender como se formam e caracterizar os laços sociais entre gestores de meios de hospedagem e nativos (c) Avaliar a contribuição dos laços sociais entre nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos para o alívio à pobreza multidimensional local. Com base nesses objetivos, ergue-se esse estudo sob os seguintes pressupostos: (P1) Os anfitriões nativos são hospitaleiros com os gestores de meios de hospedagem não-nativos em sua chegada à uma comunidade para investir no turismo; (P2) Anfitriões nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos estabelecem laços sociais fracos e fortes; (P3) Os laços sociais estabelecidos entre nativos e gestores de meios de hospedagem não nativos auxiliam no alívio à pobreza multidimensional.

Certamente uma das nuances mais particulares deste trabalho é justamente a insistência em aproximar o estudo da hospitalidade ao turismo, campo de estudo que por vezes se mostra distante da teoria da hospitalidade em seu viés mais socioantropológico. Se ambos coexistem e são dependentes, faz-se relevante explorar novas maneiras de aproximar as duas teorias. Para além das contribuições quanto aos estudos de pobreza sob uma ótica diferente, entende-se que um estudo que coloca o turismo e a hospitalidade em igualdade, enriquece discussões, amplia horizontes e carrega extremo valor acadêmico.

Este trabalho está dividido em três capítulos, que tratam, respectivamente sobre as teorias da hospitalidade e os laços sociais, sobre turismo e pobreza e sua capacidade de alívio e, por fim, um capítulo sobre os procedimentos metodológicos utilizados para responder aos questionamentos propostos nesta pesquisa.

O primeiro capítulo inicia-se com um panorama histórico da hospitalidade em seu sentido socioantropológico, um pouco dessa transformação terminológica, que revela também as transformações das relações em sociedade. O enredo continua com a tríade dos domínios, os espaços e tempos e as lentes conceituais da hospitalidade, levantando a possibilidade do uso dessa teoria em estudos contemporâneos. A partir disso, faz-se uma aproximação da teoria da

hospitalidade com a teoria de redes e laços sociais, evidenciando um possível viés de pesquisa que se embasa na junção dessas duas teorias.

Dentre os autores que embasam o referencial teórico sobre hospitalidade estão: Benveniste (1995) , Salles, Bueno e Bastos (2010), Walker (2002) e Grassi (2004; 2011) trazendo um entendimento histórico-conceitual das relações de hospitalidade em seu estágio mais preliminar ou antigo; Lashley (2002; 2004) e Lashley e Morisson (2000) com os domínios; Camargo (2002, 2004, 2006, 2015) quando se fala em tempos, espaços e interstícios e Lashley, Lynch e Morrison (2007) com as lentes conceituais e a aplicabilidade da hospitalidade em estudos mais complexos das ciências sociais.

Já para o referencial sobre laços sociais, é apresentado o pensamento sistêmico, embasado por Bentalanffy (2015) com a Teoria Geral dos Sistemas e as contribuições de Churchman (2015); os aportes de Bott (1971) e Granovetter (1973, 1978, 1983, 1985/2007) na elucidação da Teoria de Redes como ferramenta propícia para análises de questões do âmbito social e Kaufman (2012), Marques, E. (2019), Portugal (2007) e Vermelho, Velho e Bertocello (2015) com considerações sobre a aplicabilidade da teoria em estudos contemporâneos. O capítulo é finalizado com um breve enlace entre a hospitalidade e os laços sociais.

No segundo capítulo, propõe-se um aprofundamento sobre a pobreza, seus conceitos, a evolução acadêmica de seu estudo, definindo como ela será abordada nesse trabalho. Sen (1976, 1979, 1982, 1938, 1985, 1992), Narayan (2000), Crespo (2002); Marques, E. (2009, 2019) e Bebbington (2007) são alguns dos autores que contribuem para a construção deste capítulo, bem como as ideias defendidas pelas agências internacionais como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas.

Na sequência, aborda-se o turismo como atividade econômica “pano de fundo” das relações sociais, de hospitalidade e fenômenos que ocorrem. Trata-se dos conceitos que orbitam o turismo como forma de alívio à pobreza, trazendo as contribuições de Scheyvens (2009); Scheyvens e Hughes (2019); Frenzel (2013) e Zhao e Richter (2007; 2008; 2009).

O capítulo final apresenta e descreve o objeto de estudo e toda sua complexidade e aponta também os procedimentos metodológicos utilizados na obtenção de respostas para a problemática proposta. O estudo em questão tem abordagem qualitativa, do tipo exploratória. A técnica de coleta escolhida foi a aplicação de entrevistas semiestruturadas, combinadas com observação assistemática não-participante como etapa preliminar para construção do trabalho em questão. Quatro visitas à região aconteceram entre os anos de 2016 e 2019, que possibilitaram o avanço de um estudo que teve início com a monografia de graduação da autora.

Essas visitas foram imprescindíveis para a observação e para a construção de uma descrição da região, já que poucas são as publicações acadêmicas que relatam com precisão aspectos socioeconômicos do local. Sendo assim, as visitas contribuíram para a observação do avanço do turismo como atividade econômica e do desenvolvimento “urbano” que a comunidade vivenciou pós turismo; contribuíram também para a observação do desenrolar das relações sociais firmadas entre nativos e os novos moradores e investidores vindos de outras localidades. Ainda sobre o método de coleta, um roteiro prévio foi elaborado para servir de instrumento para as entrevistas, que foram realizadas por meio virtual entre os meses de julho e agosto de 2020<sup>1</sup> com proprietários e gerentes de meios de hospedagem localizados no Atins. Com as informações coletadas foi realizada uma análise de conteúdo, com exploração do material e tratamento dos resultados. Os autores que embasam este capítulo são: Manzini (2003; 2012) com contribuições sobre a entrevista como instrumento de coleta e Bardin (2011) e Franco (2005) e suas abordagens sobre a análise do conteúdo.

Acredita-se que este estudo possa contribuir para a expansão da investigação da atuação da atividade turística como ferramenta de alívio à pobreza, em especial da capacidade da hospitalidade e dos laços sociais servirem como meios indutores de prosperidade socioeconômica. Busca-se contribuir com a inserção de um novo viés de estudo tanto sobre pobreza quanto sobre os desdobramentos das relações de hospitalidade para além da relação anfitrião-outro, anfitrião -cliente, e sim, para a relação anfitrião-anfitrião.

---

<sup>1</sup> A ideia inicial considerava uma coleta de dados empírica que ouvisse tanto os anfitriões não-nativos, proprietários ou gerentes de meios de hospedagem quando os anfitriões nativos indicados por eles como potenciais respondentes. No entanto, por conta da pandemia do SARs-COVID 19, as medidas de isolamento e o fechamento do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, os planos foram alterados para que os acontecimentos não inviabilizassem a elaboração, conclusão e defesa dessa dissertação.

## **CAPÍTULO 1 - HOSPITALIDADE E LAÇOS SOCIAIS**

Neste capítulo são apresentadas as principais reflexões em torno da teoria da hospitalidade, em especial da forma como é estudada na escola brasileira, francesa e, desde a década de 1970 pela escola inglesa também. Em um segundo momento, a teoria de laços sociais, oriunda da teoria de sistemas e da sociologia econômica é elucidada e referências da hospitalidade são evidenciadas. O capítulo é concluído mostrando essas amarrações entre as duas teorias e a possibilidade de aproximá-las em estudos científicos e na compreensão do papel das relações sociais no desenvolvimento de uma comunidade remota.

### **1.1 Uma viagem aos princípios da hospitalidade**

Pensar sobre o conceito de hospitalidade, em especial para aqueles que não são estudiosos da área, é, por vezes, recebido como uma tarefa difícil. O termo carrega em si uma longa história de símbolos, mitos, antagonismos e de significados distintos quando comparamos línguas e campos de estudos diferentes. Independente da dimensão em que se aplica, faz-se necessário um resgate aos estudos filosóficos, mitológicos e etimológicos para compreender as raízes que deram origem à ideia e ao termo hospitalidade.

O homem pré-histórico, ao se deparar com a falta de alimentos, seguia em busca de novos sustentos. Fez-se nômade pois era o que lhe mantinha vivo em seu contexto geográfico. Seguia inclusive manadas em suas correntes migratórias, se deslocando atrás de sua caça, traço que permanece forte no homem atual: o instinto animal de sobrevivência. Tal movimento nunca deixou de existir e segue em voga nas sociedades atuais com os refugiados de guerra, o êxodo rural e, futuramente, com os migrantes do clima.

Mas é na caça que surge a real necessidade de colaboração entre os homens e o estreitamento das relações, por vezes, para além do núcleo familiar, visto que presas grandes requeriam trabalho em equipe para serem abatidas. A inexistência de métodos de cocção impulsionava os homens a partilhar o alimento para evitar desperdício e para criar também uma dívida. E é nessa fração de história que se pode identificar com clareza os primeiros vestígios da hospitalidade. A partilha ativa da comida e a sistematização em distribuí-la caracterizam, ao ver de Visser (2015), como aquilo que torna o homem diferente dos demais animais, visto que se estende para além da caça e se torna uma prática comum mesmo para depois do período Neolítico e do advento da agricultura. Já a dívida aumentava as chances de que os caçadores e suas famílias fossem convidados a partilhar a próxima caça abatida. Aqui se apresenta os

primeiros vestígios do que Maus (1974) chama de constituição da vida social: a constante “dar, receber e retribuir” e a primeira situação a se analisar a dádiva, ou sua inexistência. A dádiva é conceituada ainda como “toda prestação de serviços ou bens efetuada sem garantia de retribuição, com o intuito de criar, manter ou reconstituir o vínculo social” (CAILLÉ, 2002, p. 9). Se um grupo compartilha sua caça, ainda que seja um ato generoso e que possa parecer altruísta, seu interesse profundo é o material, espera-se um contra dom (GODBOUT, 1997).

Benveniste (1995) traz grande contribuição na investigação de seu livro *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, que define terminologias associando-as aos diferentes momentos histórico-culturais e sociais nos quais eram empregadas. No que tange à hospitalidade, resgata-se o termo base do latim *hospes* e o composto *hosti-pet-s*, os destrincha e explica as ambivalências de suas alternâncias e indica que *hostis* pode significar hostilidade, ou o estrangeiro, ou, ainda, “aquele que está em relação de compensação” (BENVENISTE, 1995, p. 93). *Pet* se desdobra como *pot*, o senhor; e *potis*, aquele que está prevalecido sobre algo. *Hosti-pet-s* denomina, então, segundo o linguista “o poder soberano de decidir acerca da hospitalidade” ou “o senhor do hóspede” (BENVENISTE, 1995, p. 97). Para Grassi (2004) a compensação é uma tentativa de igualar, mas nunca o igual propriamente dito. Só há gesto de hospitalidade quando há “desigualdade de lugar e de *status* entre hospedeiro e hóspede” (p.45). Tal reflexão nos leva a enxergar a hospitalidade, acima de tudo, como um paralelo da origem da própria sociedade (SALLES, BUENO & BASTOS, 2010).

Na Idade Antiga as primeiras leis escritas que incorporam a hospitalidade aparecem no Código de Hamurabi, que regulava, dentre outras coisas, as tavernas e em que circunstâncias era obrigação do (a) taverneiro (a) de ser hospitaleiro ou de fechar as portas para clientes contraventores (WALKER, 2002). Não só a hospitalidade já havia expandido para os três conhecidos domínios de Lashley (2002) – doméstico, público e comercial – os quais serão abordados em breve, como o espectro da hospitalidade já estava bem desenhado e era formalizado por lei: seja hospitaleiro com aqueles que se submetem às regras e crie um ambiente inóspito para aqueles que não se adequam.

Leis de convivência como esta eram estabelecidas em outras sociedades através de fatores morais, como no caso dos greco-romanos. *Hospitus*, o hóspede de passagem, por exemplo, devia sempre ser acolhido, visto que este poderia ser um deus disfarçado colocando a prova os valores do cidadão. No ritual de acolhimento, o estranho era primeiramente admitido na soleira da casa e, só depois de compartilhar sua virtude e valores, era admitido no interior da casa, sempre com limites geográficos definidos (GRASSI, 2011; CARVALHO, 2017). Nas sociedades cristãs católicas, a acolhida de um estranho era um dever moral, uma oportunidade

de comprovação de fé caso aquele indivíduo fosse um enviado de Deus. Adiciona-se aqui também os conceitos de solidariedade e caridade, que podem ser percebidos como uma forma primeira de hospitalidade (GRASSI, 2011).

O’Gormann (2005, 2006, 2008) evidencia a importância da literatura greco-romana para os estudos de hospitalidade ao identificar cinco dimensões presentes no cotidiano dessa antiga civilização por meio da análise textual (quadro 1). Esta investigação tanto evidencia que as dimensões estudadas atualmente estão associadas com uma linearidade civilizatória quanto reforça a importância da hospitalidade para a história.

**Quadro 1 – Dimensões da hospitalidade na literatura Greco-Romana Antiga e Clássica**

<b>As dimensões da hospitalidade segundo investigação da literatura Greco-Romana Antiga e Clássica</b>	
<b>Tradição honorável</b>	Com base nos preceitos regentes no mundo antigo e clássico, reforçados pelas práticas religiosas, a hospitalidade era considerada um gesto bom. O conceito de reciprocidade – monetária, espiritual ou da troca, já era compreendido, assim como o conceito de fracasso em oferecer hospitalidade, associado à algum irreverente e impiedoso
<b>Fundamental para a existência humana</b>	Fundamental para o desenvolvimento de sociedades, em especial por suprir necessidades básicas como alimentação, abrigo e segurança.
<b>Estratificada</b>	Com o avanço das organizações sociais, a hospitalidade passa por uma codificação sobre como tratar convidados e estranhos. As tipologias da hospitalidade ficam aparentes: privada, civil e comercial.
<b>Diversificada</b>	Diante da diversidade e estratificação social, a hospitalidade precisava responder aos diferentes grupos e necessidades, assim como os estabelecimentos de hospedagem.
<b>Central para o avanço humano</b>	A hospitalidade faz parte do desenvolvimento humano e das sociedades desde o início da história. Foi facilitadora da atividade humana como grupo, em especial daqueles que almejavam tornarem-se uma civilização.

**Fonte:** Elabora pela autora com base em O’Gorman, 2008, p. 2-3.

Com o avanço das sociedades, paralelo à ascensão da Igreja, a grande maioria daqueles que se deslocavam eram religiosos ou faziam parte de corte. Logo, missionários, padres e peregrinos precisavam de abrigo ao longo de seus percursos (WALKER, 2002). Os mosteiros proviam as leis da hospitalidade religiosa, sobre os cuidados com doentes e pobres e o tratamento de refugiados. Eram responsáveis pelo avanço da civilização, pelo conhecimento e pelo ensino, o que possibilitou uma aceitação geral e compreensão dos princípios da hospitalidade quando disseminado nas civilizações ocidentais (O’GORMAN, 2008).

Pode-se afirmar que o deslocamento físico é um elemento fundamental para a expansão de terras, para a peregrinação, a busca pelo conhecimento. Deslocar-se de seu lugar de origem para o desconhecido permite àquele que percorre o caminho, fazer descobertas sobre si, sobre

o seu entorno. Este aspecto mais espiritual e com propósitos mais próximos ao lazer é evidenciado no fenômeno que ficou conhecido como *Grand Tour*, quando filhos de nobres partiam para além de sua terra natal com o intuito de aprenderem línguas, edificarem-se e distraírem-se (SALGUEIRO, 2002). Com a notoriedade ganha pelo o Gran Tour e os *grand tourist* em especial por serem eles nobres, intelectuais, filósofos e artistas e terem relatado minuciosamente suas viagens, como Johann W. Goethe fez em “*Viagem à Itália*”, o Grand Tour é considerado a primeira evidência de turismo de lazer entre as civilizações ocidentais (SALGUEIRO, 2002).

Leiper (1979) descreve bem em seu sistema do turismo a importância destes espaços transitórios até chegar ao destino ou de regresso para o ponto de origem. Ao longo de percursos, um viajante só sobrevive em terras desconhecidas caso nativos o acolham e sejam hospitaleiros com este estranho, seja no domínio doméstico ou comercial. A acolhida pode ser entendida como o prover de abrigo, alimento e entretenimento do visitante. Evidência disso está no fato da comensalidade ser tida como “uma das formas mais reconhecidas de hospitalidade” (BOUTAUD, 2011, p.1213) visto que, compartilhar a mesa ou uma refeição perpassa uma simples satisfação de necessidade alimentar e configura um ritual de partilha.

Carvalho, em seu estudo sobre a hospitalidade na obra de Homero *Odisseia*, afirma ainda que “Zeus *Xenos*, o deus da hospitalidade, influenciou também o surgimento do fenômeno turístico, pois sem hospitalidade nenhum viajante se sente motivado a continuar a viajar” (2017, p. 22).

## **1.2 A hospitalidade hoje: domínios, tempos, espaços e função social**

Entende-se que a hospitalidade carrega em si comportamentos oriundos de sociedades antigas, mas que ainda são expressivos - mesmo que de maneiras distintas - nas sociedades atuais, sendo “um conjunto de comportamentos originários da própria base da sociedade”. (LASHLEY, 2004, p. 5) que remetem a diferentes ordens: religiosas, morais e histórico-sociais. Em muitas passagens, é associada ao dever sagrado do acolhimento do outro, mas também vista em atos de caridade, em instituições como hospitais e hospícios e, já em um cenário mais moderno, dentro de atividades comerciais (SALLES, BUENO & BASTOS, 2010).

Com a comercialização da hospitalidade através do setor hoteleiro, de restauração e de lazer, a academia pendeu para estudos focados no turismo e na prestação de serviços, por vezes se afastando do caráter socioantropológico que a teoria da hospitalidade carrega. Coube a escola inglesa contemporânea liderada por Conrad Lashley fazer este resgate, aproximando estudos

das ciências sociais e filosóficos, em especial os tecidos por Elizabeth Telfer, do setor que na língua inglesa leva o nome de “*hospitality*”. No Brasil, a diferenciação linguística entre hospitalidade e hotelaria facilitam o delimitar dos estudos, mas, dada a carga histórica de associarmos hospitalidade a um mercado ou setor econômico, a separação dos temas ainda sofre certa resistência à compreensão humana. Desta forma, este estudo se baseia nessa vertente de pesquisa – anglo-brasileira – e se vale de três pilares: os domínios da hospitalidade desenvolvidos por Lashley e Morrison (2000), os tempos e espaços de Camargo (2004) e as lentes da hospitalidade, com contribuição de Lashley, Lynch e Morrison (2007).

Independente do momento histórico ou da motivação, bem como da linha de pesquisa adotada por cada autor, é fato que “a função da hospitalidade é estabelecer um relacionamento ou promover um relacionamento já estabelecido” (SELWYN, 2004, p.26) e, nesta relação sempre haverá aquele que assume o papel de anfitrião e o outro, o estrangeiro, estranho ou hóspede, como pode ser constatado no quadro abaixo (quadro 2) que compila conceitos da hospitalidade de autores de diferentes linhas de pesquisa:

**Quadro 2 – Conceitos de hospitalidade**

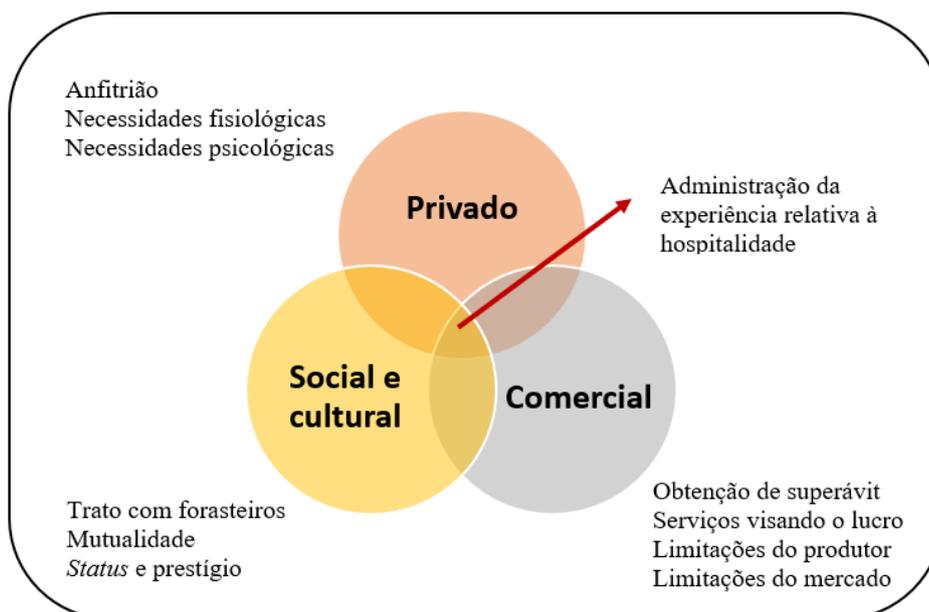
<b>Autor</b>	<b>Conceito de hospitalidade</b>
BAPTISTA, 2002, p. 157	<i>Um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro.</i>
BROTHERTON, 1999, p. 168	<i>Uma troca humana contemporânea voluntariamente voltada para a troca e bem-estar mútuo das partes envolvidas na provisão de acomodação e/ou alimento e/ou bebida. (tradução livre da autora)</i>
CAMARGO, 2003, p. 19	<i>Ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat.</i>
CAMARGO, 2015, p.47	<i>Relação humana em que acontece uma troca entre alguém que recebe (anfitrião) e alguém que é recebido (hóspede), cujo desenrolar pode redundar em apaziguamentos, sentimentos que vão desde a amizade, amor, calor humano (expressão de virtude) até algum nível de conflito, de agressividade, de hostilidade.</i>
CRUZ, 2002, p. 39	<i>Envolve um amplo conjunto de estruturas, serviços e atitudes que, intrinsecamente relacionados, proporcionam bem-estar ao hóspede.</i>
GOTMAN, 2001, p. 66	<i>Uma relação especializada entre dois protagonistas, aquele que recebe e aquele que é recebido por alguém.</i>
LASHLEY, 2004, p.21	<i>Fundamentalmente, o relacionamento estabelecido entre anfitrião e hóspede.</i>
MONTANDON, 2003, p. 102	<i>Uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis.</i>
MORRISON E O’GORMAN, 2006, p.3	<i>Representa a recepção, acolhida e entretenimento cordial do anfitrião para com o hóspede ou estranho de diferentes contextos sociais, seja de forma caridosa, social ou comercial, dentro de seu espaço, seja para se alimentar e ou abrigar-se temporariamente. Dependendo da circunstância e contexto, a hospitalidade ofertada pode variar de condicional a incondicional. (tradução livre da autora)</i>

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Baptista (2002), Carmargo (2003; 2015), Gotman (2001), Lashley (2004) e Montandon (2003).

Ainda que construído com autores que não necessariamente conversem entre si ou seguem a mesma linha de estudo da hospitalidade, o quadro 2 diversifica as lentes que podem ser utilizadas para capturar as nuances do momento do encontro entre anfitrião e outro. Isso enriquece e embasa teoricamente a investigação realizada durante a pesquisa, em especial ao que tange o objetivo específico (a) Investigar as relações de hospitalidade iniciais entre nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos.

Diante das diferentes maneiras como a hospitalidade é percebida e aplicada ao longo da história, nos estudos mais contemporâneos ela é segmentada em domínios, a fim de explorar os aspectos de sua oferta em cada cenário onde ocorre (LASHLEY & MORRISON, 2004). Divididos em privado ou doméstico, social e cultural, e comercial, Lashley e Morrison (2004) afirmam que estes domínios são tanto independentes como sobrepostos e os apresenta graficamente em um diagrama de Venn (figura 1) denominando que a experiência de hospitalidade é o que se encontra na interseção dos três domínios. O diagrama foi criado justamente para evidenciar esta interseccionalidade e reforçar aquilo que há de comum aos três.

**Figura 1 – Diagrama de Venn dos domínios da hospitalidade**



**Fonte:** Lashley, 2000, p.4 (Adaptado e traduzido pela autora)

No domínio privado, a hospitalidade é tratada a partir de casa, do doméstico, o que pode ser visto como uma forma mais genuína e autêntica de hospitalidade. É caracterizado pelo

estudo da “oferta alimentos, bebidas e acomodação nos ambientes domésticos” (LASHLEY, 2004, p.14) e explora o envolvimento da família nuclear no ato de receber e o impacto da interação entre hóspede e anfitrião (LASHLEY, 2004). A hospitalidade neste contexto implica na penetração do espaço geográfico e psíquico do anfitrião, fazendo do gesto de hospitalidade algo por vezes desconfortável e não-espontâneo.

Se remontarmos à Grécia Antiga, o ato de receber um estrangeiro sempre permeava sob duas questões: como proteger um indivíduo que se encontra longe de lugar de origem e com seus direitos privados e, ao mesmo tempo, como proteger sua casa e cidade dos possíveis perigos que este mesmo estrangeiro pode trazer consigo (GRASSI, 2011). Tais respostas se encontram no domínio social e cultural, que considera os comportamentos e rituais distintos de cada sociedade e os papéis do anfitrião e do hóspede, sendo assim, diretamente ligado ao contexto histórico específico em que ocorre (LASHLEY, 2004).

Com o passar dos anos, essas obrigações mudam, como resposta a modernidade ou ao aumento de contato com estrangeiros, sejam eles imigrantes, refugiados ou turistas (LASHLEY, LYNCH & MORRISON, 2007). O’Mahony acrescenta ainda que “a hospitalidade, no domínio social, pode ocorrer nos contextos privado e comercial” (2015, p.115) logo, ao analisar os domínios privado e comercial, faz-se necessário levar em conta o contexto no qual a hospitalidade é consumida.

Sendo assim, no contexto social da Grécia Antiga, as questões dos anfitriões eram respondidas com a ajuda dos deuses. Hermes e Héstia se dividiam e complementavam no ritual helênico da acolhida, sendo ela a deusa do lar, o interior da casa e ele o mensageiro, aquele que só chega até a soleira, o exterior. Sendo assim, passar de Hermes a Héstia, da soleira a mesa, significava ser admitido no ritual da hospitalidade (GRASSI, 2011 *apud* VERNANT, 1991) e, então, ao contexto doméstico.

Por fim, no domínio comercial a hospitalidade estudada é aquela que ocorre no mercado, dentro das relações comerciais, mais amplamente na oferta de hospedagem, alimentos e bebida e entretenimento através de compensação monetária. Esta compensação levanta críticas dos alguns estudiosos quanto a validade de descrever este domínio com o termo hospitalidade. Gotman questiona “Se a hospitalidade é uma dádiva e, portanto, desinteressada, é legítima a apropriação do termo pelo turismo?” (GOTMAN & CAMARGO, 2009, p. 3) ao que Telfer (2000) acrescenta que ainda que este domínio possa ser por vezes inóspito, a hospitalidade pode existir visto que os indivíduos envolvidos podem manifestar hospitabilidade. Independente do domínio ou formato escolhido para compreender a hospitalidade, a relação interpessoal sempre será componente básico (CAMARGO, 2015),

sendo assim uma perspectiva nova sobre os encontros, um novo olhar para o estudo do relacionamento humano (GODBOUT, 1998).

Para além dos domínios de Lashley, Camargo apresenta um conceito que enumera os tempos da hospitalidade: “a hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou comercial, que envolve o ato de receber, hospedar, alimentar e entreter pessoas” (CAMARGO, 2003, p. 19). Estes tempos acontecem de forma diferente em cada um dos domínios, os quais Camargo chama de espaços da hospitalidade e que inova acrescentando o espaço virtual, não abordado por Lashley. Há dezesseis campos de estudo específicos da hospitalidade representando a relação dos tempos e espaços da vida, conforme apontados no quadro 3:

**Quadro 3 – Tempos e espaços da hospitalidade**

<b>Tempos</b> <b>Espaços</b>	<b>Recepcionar</b>	<b>Hospedar</b>	<b>Alimentar</b>	<b>Entreter</b>
<b>Doméstico</b>	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual	Fornecer pouso e abrigo em casa para pessoas	Receber em casa para refeições e banquetes	Receber para recepções e festas
<b>Público</b>	A recepção em espaços e órgãos públicos de livre acesso	A hospedagem proporcionada pela cidade e pelo país	A gastronomia local	Eventos públicos de lazer e eventos
<b>Comercial</b>	Os serviços profissionais de recepção	Hotéis, hospitais e casa de saúde; presídios	A restauração	Eventos, espetáculos e espaços privados para lazer
<b>Virtual</b>	Folhetos, cartazes, folders, internet, telefone, e-mail	Sites e hospedeiros de sites	Programas na mídia e sites de gastronomia	Jogos e entretenimento na mídia

**Fonte:** Camargo, 2004, p. 84. (Adaptado pela autora)

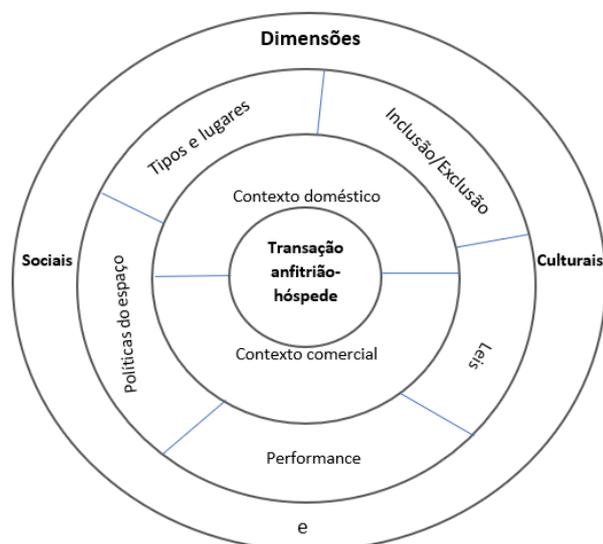
Camargo destaca que, dentre as ousadias que sua sistematização traz, estão: (a) a evidência à hospitalidade pública e a inclusão do entretenimento, inovando em relação à escola anglo-saxã e (b) a inclusão e ascensão da hospitalidade comercial, se distanciando da escola francesa. Afirma ainda que seu estudo dá cor e vida à hospitalidade comercial, visto que a aproxima do contexto dos demais espaços. Conclui que a “hospitalidade é interação de seres humanos com seres humanos em tempos e espaços planejados para esta interação” (CAMARGO, 2004, p. 85). Pontual, por fim, – sob críticas - que, mesmo nas relações que se

dão em espaço comercial é possível haver hospitalidade para além do que foi acordado ou contratado, visto que qualquer demanda será feita para um outro ser humano, que pode atender em um gesto de hospitalidade. E é este olhar mais puro, despido de tanto protocolo e de tanta lei que vem sendo resgatado, mais e mais pela sociedade de um modo geral. A economia compartilhada, as experiências de interação com locais e a hospedagem em contexto doméstico, por exemplo, se apresentam ora como soluções ao consumo exagerado ou padronizado, ora aos altos custos de vida, mas também como um resgate ao que se perdeu: o calor humano.

Com isso, o interesse por estudos da hospitalidade cresce no campo das ciências sociais, visto que “[...] é um fenômeno humano que existe em múltiplos níveis societários, seja uma nação como um todo, uma comunidade em particular, no contexto cívico, doméstico ou comercial” (LASHLEY *et al.*, 2007, p.173. Tradução livre da autora) logo, “permite uma busca intelectual das dimensões sociais que caminha lado a lado de dimensões de natureza econômica” (LASHLEY *et al.* 2007, p. 3. Tradução livre da autora). Lashley *et al.*, (2007) afirmam ainda que a investigação por meio da hospitalidade, que antes era restrito à sua própria área de conhecimento, ganha espaço significativo na exploração e compreensão de estudos sobre a sociedade.

Dada essa possibilidade multidisciplinar, Lashley *et al.* (2007) criam uma estrutura conceitual que chamam de lentes conceituais da hospitalidade, que congrega contribuições de Derrida (2002), Derrida e Dufuormantelle, 2000), Selwyn (2000), Ritzer (1996) e de todos os autores que contribuíram para a obra “*Hospitality, a Social Lens*” publicada em 2007, onde tal estrutura é apresentada (figura 2).

**Figura 2 – Lentes conceituais da hospitalidade**



**Fonte:** Lashley, Lynch e Morrison, 2007, p. 175. (adaptado pela autora)

Esta ferramenta possibilita o uso de diferentes lentes em situações sociais nas quais a hospitalidade está presente na compreensão os aspectos da sociedade onde o ato hospitaleiro ocorre, sempre partindo do ponto central, também descrito como tema dominante dentre os nove temas que compõem as lentes: a transação entre anfitrião e hóspede. Esta transação pode ser descrita como um constructo social reconhecido como a raiz de qualquer sociedade civilizada. Ainda que o *modus operandis* varie face ao contexto social e cultural em que ocorre, a essência desta relação é a responsabilidade do anfitrião para com hóspede e o respeito e obediência civil do hóspede para com o anfitrião (LASHLEY *et al.*, 2007). Os oito demais temas dominantes elegidos pelos autores são os contextos, espaços, tempos, lugares e aspectos que servem como lente de análise para toda e qualquer transação entre anfitrião-hóspede (quadro 4):

**Quadro 4 – Temas dominantes que compõe as lentes da hospitalidade**

<b>Lente</b>	<b>Descrição</b>
<b>Contexto doméstico</b>	Raízes domésticas da hospitalidade e as conotações simbólicas dos ritos, práticas, linguagem, e papéis na relação anfitrião-hóspede
<b>Contexto comercial</b>	Tipos e lugares onde a interação anfitrião-hóspede contém dimensões econômicas, para além da social. Visto que o anfitrião assume o papel uma organização comercial, a autenticidade é questionada nessa lente
<b>Inclusão/exclusão</b>	A inclusão simboliza a aceitação do outro como semelhante ao anfitrião (o cruzar da soleira) e a exclusão, o oposto, o outro como estranho, como um sujeito indesejado e que não é bem-vindo.
<b>Leis</b>	Obrigações, padrões, princípios, normas e regras entre anfitriões e hóspedes definidas social e culturalmente, comumente não escritas
<b>Performance</b>	O desempenho dos atores que fazem parte da transação anfitrião-hóspede para com o <i>script</i> definido para aquele espaço e tempo
<b>Políticas do espaço</b>	Conceito de limites e fronteiras que definem inclusões e exclusões e o nível de intimidade/distância requerido
<b>Tipos e lugares</b>	Formas e lugares onde se experiencia a relação anfitrião-hóspede
<b>Dimensões sociais e culturais</b>	Anfitrião e hóspede constroem, temporariamente, um universo moral comum, envolvendo o processo de produção, consumo e comunicação fortemente enraizados em dimensões sociais e culturais que vão definir tal relação.

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de Lashley, Lynch e Morrison, 2007, p. 174-175.

Nessa pesquisa, o uso das lentes faz-se bastante relevante na análise sobre o encontro entre o anfitrião nativo e o anfitrião gestor de meio de hospedagem não-nativo, visto que este segundo foi, em princípio, um hóspede na região. Isso porque as lentes permitem uma exploração de vieses complementares sobre uma mesma situação. Certamente as lentes de contexto doméstico e a de leis ajudam a compreender os comportamentos dos nativos na chegada do visitante. A lente de política do espaço evidenciará se é concedido ao outro o livre trânsito ou a permissão de moradia naquela região. As dimensões sociais e culturais emergem em um segundo momento, quando o não-nativo já está morando na região e esta nova sociedade formada pela mescla de nativos e não-nativos precisa reestabelecer sua moral como sociedade. Já a lente de inclusão e exclusão poderia evidenciar não só cenas de inospitalidade entre nativos e não nativos, quanto uma inospitalidade do não-nativo ao virar anfitrião para com o anfitrião nativo, visto que assume um lugar de poder.

Visto que o objeto de estudo selecionado é uma comunidade remota, que passa por um processo de adaptação à vida em sociedade heterogênea entre nativos e não-nativos, questiona-se o quão semelhante essas relações de hospitalidade são daquelas que ocorrem em meios urbanos. Em suma, se traçar uma linha do espectro da hospitalidade na atualidade, de um lado a temos como virtude carregada de deveres para com o outro (o estranho), os possíveis “estreitamentos ou esgarçamentos do vínculo social de início buscado” (CAMARGO, 2015, p.44) e o resgate do calor humano e do outro lado, na outra extremidade, a inospitalidade nas sociedades contemporâneas, que reforçam o individualismo, “e o desinteresse no contato, quando não a hostilidade” (CAMARGO, 2015, p.44). Camargo afirma ainda que a hospitalidade acontece, em realidade, nas frestas, ou “[...] nos interstícios de um cotidiano e de uma história marcada da inospitalidade [...]” e ressalta “[...] as possibilidades que restam no mundo contemporâneo, de manifestação ou recriação dos vínculos sociais” (CAMARGO, 2015, p.45).

Se a hospitalidade observa o encontro, a troca, o acolhimento, a relação anfitrião-hóspede, cabe à teoria de laços sociais o estudo das interações sociais que persistiram e se concretizaram em um laço. Em estudos contemporâneos, a definição do que é um laço social é, por vezes, confundida com a de interação social - que normalmente denota um encontro momentâneo. Como este estudo busca aproximar as teorias da hospitalidade e de laços sociais para uma análise mais profunda das relações, o capítulo seguinte é reservado para uma explanação sobre a teoria dos laços sociais e as teorias que a sustentam.

### 1.3 Laços Sociais: do indivíduo à comunidade

Afirmar que o “o mundo social é feito de relações de vários tipos entre inúmeras e variadas entidades sociais em constante transformação” (MARQUES, E., 2019, p.4) soa quase como um resgate à fala de Salles, Bueno e Bastos (2010) sobre a hospitalidade e seu paralelo com a noção de sociedade. No entanto, esta é uma afirmação que tem como raízes a sociologia econômica neokantiana de Georg Simmel (1908), que estudou sociedades e culturas e foi precursor nos estudos da sociologia urbana e no fomento da análise de redes sociais.

Se resgatarmos as origens da palavra economia, *oikos* do grego, significa casa e o sufixo *-nomia* a administração, logo a economia (*oikonomia*) tem suas raízes no lar, no núcleo familiar (MITROPOULOS, 2020). Sua expansão, o que culminou na organização em sociedade que conhecemos hoje, carrega preceitos que surgiram no cerne de uma casa e se transformaram na organização político-social de todo um povo. A hospitalidade propõe estudar o conjunto de comportamentos e relações que dão origem a sociedade, seus espaços, tempos, domínios e toda influência histórico-cultural que carrega partindo do contexto doméstico, ao passo que a sociologia econômica tem como principal indagação o comportamento de uma sociedade das instituições afetadas pelas relações sociais (GRANOVETTER, 2004). A sociologia de Simmel traz à luz as noções de uma metodologia empírica e sistêmica que investiga a sociedade e seus padrões de relações através das redes sociais dos indivíduos que a formam (MARQUES, E., 2019).

O exemplo mais conhecido sobre redes sociais vem da “teoria de seis graus de separação” que na transição entre as décadas de 80 e 90 ganhou os palcos e as telas com a produção do dramaturgo John Guare. No mesmo ano de estreia nos cinemas, um grupo de jovens criou um *meme* sobre a temática envolvendo o ator Kevin Bacon, alegando que, dado a quantidade de filmes que ele já havia feito, com absoluta certeza qualquer pessoa do mundo estaria ligada a ele por seis graus de separação.

Apesar da teoria já ter sido testada pelo psicólogo americano de família húngara Stanley Milgram (1967), que comprovou que não só Bacon, mas qualquer cidadão está ligado a outro por apenas seis pessoas com um estudo conhecido como *Small World Studies*, ela só se popularizou na academia dez anos depois, com o livro de Duncan Watts “*Six Degrees: The Science of a Connected Age*”, publicado em 2003. Ironicamente, na Hungria, o conceito de seis graus de separação já existia desde 1929, quando o humorista Frigyes Karinthy publicou um conto em seu livro que descrevia este fenômeno (NARY & MOLONTAY, 2019). Da literatura ao *meme*, os seis graus de separação popularizaram e possibilitaram a fácil compreensão de

teorias muito mais complexas como a Teoria Geral dos Sistema e a Teoria de Redes Sociais, teorias estas que são apresentadas neste estudo por servirem de complemento à teoria da hospitalidade nas investigações propostas.

A Teoria Geral dos Sistemas (TGS) passou a fazer parte do *hall* de teorias intensamente usadas pela academia científica por volta de 1950 com os estudos do biólogo alemão Ludwing von Bertalanffy. Em sua busca por um modelo científico que possibilitasse a explicação do comportamento de um organismo vivo partindo da totalidade deste e não de partes fragmentadas, elucidou a aplicabilidade da teoria de sistemas para a resolução de questões científicas e empíricas da forma como fazemos hoje.

“[...] No passado a ciência procurava explicar os fenômenos observáveis reduzindo-os à interação de unidades elementares investigáveis independentemente umas das outras, na ciência contemporânea aparecem concepções que se referem ao que é chamado um tanto vagamente “totalidade”, isto é, problemas de organização, fenômenos que não se resolvem em acontecimentos locais, interações dinâmicas manifestadas na diferença de comportamento das partes quando isoladas ou quando em configuração superior, etc.” (BERTALANFFY, 2015, p. 62).

Desta forma, para o enfoque sistêmico explanado por Bertalanffy, “não tem sentido analisar as partes do corpo separadamente, pois um órgão interfere no funcionamento de outro e no funcionamento do corpo em geral” (ARAÚJO & GOUVEIA, 2016, p.7). E o que é um sistema? Bertalanffy conceitua como o “conjunto de unidades em inter-relações mútuas” (1977, p.57), não sendo inteligíveis diante da investigação por partes isoladas. Churchman (2015) conceitua como o “conjunto de partes coordenadas para realizar um conjunto de finalidades” (CHURCHMAN, 2015, p.47) e exemplifica - ainda se valendo da linha de raciocínio biológico de Bertalanffy - que “um animal, por exemplo, é um sistema, maravilhosamente construído, com muitas partes diferentes que contribuem de várias maneiras para a sustentação de sua vida, para seu tipo reprodutivo e suas atividades” (CHURCHMAN, 2015, p.47).

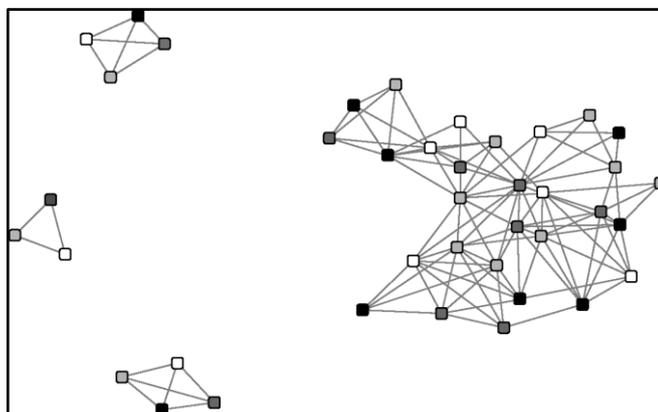
Nas ciências sociais este mesmo princípio foi incorporado, dado que indivíduos se relacionam entre si e que cada parte que compõe uma instituição é codependente de uma outra parte, significando que um organismo, seja ele vivo ou institucional, só funciona se cada uma e todas as partes estiverem relacionadas. Um país, por exemplo, é também um sistema, com estados, cidades, fronteiras, ministérios encarregados de diferentes pastas públicas, para além de seus cidadãos e interesses sócio-políticos e econômicos. Teorias sistêmicas não se valem de perspectivas gerais do Estado para caracterizá-lo ou responder questões e problemáticas que o circundam. Pelo contrário, buscam identificar processos e estruturas que caracterizam o sistema

societário, que pode ser considerado como o grande sistema que abarca todos os outros subsistemas sociais (LUHMANN, 1982). Estes, por sua vez, são formados pela cadeia de redes sociais de cada indivíduo que compõe tal sociedade.

Para Granovetter (2007), o comportamento humano, ou a maior parte dele, está profundamente imerso nas redes sociais dos indivíduos que compõem uma sociedade. À sombra de sua trajetória, as redes sociais eram inicialmente usadas como metáfora, sem qualquer rigor analítico ou sistêmico (PORTUGAL, 2007). A situação mudou quando Bott (1971), “uma das primeiras antropólogas a utilizar o conceito de redes como ferramenta para a análise de relacionamentos entre pessoas e os seus elos pessoais em múltiplos contextos” (SILVA, FIALHO & SARAGOÇA, 2013) investigou aspectos como o tamanho, quais eram os tipos de contatos que aconteciam entre indivíduos, como os elementos da rede se relacionavam, a durabilidade, frequência e importância dos laços e o que acontecia quando relações eram descontinuadas.

As redes passaram a ser compreendidas como parte de um sistema, a exemplo de redes de serviço médico ou redes de ONGs. O objetivo maior na formação dessas redes de “iguais” é justamente otimizar recursos, diminuir tempo e aumentar a produtividade (MARQUES, E., 2019). Dada sua complexidade e forma sistêmica, redes tornam-se um “método para a descrição e a análise dos padrões de relação nela presentes” (MARQUES, E., 2019, .4) apresentadas graficamente com base em conceitos da matemática e da geometria euclidiana (VERMELHO, VELHO & BERTONCELLO, 2015): redes gráficas formadas por pontos, também chamados de nós, que representam os indivíduos unidos por retas, os laços (figura 3).

**Figura 3 – Rede gráfica hipotética**



Assim como redes possuem diversos elementos e características<sup>2</sup> específicas, podendo ser formadas por um mesmo tipo de atores ou por tipos diferentes (uni modal e multimodal) ou correlacionadas a partir da repetição ou não dos “nós” que a compõe (redes de co-presença ou afiliação), cada laço social também tem sua particularidade. Um indivíduo quando nasce logo inicia a construção de laços que, neste primeiro momento, se dão com sua família. Estes laços fortes são carregados de identidade comum e com alto nível de credibilidade e influência e são comuns também em ambientes no contexto religioso ou na vizinhança.

Na sequência da vida, quando passa a frequentar a escola, e, mais tarde, um ambiente de trabalho, onde *a priori* não conhece ninguém, começa a criar laços fracos, que permitem acesso a novos grupos com identidades comuns à dele ou não, a informações para além daquelas adquiridas em casa e também a possibilidade de formação de laços fortes para com indivíduos com quem haja identificação, seja pelo motivo que for. Pode-se definir laços fortes e fracos da seguinte forma:

#### Quadro 5 – Diferenças entre laços fortes e laços fracos

Laços Fortes	Laços Fracos
Identidade comum; mesmo ciclo social	Conexões entre indivíduos de grupos diferentes
Se dão entre família, amigos etc.	Se dão entre indivíduos com quem cruzamos na escola, clube, igreja, trabalho
São frequentes, íntimos e duradouros	Esporádicos, espaçados e passíveis de interrupção
Alto nível de credibilidade e influência nas tomadas de decisão	Trazem a possibilidade de inovação e de novas oportunidades
Não se estendem para além dos <i>clusters</i>	Conectam indivíduos com vários grupos diferentes do seu, permitindo a construção de pontes
Promovem disseminação de informação dentro do grupo	Promovem transferência de informação entre grupos distintos, acelerando a interação social

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Granovetter (1973), Kaufman (2012), Powers, Jha e Jahin (2016).

Trazendo os laços para um contexto mais tangível, Portugal (2011) elenca diversas questões aplicadas em um estudo empírico sobre o papel das redes sociais das famílias no acesso à recursos de bem-estar. Essas questões ajudam na elucidação e simplificam o que é um estudo que investiga laços e as diferenças entre laços fortes e fracos:

“Quem faz parte da rede? Com quem se estabelecem as trocas? Com quem se interage? Com quem se pode contar? A quem se recorre quando se precisa de emprego? A quem se deixam as crianças? A quem se pede dinheiro emprestado? A

<sup>2</sup> Ver Apêndice A – Elementos das redes sociais e redes e seus tipos

quem se contam os segredos? Para uns, as respostas a estas e outras questões permitem identificar múltiplas relações, para outros, com diferentes perguntas obtêm-se sempre os mesmos nomes.” (PORTUGAL, 2011, p.41)

A autora afirma que a maioria das respostas às perguntas indica algum integrante da própria família, reforçando as características dos laços fortes. Mas e quando um indivíduo faz parte de uma sociedade que não é a sua de origem e não tem sua família ou indivíduos com quem possui laços sociais fortes por perto? Este trabalho explora isso.

Na perspectiva de Granovetter (2007), as redes de relacionamento tornam-se “aspecto central, tanto na compreensão de relações imediatas, quanto de ligações mais distantes, estruturais” (SILVA, SILVA, SOUZA, MELO & ANDRADE, 2017, p.180). Quanto mais fortes são os vínculos da rede de um indivíduo, mais consistentes são as decisões tomadas por ele (KAUFMAN, 2012) e quanto mais laços fracos são formados, maior a possibilidade de inovação e do vislumbre de novos horizontes (GRANOVETTER, 1983).

Laços são considerados de extrema importância na promoção de coesão social, pertencimento e sentimento de identidade, do inglês *bonding*. Possibilitam também o fenômeno chamado *bridging*, que denomina a construção de pontes para além da rede social nuclear. As pontes são estabelecidas por determinados tipos de laços dentro de cada contexto social. Pontes entre diferentes grupos sociais permite “aos indivíduos acender a mundos que lhes estariam vedados no interior da sua rede de relações próximas” (PORTUGAL, 2007, p, 12-13). As pontes simbolizam a integração social para além dos núcleos e laços fortes primários e na construção de padrões de sociabilidade que possibilitam maior troca e interação entre grupos distintos (BRIGGS, 2001; MARQUES, E., 2009).

Azarian (2010) evidencia ainda uma outra particularidade sobre os laços sociais: o fato de ser comumente confundido com interações sociais em análises contemporâneas. Afirma que a persistência ou durabilidade é uma das características que distingue um laço social de uma breve interação. Ao mesmo tempo, a substância de qualquer relação consiste na interação específica que acontece entre um indivíduo ou outro, mas são o volume e a intensidade dessas interações que irão determinar se transcenderam como laço ou não. Por fim, são as expectativas mútuas que servem de fonte de sustendo aos laços o que nos remete ao paradigma da dádiva de Maus (1974), do dar-receber-retribuir.

Se um laço social se forma a partir da interação entre pessoas e laços que constroem pontes são aqueles formados para além do núcleo, pode-se afirmar que a hospitalidade tem importante papel nessas construções. Onde há inospitalidade, laços não são formados. Desta forma, se a hospitalidade é considerada um espelho que reflete as normas, valores, crenças e

ideologias de uma sociedade e serve de balizadora na identificação de ordem e desordem social e permite a compreensão micro e macro de um povo (LASHLEY *et al.*, 2007) fica clara a possível aproximação com a teoria de redes sociais e os estudos de laços.

Historicamente, “a importância da hospitalidade para a coesão social e para o bem-estar geral das comunidades é [...]” observado na redistribuição de “[...] alimentos e bebidas a vizinhos e pobres” (LASHLEY, 2004, p. 9). Os cuidados com os cidadãos e serviços de saúde preventiva ofertados pelo Estado são fenômenos relativamente novos. “Antes dele, muitas sociedades confiavam na benevolência dos ricos para proverem lares de idosos e enfermarias beneficentes para cuidar dos doentes e dos menos afortunados” (O’MAHONY, 2015, p. 117).

No que tange os laços sociais, “os debates das redes sociais [...] se associam (ou podem se associar) ao tema da pobreza, permitindo incorporar simultaneamente elementos mais gerais da estrutura social e a sociabilidade cotidiana dos indivíduos” (MARQUES, E., 2009, p. 476) bem como a subjetividade de cada indivíduo e a maneira como se conectam (MORGAN, 2017).

Valendo-se da afirmação de SWEDBERG (2004) de que, por natureza, todos os fenômenos econômicos são sociais – dado que acontecem com os indivíduos da estrutura social – o que se espera da aproximação das teorias de hospitalidade e dos laços sociais é encontrar padrões de repetição que evidenciem os possíveis fatores que levam um laço social a tornar-se um vetor no alívio à pobreza. Dessa forma, as variáveis elencadas como as mais relevantes para atingir-se este resultado estão expostas no quadro 6 abaixo, compreendendo que o contexto no qual as relações acontecem tem como pano de fundo a atividade comercial do turismo e da hospitalidade.

#### **Quadro 6 – Variáveis das teorias da hospitalidade e dos laços aplicadas**

Referentes à hospitalidade	Referentes aos laços sociais
Domínio social e cultural, que permite a análise dos comportamentos e ritos de uma sociedade, bem como do papel do anfitrião (LASHLEY, 2004).	A força dos laços fracos (GRANOVETTER, 1973; 1983).
Recepcionar no espaço público como tempo-espaço (CAMARGO, 2004).	As pontes entre diferentes grupos sociais e a possibilidade de ascensão socioeconômica por meio destas (PORTUGAL, 2007).

**Fonte:** Elaboração da autora

## CAPÍTULO 2 – TURISMO E POBREZA

Como vimos anteriormente, estima-se que vivam hoje no mundo mais de 700 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza estabelecida pelo Banco Mundial (BM), ou seja, mais de 10% da população vivendo com menos de 1,90 dólares por dia (PROVCALNET, 2020)<sup>3</sup>. Dessa forma, a pobreza é considerada o principal desafio da humanidade e sua erradicação – ou, no mínimo, seu alívio – é pauta de discussões entre governos e agências internacionais.

Até a década de 1970, a pobreza era tratada de maneira relativa e as soluções criadas para combatê-la assentavam-se exclusivamente no viés econômico. Entre 1970 e 1990, estudiosos e economistas passaram a analisar os aspectos sociais da pobreza como o fator de escolha e o bem-estar social (CRESPO & GUROVITZ, 2002). Isso permitiu que as organizações internacionais traçassem planos e ações de alívio da pobreza de formas mais abrangentes, indo em busca de uma atividade comercial que permitisse crescimento econômico associado ao desenvolvimento social e a minimização de privações. Nos anos 2000 a ONU, através da OMT, apresenta o turismo como mercado mais promissor no alívio à pobreza de forma multidimensional.

Este capítulo apresenta o terceiro eixo de abordagem dessa pesquisa: a pobreza e seu alívio. Traz uma explanação sobre os diferentes conceitos de pobreza, seu estudo e a evolução dele ao longo dos anos até o culminar do conceito de turismo como ferramenta de alívio à pobreza.

### 2.1 O conceito de pobreza

O conceito de pobreza é abordado, corriqueiramente, de maneira objetiva sob um viés econômico. Entretanto, ao considerar seus aspectos sociais, culturais, históricos e de desenvolvimento como um todo, ou seja, a sua subjetividade, o conceito ganha uma abrangência que inclui tudo que é relativo ao indivíduo e suas relações intersubjetivas.

As primeiras pesquisas acadêmicas sobre pobreza datam mais de 100 anos. Levantavam dados quantitativos e apresentavam métodos para identificação e classificação dos pobres e a possibilidade de formulação de medidas para seu alívio. A herança de Charles Booth, com sua publicação “*Live and Labor of People in London*” (1889), relembra a importância de evidências

---

<sup>3</sup> Dados anteriores à pandemia do Sars-Covid-19 e suas implicações econômicas. O BM projeta que entre 40 e 60 milhões de pessoas passarão a fazer parte do grupo que se encontram abaixo da linha de pobreza em 2020 (WB, 2020)

concretas e da pesquisa para o fomento de políticas públicas eficazes, bem como a importância da inserção da camada pobre na economia para que uma sociedade prospere (O'DAY & ENGLANDER, 1993) – teoria esta defendida posteriormente por C. K. Prahalad (2009) com a teoria da riqueza na base da pirâmide. Logo no início do século XX, Rowntree (1901) tece contribuições com sua publicação “*Poverty: A Study Town Life*”, onde sintetiza o que são e como medir as necessidades básicas de um indivíduo, definidas por ele como alimentação, aluguel, vestimenta e combustível (ROWNTREE, 1901 *apud* ASSELIN, 2009).

Passados cem anos, o viés da investigação e metodologia da métrica mais difundida no mundo não mudou muito. O Banco Mundial classifica, desde 1990, a pobreza com base no Produto Nacional Bruto (PNB) *per capita*, medida apresentada naquele ano em seu anual *World Development Report* (FARIAS & MARTINS, 2007). O Banco Mundial, a partir do PNB, desenha o poder de compra de cada país com base no mínimo de capital necessário para suprir um indivíduo com alimentação básica, vestimenta e abrigo (WORLD BANK, 2019). Primeiramente, essas métricas são apresentadas nacionalmente e, então, uma linha internacional da pobreza é calculada, tomando os 15 países mais pobres dentre os 101 analisados como parâmetro (FERREIRA *et al.*, 2016). A atual linha internacional denomina pobres aqueles que ganham 1,90 dólares por dia – o valor mínimo para suprir um indivíduo com o básico. Abaixo deles estão os extremamente pobres (FERREIRA *et al.*, 2016), grupo de maior enfoque das discussões sobre o tema.

Se por um lado o Banco Mundial lidera como uma das instituições de maior respaldo político-econômico e carrega lugar de destaque nas discussões sobre pobreza, a academia – e cada vez mais o mercado – questionam a limitação de índices da pobreza unicamente econômicos, ou absolutos. Entende-se que os elementos não-tangíveis da pobreza são importantes para sua análise, mas que, dado à dificuldade de medi-los, nos limitamos, como sociedade, a analisá-la sob viés econômico e material (ROMÃO, 1982). Assim é calculada e apresentada a pobreza e seus níveis mais objetivos ao mundo.

Entretanto, para além das medidas econômicas, a pobreza pode incorporar aspectos não econômicos e ser “contextualizada de forma dependente ou não da estrutura sociopolítica da sociedade” (CRESPO & GUROVITZ, 2002). Pode ser caracterizada de forma subjetiva – carregada de juízo de valor – de forma relativa ou absoluta (ROMÃO, 1982; CRESPO & GUROVITZ, 2002).

A pobreza categorizada como “juízo de valor” é subjetiva em seu conceito e denota uma visão abstrata quanto ao que deve ser considerado um nível de privação suportável. É uma visão individualista e não considera uma situação social concreta (CRESPO & GUROVITZ, 2002).

Já as abordagens relativa e absoluta respaldam-se na macroeconomia e são conceituadas com base no contexto social no qual ocorrem.

A linha da pobreza relativa é traçada de acordo com o padrão de vida de uma sociedade, com base em dados da renda *per capita*. Em sociedades desiguais, aqui cabe a visualização da pirâmide econômica, que divide pobres e ricos por faixas de renda. Além de não considerar aspectos cruciais para a avaliação da pobreza, este conceito induz ao uso indiferente dos termos pobreza e desigualdade (ROMÃO, 1982), que não são sinônimos, mas são comumente confundidos.

A pobreza absoluta é caracterizada pelo estabelecimento de um nível mínimo exigido de satisfação de necessidades para que um indivíduo tenha prosperidade. A linha da pobreza absoluta é traçada com base em diferentes aspectos, como: (a) o biológico, que elenca os requisitos nutricionais mínimos da dieta alimentar de um indivíduo e o valor mínimo para bancá-lo; (b) das necessidades básicas, sendo elas a alimentação, moradia, vestuário, água potável, saneamento, transporte público, saúde e educação; e (c) quanto ao salário mínimo, que deve representar o valor mínimo necessário para custear o nível mínimo de vida de um indivíduo.

No quadro 7, apresenta-se a síntese destes conceitos, bem como as críticas tecidas a cada um deles:

**Quadro 7 – Pobreza: conceitos e críticas**

Autores	Conceito de pobreza	Crítica
Orshansky (1969); Altimir (1979); Van Praag, Goedhart e Kapteyn (1979)	Pobreza como fenômeno subjetivo, carregada de juízo de valor	Criticado por Drewnowski (1977) que chamou de “conceito de pobreza subjetiva”, alegando ser uma visão antiquada e cheia de interesses político-econômicos
Townsend (1970); Wedderburn (1974)	Privação relativa; alguns têm menos de certos atributos que outros	Sen (1976; 1978) apresenta ideias mais completas e dá margem à noção de destituição absoluta, afirmando que a pobreza relativa a complementa;
Rowtree (1901); Bhatti, (1974); Milano (1988)	<p>Relevante apenas em termos absolutos; padrões mínimos são estabelecidos para balizar os pobres: linha da pobreza;</p> <p>Necessidades básicas precisam ser atendidas: nutrição, moradia e vestuário;</p> <p>Contextos relativos não são considerados.</p>	<p>Sen (2000) questiona como é possível estabelecer uma única maneira de conceituar a pobreza se os objetos analisados são tão dispares.</p> <p>A percepção de pobreza e as privações dos pobres em um país de primeiro mundo não são as mesmas que de países subdesenvolvidos, por exemplo.</p>

		A pobreza absoluta é fundamentalmente relativa (Milano, 1988)
Ferber e Musgrove (1978,1979); Ahluwalia <i>et al.</i> (1979); Fishlow (1972); Bacha e Taylor (1978); Macedo (1980)	Pobreza relativa/absoluta; linha de pobreza relativa pode ser traçada com base na renda per capita de X% da população.	Anand (1977) e Szal, (1977) criticam a maneira como o limite da pobreza é definido, em especial pois implica que a pobreza jamais poderá ser erradicada, visto que sempre existirão X% de pobres.

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Romão (1982)

Abordagem com enfoque mais sociais se deram tal qual a evolução da sociedade: a partir do rompimento do pensamento sistemático que vê o indivíduo como um recurso. Necessidades básicas e sua pluralidade passaram a incorporar o discurso da ONU apenas em 1970 (CRESPO & GUROVITZ, 2002), considerando, a partir de então, essas várias faces da pobreza. O rigor social, por outro lado, só ganhou força entre 1980 e 1990, em especial após a premiação do Nobel de Economia de 1998 à Amartya Sen, economista indiano que ofereceu contribuições por meio de estudos da teoria de escolha social e medidas de bem-estar.

Pode-se afirmar que a contribuição mais importante de Sen foi a ideia de privação de capacidades, que conceitua a pobreza, em suma, como a vida de privações que uma pessoa leva e ausência de liberdade, em especial de escolha, comparada com a vida que ela poderia ter (SEN, 2000). O autor defende que “[...] a privação relativa de rendas pode resultar em privação absoluta de capacidades” (SEN, 2000, p.110) e “[...] que a desigualdade de renda pode ser prejudicial, mas as demais formas de desigualdades podem ser ainda mais perversas para uma dada população [...]” (MARQUES, R.B., 2006, p.22).

As contribuições de Amartya Sen junto as de Mahbud ul Haq culminaram na criação do primeiro índice que substituiu o indicador de renda *per capita* por um indicador que combinava uma variedade maior de fatores – incluindo sociais – nas medidas de desenvolvimento: o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), projetado pelo Programa das Nações Unidas, PNUD.

Este índice não só permitia o estudo da pobreza ou desenvolvimento de uma sociedade por meio de três dimensões, sendo elas: renda, escolaridade e saúde, como reforçava a quebra do pensamento do indivíduo como recurso. Em fala de comemoração do 25º aniversário de publicação do primeiro Relatório do Desenvolvimento Humano, o Secretário-Geral da ONU à época relembra a epifania vivida:

*“For too long before the advent of this landmark series, a nation’s prosperity was viewed solely through the lens of economic growth. This approach obscured a central*

*truth: people are the real wealth of a nation. The Human Development Report helped change the perspective, from the things that a nation produces – to the people who actually produce them”. (KI-MOON, B. 2015)<sup>4</sup>*

Questionou-se, no entanto, se as três dimensões de uma sociedade analisadas pelo IDH eram suficientes para captar todos os aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais em cada país analisado. A partir disso surgiram diversos outros índices, em sua maioria baseados neste primeiro, na tentativa de preencher os *gaps*: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), Índice de Pobreza Humana (IPH), o Índice de Desigualdade de Gênero (IDG), Índice de Condições de Vida (ICV), Índice de Desenvolvimento Infantil (IDI-UNICEF), Índice de Exclusão Social (IES), entre outros. O fato é que a pobreza tem natureza multidimensional.

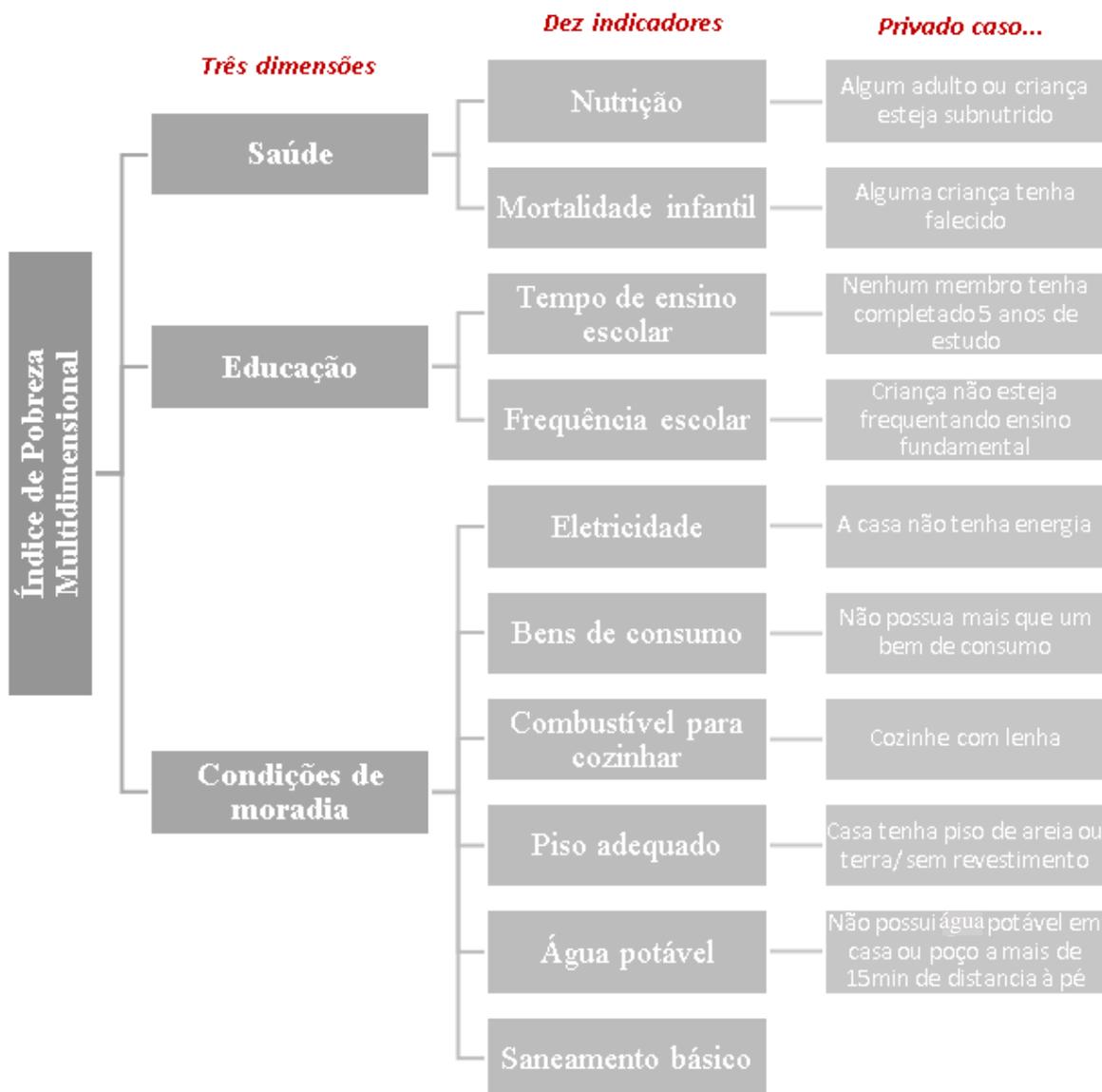
Em estudo realizado nos anos 2000 pelo BM encabeçado por Deepa Narayan traduzido para o português como “Vozes dos Pobres”, milhares de indivíduos em situação de pobreza foram consultados sobre o que significava ser pobre para eles. Quatro foram as respostas unânimes: privação de recursos (seja físico, ambiental, social ou humano); privação de necessidades básicas (alimentação, abrigo, terras); ausência de infraestrutura básica (saneamento, transporte, saúde) e, por fim, a falta de voz, poder e independência, o que os torna vulneráveis à exploração e humilhação (NARAYAN, PATEL, SCHAFFT, RADEMACHER & KOCH-SCHULTE, 2000). Este último fator, tão subjetivo e irreconhecível na análise da pobreza a partir de índices numéricos confirma a fala de Frenzel (2013) de que a pobreza não deve ser unicamente analisada apenas por indicadores quantitativos e que não é só um problema de falta de recursos e sim uma questão sociopolítica (BEBBINGTON, 2007) carregada de inospitalidade. É importante lembrar que a pobreza é também uma violação dos direitos humanos, e, sendo assim, uma “manifestação de exclusão e falta de poder” (MIKKELSEN, 2005, p. 204).

Diante disso, as agências internacionais compreenderam a importância de um índice que observasse a pobreza como ela é: multidimensional. Criado em 2010 em parceria da PNUD com a *Oxford Poverty and Human Development Initiative*, o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) conta com dez indicadores de qualidade de vida (ALKIRE & SANTOS, 2013). Qualquer indivíduo privado de pelo menos três de um total de dez indicadores considerados importantes para se ter qualidade de vida é considerado pobre (figura 4).

---

<sup>4</sup> “Por muito tempo, antes do advento dessa série de marcos a prosperidade de uma nação era vista solenemente por meio de lentes do crescimento econômico. Essa abordagem ofuscou a verdade central: pessoas são a verdadeira riqueza de uma nação. O Relatório de Desenvolvimento Humano ajudou a mudar essa perspectiva das coisas que uma nação produz para as pessoas que efetivamente as produzem”. (KI-MOON, B. 2015 - tradução livre da autora).

**Figura 4 – Dimensões, indicadores e pontos de corte do IPM**



**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Alkire e Foster, 2008; Alkire e Santos, 2013.

Segundo Alkire e Santos (2013), o IPM tem como objetivo quantificar a pobreza aguda ou extrema, compreendida como a incapacidade de um indivíduo em atingir simultaneamente o mínimo exigido nos indicadores dos ODMs – ativos na época em que o IMP foi criado – e as capacidades básicas. Sen (1981), afirma que o IMP e o conceito de “mínimo para viver” (*dollar-a-day measure*) não são duas maneiras alternativas de medir a mesma coisa, mas dois conceitos de pobreza distintos. Enquanto o IPM identifica os indivíduos que falham em conquistar o mínimo de indicadores e capacidades, o “valor mínimo para viver” aponta aqueles que não possuem a renda necessária para alcançar certas necessidades. Afirma ainda que ambos os

conceitos são capazes de medir e acessar informações relevantes sobre pobreza, no entanto, o IPM serve como complemento a qualquer análise econômica, visto que foca naquilo que falta, nas privações.

Ainda que a pobreza possa – e deva - ser analisada em inúmeros contextos, bem como a hospitalidade e os laços sociais, o presente trabalho se restringe a um recorte da sociedade composta por aproximadamente dois mil habitantes, remota, cheia de particularidades ante sua não-urbanidade, onde o turismo é a principal atividade econômica. Dentre tantos conceitos e variações de pobreza, faz-se importante declarar que para este estudo tratar-se-á da pobreza como base nos estudos de Crespo e Gurovitz (2002), definindo-a como um fenômeno multidimensional que além das privações de recursos básicos para uma vida digna abarca também a falta de voz, poder, empoderamento, independência e capacidade de estar no controle, mas que não exclui, nem diminui a importância da renda no efetivo alívio à pobreza. Neste estudo, o contexto no qual a pobreza, as privações e o alívio dessas será abordado é o da atividade turística, o que será abordado no subcapítulo seguinte.

## **2.2 O turismo como ferramenta de alívio à pobreza**

A pobreza sob a ótica do turismo também divide opiniões. Historicamente, enquanto nos anos 1950 e 1960 o turismo era tido como um mercado inovador e modernizador em especial para países em desenvolvimento – visto que era considerado “um dos meios mais rápidos de obtenção de moeda estrangeira e um dos fatores mais eficazes de distribuição de renda.” (COOPER ET AL., 2007, p.310) – nas décadas seguintes foi retaliado com críticas sobre a sua real capacidade de ajudar países mais pobres (SCHEYVENS & HUGHES, 2019). O paradigma se dava por conta do vazamento de capital e da exploração de terra e mão de obra que acontecia com o advento do turismo em alguns países subdesenvolvidos (SCHEYVENS & HUGHES, 2019). Com isso, em alguns países o impacto era positivo e a população mais pobre usufruía dos benefícios proporcionados pelo turismo, mas em outros, o enriquecimento acontecia apenas para os mais ricos, exacerbando a pobreza local (BLAKE, ARBACHE, SINCLAIR & TELES, 2008).

Entre os anos 1990 e 2000, os dados quantitativos sobre empregabilidade e faturamento com o turismo trouxeram a atividade de volta às boas projeções. Os relatórios anuais de impactos econômicos da World Travel and Tourism Council (WTTC) são criados para oferecer evidências aos segmentos públicos e privados sobre o valor do turismo como atividade econômica. Em contrapartida, é esperado que os segmentos incluam o turismo nas políticas

públicas e investimentos privados. Por serem dados quantitativos, os destaques são bastante objetivos e o relatório mais recente indica que nos últimos nove anos o turismo contribuiu com o crescimento econômico global em 2,5% (WTTC & OXFORD ECONOMICS, 2020). Destaca ainda que o mercado turístico representou 10,3%, do PIB mundial de 2019 e que 1 em cada 10 empregos ofertados no mundo estavam diretamente ou indiretamente ligados com o turismo ou foram induzidos por ele (WTTC & OXFORD ECONOMICS, 2020).

Esta renascença do turismo como mercado promissor e munido de boas intenções culminou com o lançamento do programa ST-EP: *Sustainable Tourism Eliminating Poverty* em 2002 por parte da OMT. Tal projeto encorajava e financiava o turismo sustentável por intermédio de atividades que funcionassem também como ferramentas de alívio à pobreza e fome, questões de inequidade de gênero, sustentabilidade ambiental e de fomento de parcerias globais. Sendo assim, evidenciava o turismo como um mercado com capacidade de proposta de ações tangíveis quanto ao alcance dos ODMs (FRANGIALLI, 2002).

Em 2015 a ONU apontava o turismo como mercado detentor de características propícias para não só alavancar o alívio à pobreza, objetivo número um da Agenda 2030, bem como diversos – e quiçá todos os demais – ODSs. Scheyvens, Banks e Hughes (2016) consideram que a maior mudança entre os ODMs e os ODSs foi o fortalecimento do papel do setor privado, que passou a ser responsabilizado em mesma proporção ao setor público e à sociedade civil. Inovação, responsividade, eficiência e provisão de habilidade e recursos específicos são alguns dos ganhos mais relevantes ao incluir-se o setor privado à roda de discussão (SCHEYVENS, BANKS & HUGHES, 2016).

Entretanto, a própria Scheyvens (2019) traz mais tarde críticas quanto ao fato de os mesmos objetivos serem renovados agenda após agenda. A autora sugere um contraponto às suas contribuições e afirma que uma mudança de foco é necessária caso queira-se alavancar uma sociedade por meio do turismo. Explica que antes de focar em como o turismo pode oferecer crescimento econômico e prover empregos, é preciso considerar se o turismo consegue prover alternativas tais como: redução da vulnerabilidade dos cidadãos mais pobres; desenvolvimento de capacidades; na promoção de empoderamento e no incentivo a auto gestão da vida digna, do bem-estar e dos direitos humanos (SCHEYVENS, 2011). Esta crítica vai em linha com o conceito de pobreza de Crespo e Gurovitz (2002) selecionado como abordagem deste trabalho.

Para Scheyvens e Hughes (2019), o turismo pode aumentar a percepção de inequidade entre ricos e pobres o que pode acarretar a transmissão intergeracional da pobreza, ou seja, a ausência de transferência de capital, não só econômico como humano e social (DUARTE,

SAMPAIO & SAMPAIO, 2009). Pode também fornecer aos nativos de um destino turístico a falsa sensação de desenvolvimento, visto que é comum que com o turismo os bens de consumo passem a fazer parte daquela sociedade, que por vezes segue sem a provisão de equipamentos básicos de saneamento, água potável e energia estável. Como a injeção de capital é nítida, alguns indivíduos passam a ser menos pobres do que eram antes, mas não necessariamente deixando a pobreza por completo (MAHADEVAN & SUARDI, 2017). Ashley e Roe (2002) salientam ainda que se o objetivo de toda empresa é a maximização de lucro, por que se espera que investidores em equipamentos turísticos em pequenas comunidades tenham um comprometimento ético para com a localidade onde querem estabelecer negócio? No Brasil, país onde historicamente a interferência governamental no planejamento e desenvolvimento do turismo é precária, compreende-se que cabe à iniciativa privada a administração do turismo e a promoção de melhorias neste viés.

Pode-se afirmar que a literatura mais recente sobre a aplicabilidade do turismo como ferramenta de alívio à pobreza segue a tendência da descentralização do pensamento no capital econômico e instiga o olhar para questões estruturais da sociedade (SCHEYVENS & HUGHES, 2019; KOEHLER, 2017). Ainda que não descartem a possibilidade de prosperidade de comunidades de destinos turísticos, alertam que é por meio de uma relação mais humana e mais próxima entre os povos locais e os investidores (bem como do governo) que os impactos negativos do turismo podem ser reduzidos.

Schyevens e Hughes (2019) sugerem algumas práticas que precisam se tornar obrigatórias e que deveriam compor o quadro de diretrizes do “ODS 1 – Acabar com a pobreza em todas as suas formas”, em todos os lugares. São elas: (a) impulsionar o acesso a recursos e ajudar na construção de resiliência; (b) empoderar pobres e vulneráveis e ajudar na garantia de seus direitos, bem como na participação da tomada de decisão sobre o desenvolvimento do turismo; (c) contratação formal dando segurança para os funcionários, investimentos em infraestrutura local que acarreta a melhoria de qualidade de vida dos funcionários, logo, em melhorias em seu desempenho; (d) alta regulação de grandes empresas e na penetração do mercado internacional; (e) alta regulação trabalhista, bem como promoção de desenvolvimento profissional e oportunidades para vulneráveis; (f) promover redes sociais seguras.

Fica evidente que a crítica à descentralização do estudo pautado unicamente no desenvolvimento econômico ou na provisão de capital é reforçada nos estudos de turismo e alívio à pobreza, bem como feito por Crespo e Gurovitz (2002) para com a conceituação de pobreza. Além disso, se o turismo é uma atividade econômica com meios de tornar-se uma potência de alívio à pobreza e esses meios estão ligados ao capital humano, faz-se possível a

junção das teorias da hospitalidade e dos laços sociais à discussão. Dessa forma, pode-se afirmar que a triangulação teórica entre hospitalidade, pobreza e turismo é amarrada por meio dos laços sociais estabelecidos entre os atores participantes daquela cena, que nesse estudo são os anfitriões.

## **CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este capítulo trata dos procedimentos metodológicos utilizados para obtenção de respostas ao problema de pesquisa proposto para neste estudo. Trata-se quanto sua abordagem, o tipo de pesquisa quanto aos fins e meios, os métodos de coleta e ao método de análise escolhidos. Apresenta-se ainda o objeto de estudo, justificando sua escolha. Caracteriza-se a comunidade do Atins, tanto em seus aspectos geográficos e históricos quanto em relação à atividade turística e a pobreza local. A última parte do capítulo é reservada para a análise e discussão do material coletado para, então, responder à problemática apresentada.

A proposta deste trabalho é triangular a hospitalidade, a pobreza e o turismo tendo os laços sociais como elo que os une e encaminha o seguinte questionamento: De que forma as relações de hospitalidade e os laços sociais estabelecidos por meio do turismo entre anfitriões nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos contribuem para o alívio à pobreza? A partir dessa indagação foi definido o objetivo geral desse trabalho: compreender a contribuição da hospitalidade e dos laços sociais, no âmbito do turismo, para o alívio à pobreza. Três proposições são definidas a fim de serem validadas ou refutadas com a pesquisa, sendo elas: (P1) Os anfitriões nativos são hospitaleiros com os gestores de meios de hospedagem não-nativos em sua chegada à uma comunidade para investir no turismo; (P2) Anfitriões nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos estabelecem laços sociais fracos e fortes; (P3) Os laços sociais estabelecidos entre nativos e gestores de meios de hospedagem não nativos auxiliam no alívio à pobreza multidimensional.

É uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, realizada por meio da observação assimétrica não-participante, da aplicação de entrevistas semiestruturadas, culminando na categorização e análise do conteúdo por meio dos dados coletados.

### **3. 1 Posicionamento epistemológico**

As ciências humanas e sociais e a pesquisa científica aplicada nesse campo sofrem, desde seu princípio, críticas quanto a validade de seus resultados por conta da subjetividade de seu objeto de estudo: o ser humano. Em decorrência da dificuldade de tratamento do objeto, “[...] tão sujeito a modificações, complexo e que, principalmente, reage a qualquer tentativa de caracterização e previsão [...]” (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p.2) a “[...] sociologia foi sempre apresentada como tendo uma base científica frágil [...]” (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p.2). Sendo assim, a história da pesquisa científica em ciências sociais foi marcada pela importância

na clareza e precisão da descrição e escolha do seu objeto de estudo e pela definição, justificção e rigor do método científico, sempre na tentativa de driblar pesquisas que resultassem em uma carga de impressão exacerbada e que fossem consideradas extra científicas (MARTINS, 2004).

Em paralelo à esta problemática, caminhou o questionamento sobre o posicionamento epistemológico dos pesquisadores, criticando aqueles que não fossem positivistas. A abordagem positivista contemporânea, embasada em August Comte e John Stuart Mill indica que as pesquisas das ciências humanas e sociais podem ser realizadas com instrumentos das ciências físicas e naturais, defendendo estudos quantitativos (MOREIRA, 2020). “Os pesquisadores que aplicam este tipo de metodologia usam dados vindos de levantamentos amostrais ou outras práticas de contagem, focando o comportamento humano em termos de variáveis dependentes ou independentes” (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p.2). Dessa forma, o comportamento humano é compreendido como o “[...] resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas, gerando determinados resultados” (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p.2).

É sabido que esta última afirmação pode – e deve – ser considerada em análises do comportamento, do desenrolar de uma sociedade ou do próprio indivíduo como entidade particular, singular, porém, ao estudar-se humanos torna-se imprescindível considerar seus fatores orgânico e subjetivo. Sendo assim, o posicionamento metodológico interpretacionista considera que o homem é diferente dos objetos, não é passivo e está, constantemente, interpretando o mundo no qual habita. Os dados coletados e analisados por pesquisadores interpretacionistas são, então, qualitativos, colhidos por meio de estudos etnográficos, estudos de caso, pela observação, ou por meio de entrevistas (LESSA DE OLIVEIRA, 2008).

Segundo Moreira (2002) o embate entre pesquisadores dessas duas visões se estenderá por anos, dada a tradição da pesquisa qualitativa. Barbosa, Santos, Matos e Almeida (2013), das ciências administrativas, defendem, no entanto, que:

“Não há uma forma única de produzir conhecimento, não há uma explicação única para um fenômeno social, não há uma forma única de interpretar dados, assim como também não há verdade única e inquestionável. O mesmo fenômeno pode ser compreendido a partir de diferentes abordagens epistemológicas e cada uma delas levará a um ponto de chegada diferente”. (BARBOSA, SANTOS, MATOS & ALMEIDA, 2013, p. 637)

Compreende-se então que a escolha do viés epistemológico e do método de pesquisa simbolizam não só o curso de estudo, mas também o posicionamento do (a) pesquisador (a) no

cenário acadêmico. A presente pesquisa segue o viés interpretacionista, visto que busca investigar as relações de hospitalidade e os laços sociais de um a sociedade, partindo do interior, da subjetividade destas, rumo a respostas quanto a pobreza e seu alívio.

### 3.2 Abordagem

A pesquisa qualitativa se propõe a responder questões subjetivas, de um nível de realidade que não pode ser unicamente quantificado (MINAYO, 2002). A diferença da abordagem quantitativa está na ordem da natureza dos dados, que se encontram nos significados e nas relações sociais, não percebíveis em “equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2002, p.22).

Sua aplicação passou a ser difundida para além das áreas de sociologia e antropologia a partir dos anos 60, ganhando notoriedade em 70, com a publicação de um número da revista *Administrative Science Quarterly* dedicada à esta abordagem metodológica (GODOY, 1995). Como citado anteriormente no capítulo sobre pobreza, na década de 70 as corporações iniciavam o rompimento do pensamento sistemático que vê o indivíduo como um recurso, ampliando a visão sobre o capital humano e, assim, permitindo a investigação de problemáticas para além dos números.

Dentre as características básicas da pesquisa qualitativa, pode-se elencar: (a) o estudo e a análise do mundo empírico são feitos em seu ambiente natural, a partir da aproximação o pesquisador com o objeto de estudo; (b) o pesquisador como instrumento de coleta de dados; (c) a descrição e a importância do aproveitamento de todos os registros em campo para a elaboração de uma escrita completa; (d) a correta compreensão e interpretação da percepção dos indivíduos ou da sociedade observada; (e) enfoque indutivo (GODOY, 1995). Sendo assim, o foco maior do pesquisador qualitativo é o de compreender o fenômeno estudado observando-o minuciosamente, aplicando à análise tanto os elementos registrados por meio da fala quando os percebidos, conteúdo o qual o sujeito não verbalizou.

Quanto às críticas ao método, pode-se citar: (a) a subjetividade ou proximidade do pesquisador e seu objeto de estudo, necessária para a coleta de dados, mas que pode incorrer em trabalhos especulativos e pouco rigorosos, pondo em xeque a neutralidade da pesquisa científica; (b) a representatividade, relativa a escolha do objeto de estudo e do real papel de representação que este tem em relação a sua sociedade, o que pode acarretar em uma generalização; (c) problemas técnicos relacionados à coleta de dados, visto que os estudos qualitativos demandam investimento de tempo e dependem da confiança do objeto pesquisado

no pesquisador; e (d) a suposta impossibilidade de generalização por meio dos resultados de pesquisas qualitativas, dada sua subjetividade e relação com aquele objeto específico. (MARTINS, 2004).

Considerando as particularidades do objeto estudado e o objetivo geral de compreender a contribuição da hospitalidade e dos laços sociais, no âmbito do turismo, para o alívio à pobreza, esta pesquisa se vale da abordagem qualitativa.

### 3.3 Tipo de pesquisa

O tipo de uma pesquisa é identificado quanto aos seus fins, ante o objetivo e aos seus meios, ao que tange as técnicas de coleta de dados (VERGARA, 2016). Existem diferentes tipos, mas nesse trabalho, considera-se a classificação de Vergara (2016) que se apresenta da seguinte forma:

#### Quadro 8 - Tipo de pesquisa quanto aos fins

Tipo	Descrição
Exploratória	Usada quando se tem pouco conhecimento sobre o assunto a ser pesquisado
Descritiva	Usada quando a intenção é descrever determinada população ou fenômeno
Explicativa	Ideal para quando o objetivo é explicar determinado fenômeno
Metodológica	Quando um modelo metodológico é idealizado
Aplicada	Visa resolver problemas existentes
Intervencionista	Visa intervir em um problema existente

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Vergara (2016)

#### Quadro 9 - Tipo de pesquisa quanto aos meios

Tipo	Descrição
Campo	Quando realizada no local da ação, onde o fenômeno ocorre
Laboratório	Quando realizada em ambiente controlado
Documental	Quando se vale de documentos como fonte de informação
Bibliográfica	Quando utiliza material publicado como livros, jornais e revistas

Experimental	Quando uma análise ou observação são realizados em um ambiente controlado
Ex post facto	Quando estuda de um fato já ocorrido
Participante	Pesquisador é também sujeito na pesquisa
Pesquisa ação	A participação do pesquisador é também uma intervenção no fenômeno estudado
Estudo de caso	Estudo profundo e detalhado sobre um ou múltiplos objetos

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Vergara (2016)

Valendo-se dessas classificações, pode-se afirmar que esta dissertação tem caráter exploratório quanto ao seu fim, visto que não há registros sobre as relações de hospitalidade e os laços sociais entre anfitriões nativos e não-nativos na comunidade estudada, logo o conhecimento sobre o assunto é bastante limitado. Quanto ao seu meio, a pesquisa é de campo, reunindo idas presenciais ao local de estudo e aplicação de entrevistas com anfitriões locais.

### 3.4 Métodos de coleta

Segundo Ludke e André (1986) os métodos de coleta de dados utilizados na pesquisa qualitativa são três: a observação, a entrevista e a análise documental.

Os métodos são caracterizados quanto aos instrumentos utilizados para a coleta, também chamados de técnicas, quanto aos procedimentos realizados, como onde e quando os dados foram coletados, e quanto a sua amostragem, referindo-se à quem são os atores abordados, quais foram os critérios para escolha desse grupo de indivíduos e qual o perfil deles.

Faz-se ainda a distinção entre os tipos de dados coletados, podendo ser primários ou secundários. Os dados primários são aqueles que possuem ligação direta com o tema investigado e são coletados especificamente para uma dada pesquisa. Já os dados secundários são aqueles disponíveis para complementação da compreensão do problema proposto (RICHARDSON, 1999).

Nesta pesquisa aplicou-se os métodos de observação não-participante e a entrevista semiestruturada, que serão descritos na sequência, bem como os demais elementos de coleta.

### 3.4.1 Observação não-participante

A observação, como ação do indivíduo, é carregada de subjetividade e balizada de acordo com as vivências, bagagem cultural e histórica (LUDKE & ANDRÉ, 1986). Com isso, a rigorosidade com a qual a observação deve ser aplicada como método de pesquisa é alta. Sua aplicação deve ser planejada, antevendo o que e como observar. Para isso, a boa delimitação do objeto de estudo antes da aplicação do método faz-se imprescindível.

Para Augusto, Souza, Dellagnelo e Cairo, na observação o pesquisador busca por “se aproximar do ambiente natural em que um determinado fenômeno ocorre, visando chegar mais perto da perspectiva dos sujeitos investigados” (2013, p. 750). Ludke e André complementam indicando que o método de observação possibilita “um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado” (1986, p. 26), sendo a experiência direta ou presencial a melhor maneira de testar um fenômeno.

Durante o processo de planejamento, faz-se necessário a definição do tipo ou grau de participação do pesquisador. Segundo Richardson (1999), a observação pode ser participante, quando o observador ou pesquisador se insere no grupo observado e participa do cotidiano deste ou não-participante, quando o observador não interage com o grupo observado.

Ludke e André (1986) afirmam ainda que “as técnicas de observação são extremamente úteis para “descobrir” aspectos novos de um problema” (p.26) o que se faz bastante relevante nesta pesquisa visto que ela se desenvolve a partir de um primeiro estudo na região, realizado em 2016. Como não existe base teórica suficiente sobre a região do Atins, a observação a partir de visitas *in loco* foi o método selecionado pela autora para desenvolver um arcabouço de informações sobre a comunidade, as condições de vida, a infraestrutura disponível e os equipamentos turísticos presentes.

A aplicação da observação não-participante como método de coleta aconteceu, nesta pesquisa, durante visitas feita à comunidade do Atins em fevereiro de 2019. Com o projeto de pesquisa estruturado, o intuito da visita pautou-se na necessidade de explorar a possibilidade de aplicação de um estudo que tratasse sobre redes sociais ou laços sociais formados entre anfitriões da atividade turística nativos e não-nativos. Além disso, fazia-se necessária a investigação das mudanças em decorrer do avanço do turismo, visto que a pesquisadora faz, desde 2016, visitas anuais à região<sup>5</sup> para registrar por relatos escritos e de maneira fotográfica o desenvolvimento local.

---

<sup>5</sup> Visitas da autora ao Atins aconteceram em novembro de 2016, fevereiro de 2017, março de 2018 e fevereiro de 2019. Em 2020, uma visita estava programada para acontecer entre abril e junho, quando as entrevistas seriam aplicadas, mas precisou ser adiada para outubro por conta da pandemia do Sars-COVID-19.

Ainda que traga vasta contribuição para a pesquisa qualitativa, como evidenciado anteriormente, a coleta por observação é realizada nessa pesquisa como método complementar. Tjora (2006) defende que a coleta realizada por meio de entrevistas e observação podem ser consideradas complementares, ou técnicas interativas. Isso se dá pelo fato de a observação sugerir os aprofundamentos necessários em uma entrevista e pela entrevista induzir o pesquisador a observar o entorno para compreender melhor o que é dito pelo entrevistado.

### **3.4.2 Entrevista semiestruturada**

A entrevista como técnica de coleta de dados pode ser conceituada como:

“[...] uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo (MINAYO, 2010, p. 261).

É considerada uma forma de interação social e uma das principais técnicas de coleta nas ciências sociais (GIL, 2008), destacando-se sua eficácia não só na pesquisa científica quanto em muitas outras atividades humanas (LUDKË & ANDRÉ, 1986) como instrumento jornalístico, instrumento de contratação para um emprego etc. Por conta de sua popularidade, faz-se um instrumento de fácil aplicação com todo e qualquer tipo de indivíduo, pois não exige conhecimento prévio sobre o método ou instrução por parte do sujeito entrevistado.

Quando a fluidez acontece entre entrevistador e entrevistado, este método permite um aprofundamento por vezes carregado de intimidade sobre a percepção do entrevistado sobre o assunto tratado ou quanto ao seu posicionamento diante de uma problemática (LUDKË & ANDRÉ, 1986).

Quanto à sua estruturação, a entrevista pode ser elaborada de forma estruturada, semiestruturada ou não-estruturada. As estruturadas são mais indicadas para pesquisas qualitativas, visto que as perguntas são desenhadas a modo que direcione respostas limitadas. Isso facilita o tratamento e comparação dos dados obtidos e permite análises estatísticas (FRASER, 2004).

As entrevistas semiestruturadas consideram a informalidade e casualidade e respeitam o tempo de resposta do entrevistado. São construídas com perguntas abertas que permitem interrupções por parte do entrevistado para sanar dúvidas quanto ao que está sendo questionado

e permite o aproveitamento de falas que impulsionam novas perguntas (SILVA & SILVEIRA, 2004). Para Triviños (1987) o fato de ser semiaberta permite ainda que os questionamentos feitos ao entrevistador gerem novas hipóteses à pesquisa.

Por fim, as entrevistas não estruturadas são aquelas que se valem apenas de uma guia de tópicos que abordem aspectos relacionados ao objetivo do estudo. No entanto, a entrevista se vale muito mais da fala do entrevistado do que das perguntas propostas pelo entrevistador. O intuito é de provocar uma participação emancipatória por parte do entrevistado (FRASER, 2004).

O quadro abaixo apresenta considerações quanto as vantagens e desvantagens da escolha da entrevista como método de coleta (quadro 10):

#### Quadro 10 – Vantagens e desvantagens da entrevista como método de coleta

Vantagens	Desvantagens
Possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social;	A falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas;
Eficaz na obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano;	A inadequada compreensão do significado das perguntas
Os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação	O fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes
Não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever	A inabilidade ou mesmo incapacidade do entrevistado para responder adequadamente, em decorrência de insuficiência vocabular;
Oferece flexibilidade e maior compreensão dado que o entrevistador pode fazer esclarecimentos sobre as perguntas	A influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado
Possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas.	A influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado

**Fonte:** elaborado pela autora com base em Gil (2008, p.110)

Tradicionalmente, as entrevistas são realizadas exclusivamente de forma presencial. No entanto, com o advento da tecnologia e a facilidade que estas oferecem em termos de custo e descolamento, entrevistas por telefone (ou VoIP) têm sido consideradas método válido e eficiente (GIL, 2008).

Ainda que sua difusão venha crescendo desde a década de 60, esta modalidade ainda não é tão difundida ou defendida quanto as entrevistas face a face (GIL, 2008). Dentre as críticas

mais comuns quanto a suas limitações estão: (a) a possibilidade interrupção da entrevista; (b) a menor quantidade de informação gerada; (c) a impossibilidade de descrever o entrevistado ou de fazer inferências sobre seus gestos e contextualizar seu entorno; (d) inacessibilidade à indivíduos que não dispõe de aparelhos telefônicos ou conexão (GIL, 2008).

Essas críticas são minimizadas quando se considera as modalidades de chamadas de vídeo como substitutas às ligações apenas por voz. Janghorban, Latifnejad Roudsari e Taghipour (2014) defendem, por exemplo, o uso do Skype como meio de aplicação de entrevistas, defendendo a praticidade e abrangência de plataformas de VoIP, altamente difundidas no mundo, a exemplo do FaceTime ou do WhatsApp Call, disponíveis em aparelhos móveis e de uso comum.

Para este trabalho foi escolhido o método de entrevista semiestruturada, que permite a coleta de respostas a perguntas cruciais para a compreensão do fenômeno social estudado. Promove interação informal entre entrevistados e entrevistadora, agregando o caráter emancipatório e permitindo o encaminhamento das entrevistas para novas hipóteses.

A entrevista tem como instrumento um roteiro de entrevista, construído com base no referencial teórico que embasa o estudo proposto e contém perguntas – semiabertas nesse caso – que se relacionam às proposições definidas, a fim de validá-las. A elaboração do roteiro das entrevistas aplicadas (ver APÊNDICE C) foi feita com base em uma categorização prévia que garantia a abordagem das três proposições da pesquisa:

#### **Quadro 11 – Categorização para o roteiro de entrevistas**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Descrição</b>	<b>Proposição</b>
Apresentação do entrevistado	Informações básicas de identificação	Nome, idade e cidade de origem	-
	Atuação profissional	Onde e há quanto tempo atua no Atins	-
	Motivação	Motivação para atuar ou empreender no Atins	-
Hospitalidade	Percepção quanto à hospitalidade	A hospitalidade percebida pelo anfitrião não-nativo de um modo geral	P1
		A hospitalidade percebida pelo anfitrião não-nativo	P1 e P2

	Receptividade / hospitalidade social e cultural	quando ocupava o lugar de visitante/ recém-chegado/estranho	
Laços sociais	Criação/formação	Percepção sobre os laços sociais criados com nativos	P1 e P2
	Contexto	Contexto no qual os laços sociais são formados	P2
	Espaço	Espaço físico propício para a formação ou fortalecimento de laços sociais entre anfitriões nativos e não-nativos	P2
Alívio à pobreza por meio do turismo	Impactos sociais	Percepção do próprio impacto na comunidade local como positivo ou negativo	P3
	Desenvolvimento de habilidades	Impactos no desenvolvimento profissional de nativos por meio dos laços sociais criados	P2 e P3
	Ascensão socioeconômica e profissional	Laços sociais como propulsores de ascensão socioeconômica de nativos por meio da abertura de empreendimento próprio	P2 e P3
	Ampliação de redes	Laços sociais como via de acesso à urbanização	P2 e P3
	Pontes	Laços fracos como indutores a pontes sociais benéficas ao desenvolvimento socioeconômico	P2 e P3

**Fonte:** elaboração da autora (2020)

Planejou-se que as entrevistas seriam aplicadas *in loco* entre os meses de abril e junho de 2020, no entanto, por conta da pandemia do SARS-Covid-19 e as limitações quanto ao

deslocamento, contato social e o fechamento das fronteiras do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, este trabalho sofreu um ajustes quanto à coleta e amostra para que cumprisse o calendário acadêmico e fosse concluído até o dia 15 de setembro de 2020.

### 3.5 Técnica de análise de dados

Com a escolha dos métodos de coleta por entrevista e observação como métodos complementares, fez-se necessária a seleção de uma técnica de análise de dados que fosse compatível com os dois métodos. Com isso, a análise do conteúdo, embasada nos estudos de Bardin (2011) foi definida como a técnica para esta pesquisa.

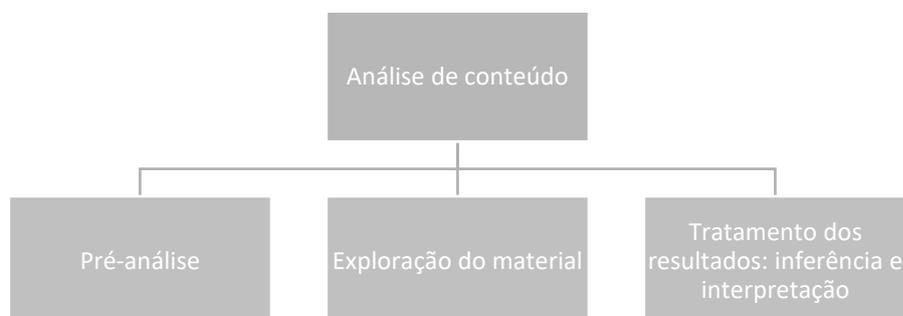
Segundo a autora, a análise do conteúdo pode ser conceituada como:

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47).

Vergara (2010) considera como uma técnica de tratamento de dados com objetivo de identificar o que está sendo dito sobre o tópico proposto. Câmara acrescenta que “O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (2013, p. 182).

No que tange sua utilização, a análise de conteúdo é dividida por Bardin (2011) em três fases ou etapas, como pode ser visto na figura 5:

**Figura 5 – As três fases da análise de conteúdo segundo Bardin**



**Fonte:** elaborado pela autora com base em Bardin (2011)

A primeira fase, pré-análise, é a de organização, na qual o pesquisador seleciona os dados que farão parte da sua análise de conteúdo. No caso de dados colhidos por meio de entrevistas, as transcrições são reunidas para uma leitura “flutuante” (CÂMARA, 2013).

A segunda fase é a de exploração do material, realizada por meio da codificação. Nessa etapa são definidas as unidades de registro (US), ou os recortes de texto que serão analisados. Franco (2005) conceitua as US como “[...] a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas” (p.37). A autora classifica-as quanto ao seu tipo, dentre eles: a palavra, o tema, o personagem e o item e infere sobre as Unidades de Contexto, ou a parte mais ampla do conteúdo analisado, seu contexto, o espaço ocupado pelas US. As Unidades de Contexto auxiliam na análise e interpretação dos dados, visto que permitem que se estabeleça a necessária diferenciação de significado e sentido nos discursos analisados (FRANCO, 2005).

A terceira fase indica a categorização dos dados, etapa que as unidades de registro, dentro do contexto na qual foram apresentadas, são categorizadas de acordo com o referencial teórico. Este, por sua vez, respalda as inferências e auxilia nas interpretações dos resultados (BARDIN, 2011; CÂMARA, 2013).

A unidade de registro “tema” é considerada por Franco (2005, p. 39) como a mais eficiente, em especial quando aplicada em estudos sobre “representações sociais, opiniões, expectativas, valores, conceitos, atitudes e crenças” e foi selecionada para este estudo.

### **3.6 O objeto de estudo: a comunidade do Atins**

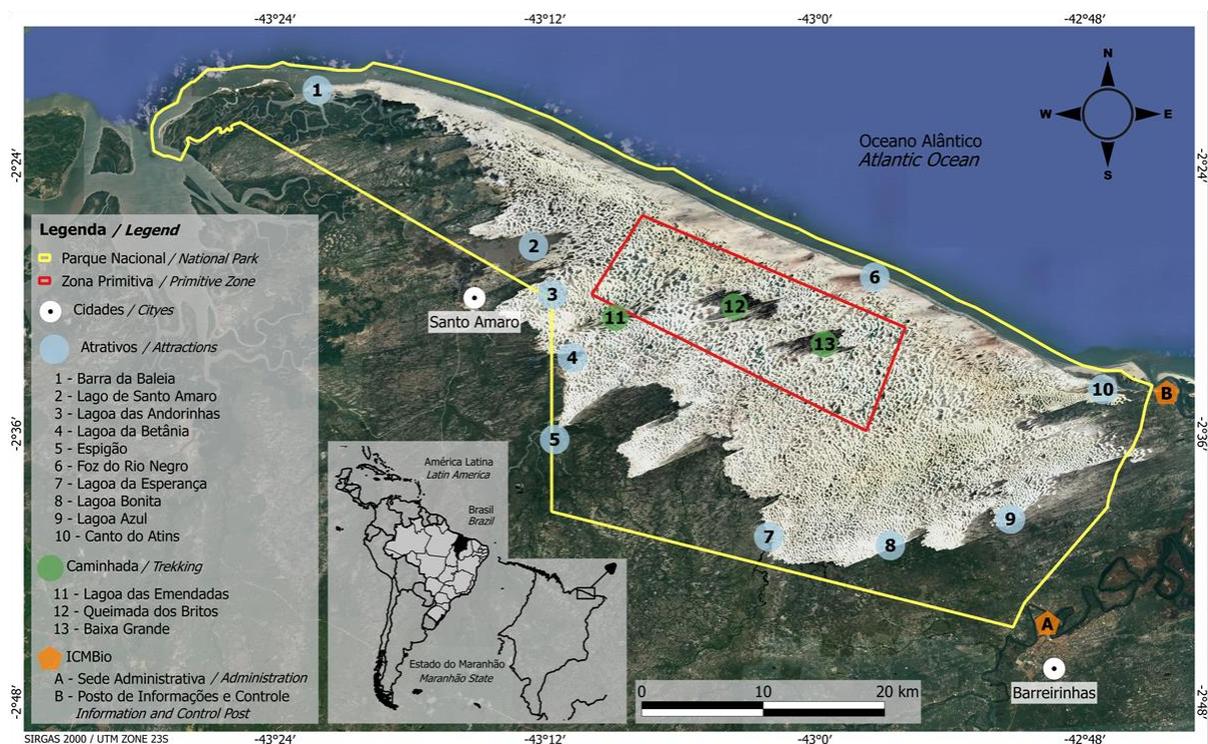
Para Da Matta (1991) o objeto de estudo das ciências sociais é caracterizado por ser transparente, por ter seu ponto de vista e por ter suas próprias interpretações, o que acaba colocando as do (a) entrevistador (a) em xeque. Com isso, o que permite que os preconceitos em relação ao outro sejam superados é justamente o diálogo, instrumentalizado nessa pesquisa por meio de um roteiro de entrevista semiaberta. Para que os demais elementos do procedimento metodológico e a justificativa de escolha sejam mais bem compreendidos, cabe a descrição do objeto em questão: a comunidade do Atins.

#### **3.6. 1 Geografia, economia, população e infraestrutura do Atins**

Atins é uma comunidade localizada na confluência do Rio Preguiças com o Oceano Atlântico, ao nordeste do estado do Maranhão, às bordas do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Faz parte do município de Barreirinhas e é considerado um povoado, ou comunidade rural.

Geograficamente é rodeada pela praia, por canais do rio, mangues e dunas o que a faz um destino com diversos atrativos. O mapa 1, na qual Atins está localizada no ponto B, pode-se identificar sua localização no Brasil, no estado do Maranhão e em relação ao PNLN. O único atrativo turístico acessado por Atins mapeado pelo ICMBio MA é o Canto do Atins, número 10.

**Mapa 1 – Mapa do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e seus atrativos**



Fonte: ICMBio MA, 2020

O acesso até lá se inicia na capital São Luís, onde toma-se a BR-135 por 60km até o município de Rosário e mais 200km pela MA-402 até chegar a Barreirinhas. Este trajeto, que até 2002 não era asfaltado demandava daqueles que se aventuravam entre 8 e 10h de viagem em veículo traçado (CARVALHO, 2004). A operacionalização da rodovia MA-402 tornou o sistema de transporte por via terrestre uma opção rentável e atraente aos turistas. A partir de Barreirinhas, conhecida ainda hoje como principal porta de entrada ao PNLN, é o ponto de acesso terrestre ou fluvial até o Atins. Possível apenas por meio de veículos traçados, tratores ou quadriciclos, a trilha de areia de 27km dura em torno de 1h15min e inacessível em períodos

de chuvas intensas. Outro meio de chegar ao Atins – e o mais comum – é pelo Rio Preguiças, em canoas, bianas (canoas com vela típicas no Maranhão) ou em embarcações motorizadas, seja em barcos de pesca ou nas chamadas de “voadeiras”, lanchas rápidas com casco de alumínio. O trajeto dura entre 40min e 3h30min a depender da potência do motor da embarcação utilizada ou uma tarde inteira quando feito sem motor.

Atins é, em sua essência, uma vila de pescadores, povoada por cearenses flagelados pela seca e pescadores de regiões vizinhas que remavam até a foz do Rio Preguiças em busca de sustento atraídos pelo camarão abundante na região. O marisco foi, por muitos anos, junto ao cultivo de feijão e mandioca, o sustento daqueles que ali se fixaram.

Quanto à infraestrutura, o município de Barreirinhas apresenta uma taxa de 15.7% de domicílios com esgotamento sanitário adequado e 0,5% dos domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio) apenas (IBGE, 2017). Esses dados são parâmetro importante para a compreensão da situação da comunidade do Atins e das projeções de urbanização do local, onde as ruas de areia preservam o caráter remoto e a ausência de urbanização. Não dispõe de rede de abastecimento de água potável, rede de esgoto ou gestão de resíduos sólidos. Toda água consumida é extraída de poços artesianos, dificultado pela proximidade do mar e dejetos são administrados por cada morador local a sua maneira, sendo a queima de lixo nos quintais das casas uma prática comum.

Os primeiros registros de luz elétrica datam a década de 80, oriunda de um gerador trazido por um pescador ludovicense, Antônio Carlos Buna, que fincou moradia por ali na época. Sua presença acarretou mudanças no comportamento dos locais, que à época nunca tinham visto um aparelho de televisão e passaram a definir o horário das refeições de acordo com os programas que o pescador os convidava a desfrutar (BUNA, 2016). A energia elétrica trifásica, como a usufruímos em cidades urbanas, só foi implantada na comunidade no ano de 2015, após o advento do turismo de esporte náutico na região. Atualmente, com a crescente presença de novos empreendimentos hoteleiros a rede de transformadores não sustenta a demanda por energia, em especial de aparelhos de ar-condicionado e chuveiros elétricos, novidades que chegaram entre 2015 e 2016 por lá. A falta de luz ocorre em dias alternados (SANTANA, 2020).

Sem registro formal, estima-se que sua população, incluindo moradores das regiões de Ponta do Mangue, Santo Inácio e Canto do Atins, seja de dois mil habitantes (ATINS.ME, 2020), dentre eles os nativos, ancestrais dos pescadores cearenses e não-nativos, estes vindos de outras regiões do Maranhão ou do Brasil e estrangeiros. Os habitantes de Atins representam aproximadamente 3% da população estimada do município de Barreirinhas (IBGE, 2017).

A rede de ensino é composta por uma Unidade de Ensino Infantil e Fundamental, a UE Gonçalves Dias, com 3 salas de aula que são divididas nos turnos matutino e vespertino entre 2 turmas de Educação Infantil com média de 14 alunos por turma e 4 turmas de Ensino Fundamental do 1º ao 4º ano, com média de 16 alunos por turma. Além disso, há também a Unidade Integrada José Serejo de Carvalho, com 4 salas de aula usadas por 5 turmas com média de 32 alunos por turma. Cada turma é equivalente a um ano do Ensino Fundamental entre o 5º e o 9º ano (INEP, 2018; 2019). Ambas as escolas dispõem de poço artesiano e fossa e fornece merenda às crianças. Em Atins, não há escolas que ofereçam o Ensino Médio e no município de Barreirinhas apenas 7 das 153 escolas o oferecem (IBGE, 2017).

Na área de saúde, Atins conta com uma Unidade Básica de Saúde (UBS) reformada em 2020 com o pretexto do crescimento populacional e expansão do turismo (PMB, 2020). Ainda que não haja gestão de resíduos sólidos, um nativo da comunidade é contratado pela Prefeitura Municipal de Barreirinhas para fazer a coleta do lixo semanalmente. A coleta é feita em um carro de boi de propriedade do nativo e o destino dos resíduos é uma caçamba localizada na propriedade do Buna. O ex-pescador e primeiro migrante da comunidade, que já não reside mais na região, mantém negócios como o transporte de carga de Barreirinhas até o Atins por meio de um trator que corta as dunas e, com isso, aproveita os “fretes” para levar os resíduos de Atins até Barreirinhas. Com isso, a destinação final do lixo ocorre em função da frequência de “fretes” de carga.

Já ao que diz respeito ao mercado de trabalho formal, apenas 7.1% da população de Barreirinhas possui registro, o que leva a um o valor do salário médio mensal dos trabalhadores formais que não condiz com a realidade, este registrado em 2018 como 1,9 salários-mínimos (IBGE, 2018). Sabe-se, no entanto, que a comunidade do Atins é formada por pescadores que recebem do Governo Federal o seguro-defeso, “auxílio pago ao pescador artesanal durante o período em que ele fica impedido de exercer a atividade por causa da preservação das espécies” (RESENDE & PUPO, 2020).

Sendo assim, em uma breve análise ante as características da comunidade do Atins, pode-se afirmar a possibilidade de incidência de um alto IPM, dado que dentre os dez indicadores, um deles é comum à todos (privação de saneamento básico), um segundo pode ser aplicado para boa parte da população (privação de água potável).

### **3.6.2 O turismo em Atins**

O marco de qualquer esboço de urbanização do Atins se deu com a chegada do Buna à região na década de 80. Ainda que este não fosse seu propósito, sua vinda trouxe bens de consumo antes inexistentes na região, trouxe energia elétrica, costumes da cidade, trouxe estética – visto que é artista plástico – e trouxe também visitantes. Como mudou-se para o Atins sozinho, logo construiu chalés onde poderia receber os amigos.

À época, o PNLM que havia sido decretado Parque Nacional há pouco tempo, em 1981, atraía cientistas e viajantes aventureiros, em especial os amigos de Buna, que realizavam expedições off-road pelo Maranhão. Buna era próximo também de Alfonso Leal, figura conhecida como o pioneiro nas expedições dentro do Parque e mentor do grupo aventureiro. A circulação de veículos automotores dentro do Parque e por entre os campos de dunas era permitida até o ano de 2010, mas requeria um conhecimento profundo da geologia local e da ação dos ventos nas dunas de areia, que se movem diariamente e formam “facções”, os paredões de 20 metros de altura que, dada a vastidão da paisagem de areia branca, ficam invisíveis aos olhos. O turismo na região, era, então, recheado de restrições.

A atividade turística permaneceu muito incipiente por um período de mais de 30 anos. Ao longo dos anos 90 e 2000, novas pousadas abriram no Atins, mas o fluxo de turistas ainda era baixo, em especial por conta do seu difícil acesso. Conforme citado anteriormente, a primeira transformação se deu com a inauguração da MA-402 e a facilitação no acesso.

A expansão turismo na região do Atins, em específico, só aconteceu em 2014 com a realização do evento “*Red Bull Rally dos Ventos*”. A proposta era de *Kite Endurance*, prova de habilidade e velocidade na qual seus participantes percorreram 16km entre lagoas e dunas. Com cenário pitoresco e condições climáticas e de vento ideais, o *rally* teve repercussão internacional, dado que o *kite* é um esporte originalmente francês com muitos adeptos. Desde então, Atins passou a integrar a rota do *kite* na costa nordestina, comandada por Jericoacoara, no Ceará, descoberta pelos franceses há mais de 30 anos. Atins e sua simplicidade logo foram batizados de “nova Jericoacoara” entre os esportistas e tornou-se destino de desejo dos europeus, que embarcam para praticar esporte durante o verão brasileiro, quando estão impedidos de fazê-lo na Europa, quando é inverno.

Além do aumento do fluxo de turistas, foi nesse momento que se iniciou o movimento de imigração de investidores estrangeiros, em sua maioria europeus, e de migração a partir do Sul do país para a região. “Destá imigração deu-se também o movimento de migração dos nativos para outros povoados e, em especial, para a cidade de Barreirinhas, usufruindo da oportunidade de vender suas terras aos estrangeiros e galgar uma vida mais urbana (FURTADO, & WADA, 2018, n. p.)”.

Em 2016 a autora realiza a primeira visita à região com cunho exploratório científico, para aplicação de um estudo de casos múltiplos que comparava os impactos socioeconômicos oriundos do turismo em três comunidades da região: Santo Antônio, Queimada dos Britos e Atins. À época, constatou-se que o turismo seguia acontecendo de forma bastante espontânea, sem nenhum rigor de planejamento como sugere Ruschann (2010). Não havia um plano com objetivos traçados pelo poder público, logo o desenvolvimento sadio da atividade turística e suas dimensões estava impedido e dependia da organização dos nativos junto aos novos habitantes. Percebeu-se que os impactos no meio ambiente eram abordados, enquanto os impactos socioeconômicos eram deixados de lado.

Diante de todas as adversidades e informalidades, para os nativos o turismo era considerado como propulsor de muitos benefícios, especialmente no âmbito econômico-financeiro. Dentre os resultados da pesquisa, elencou-se a troca de informação, a possibilidade de intelectualização e o orgulho da identidade e a possibilidade de uma vida menos primitiva como fatores positivos possíveis apenas com o advento do turismo. Este último fator vinha acompanhado do fato do governo local ter investido na infraestrutura local, como a provisão de energia elétrica trifásica.

## **CAPÍTULO 4 – ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Nesse capítulo apresenta-se e analisa-se os dados coletados por meio da observação e das entrevistas com o objetivo de compreender a contribuição da hospitalidade e dos laços sociais, no âmbito do turismo, para o alívio à pobreza.

Para esta pesquisa, foi realizada a análise de conteúdo dos materiais coletados por meio da observação não-participante, que gerou registros escritos e fotográficos e das entrevistas semiestruturadas, aplicadas a gestores de meios de hospedagem do Atins, denominados aqui como anfitriões não-nativos.

As discussões dos resultados retomam o referencial teórico apresentado nos capítulos 1 e 2 e investigam as relações sociais e seus desdobramentos sob a ótica da teoria da hospitalidade e dos laços sociais.

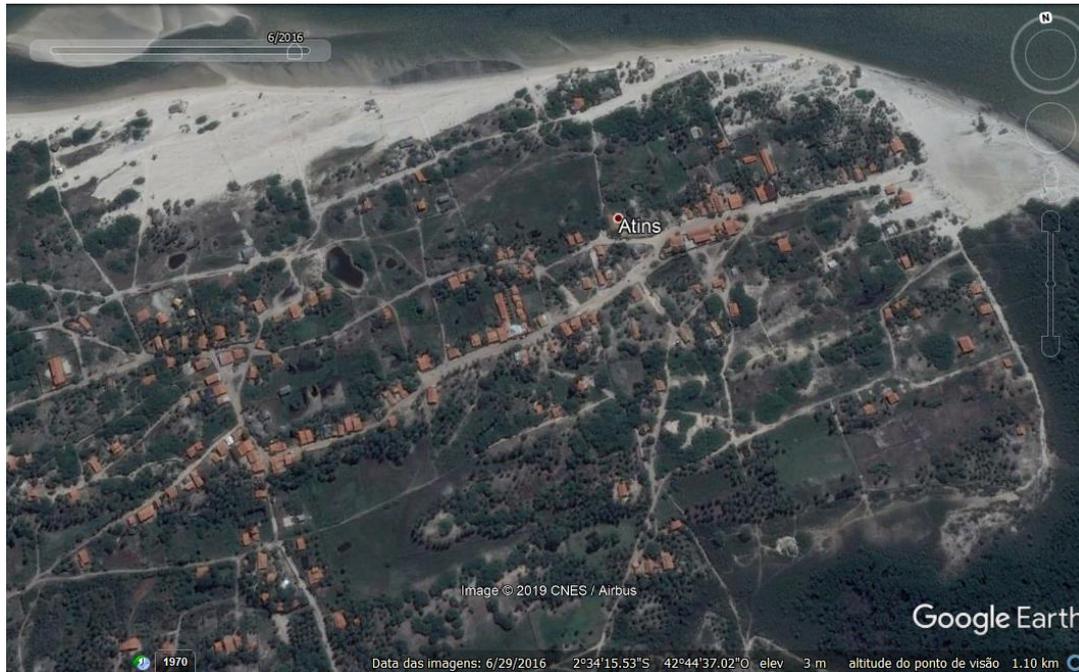
### **4.1 Contribuições da observação não-participante**

Durante a visita ao Atins em fevereiro de 2019 a pesquisadora se ateve a observar os aspectos físicos da comunidade, no intuito de tecer comparações com registros pessoais de visitas passadas. Dentre as principais mudanças observadas, cita-se:

- (a) O crescimento do número de meios de hospedagem e restaurantes, incluindo pousadas consideradas de luxo, bares no centro da vila com foco na vida noturna, uma hamburgueria e cervejaria artesanal com e um restaurante de comida contemporânea;
- (b) O aumento da especulação imobiliária e das obras realizadas com materiais de alvenaria trazidos de Barreirinhas, enriquecendo a diversidade arquitetônica local, mas produzindo também resíduos de construção de difícil descarte em uma comunidade sem coleta regular e local de destinação de lixo;
- (c) O aumento da produção de lixo comum, decorrente tanto do aumento populacional quanto do aumento do fluxo de turistas;
- (d) Presença de três ONGs: uma com foco na preservação ambiental e de espécies marinhas (Instituto Amares), a segunda com objetivo de preservar as praias e promover educação ambiental com crianças das comunidades do Atins e Mandacaru (Atins Sustentável) e a terceira, fundada por um nativo, com objetivo de profissionalizar jovens de Atins para o mercado de trabalho (Casa Apoio).

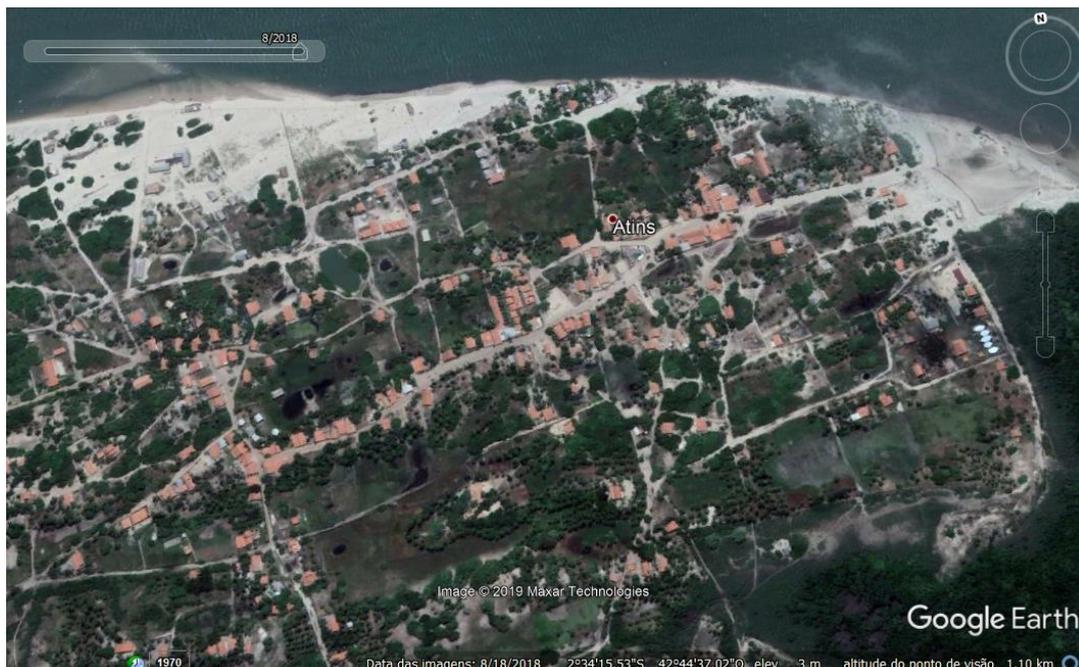
Material fotográfico no APÊNDICE D e E exemplificam as observações relatadas. Além disso, por meio das fotos de satélite a seguir, que datam 2016 e 2018 respectivamente, é possível perceber este avanço “urbano” e crescimento observado *in loco*:

### Imagem 1 – Atins vista de cima (2016)



Fonte: captura da autora pelo Google Earth (2019)

### Imagem 2 – Atins vista de cima (2018)



Fonte: captura da autora pelo Google Earth (2019)

Para além das considerações estruturais, o relato apresentado a seguir, em forma de narrativa livre, faz parte dos registros escritos oriundos também da observação não participante realizada nessa visita. De tudo que foi observado e registrado, a trajetória pessoal e profissional de Francisco Capucci foi a passagem mais marcante e que impulsionou na pesquisadora o desejo de seguir com o estudo de redes e laços sociais. A passagem é narrada da forma livre abaixo, dada sua relevância para a compreensão da construção desse estudo e da escolha dos temas a serem triangulados.

*“Esta é a história de Francisco. Logo que as primeiras pousadas apareceram em Atins, a tia de Francisco candidatou-se a trabalhar na cozinha e assim o rapaz cresceu sabendo que seu dom culinário o dava a possibilidade de um trabalho formal. Não custou muito para que fosse chamado para ajudá-la. Conseguiu trabalhar na maior pousada do local à época e lá teve a oportunidade de trocar com muita gente para além de seu núcleo social. Seu dom definitivamente era uma dádiva para seus clientes, que eram cativados também pela sua simpatia e habilidades de comunicação. Francisco conheceu Cléo, que por ele se encantou. Cléo e sua família estavam sempre ali de férias e seus pais logo decidiram investir no Atins. Quando compraram a primeira pousada na região, Cléo insistiu que Francisco fosse trabalhar para eles, e assim o fez. Com o tempo ele se tornou cozinheiro da família e viajou pelo Brasil os acompanhando. Quando não estava com eles, ia para capital São Luís, onde tinha conhecido muita gente através da família de Cléo. Fez diversos jantares particulares, inclusive para políticos de alto escalão. Se especializou em uma culinária mais sofisticada, na apresentação impecável, no mise en place perfeito. Dada a flexibilidade que tinha com a família de Cléo e a sazonalidade do Atins, viajou também para o Rio de Janeiro durante vários Carnavais, onde costurava para escolas de samba, outro dom que foi revelado ao longo de sua trajetória e do ímpeto empreendedor que tem. Conheceu um pedaço do Brasil, a realidade urbana e um mundo para além do Atins e da sociedade onde cresceu. Hoje tem o título de chef, usa dólmã, coordena uma equipe e, além de seu trabalho formal em uma pousada na região, produz doces e pães os quais vende lá mesmo, de um acordo de lucro compartilhado que estabeleceu com o proprietário. Qual seria a história de Francisco sem energia elétrica fruto do desenvolvimento turístico?”<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> Texto livre da autora produzido em fevereiro de 2019

A partir dessa visita a campo, estruturou-se as demais etapas de investigação necessárias para validar os pressupostos elencados. Para que fosse possível a realização de uma pesquisa em profundidade que coubesse dentro do espaço de tempo disponível em uma dissertação de mestrado, optou-se por delimitar a aplicação de entrevistas com os anfitriões não nativos, que poderiam ser facilmente mapeados pela autora, minimizando as chances de uma pesquisa enviesada. Esta escolha se deu também pela dificuldade no contato com nativos, visto que na região do Atins não há sinal telefônico e qualquer contato precisaria ser feito por meio dos meios de hospedagem onde esses nativos são empregados ou proprietários.

#### 4.2 Considerações a partir das entrevistas

Na etapa de operacionalização da entrevista, foram mapeados 42 meios de hospedagem (quadro 12) ativos e em funcionamento por meio de investigação no portal Atins.me, que tem como objetivo promover informação sobre o destino, do portal de reservas *Booking.com* e por meio da observação *in loco*. Este mapeamento passou por diversas revisões e é apresentado de forma que exclui pousadas que fecharam suas portas entre o período de fevereiro de 2019 e agosto de 2020, seja por conta da pandemia, por uma destruição decorrente do avanço do mar ou quaisquer outros motivos.

#### Quadro 12 – Meios de hospedagem em Atins

Nome do estabelecimento	Proprietário/gerente	Nativo/Não-nativo
Atins Beach House	Marco Labarile	Não-nativo
Atins Charmes Chalés	Anna Teresa Ramus	Não-nativo
Atins Kite House	Alexandre Kuzolitz	Não-nativo
Buna Kite Ranch Pousada	Saulo Godinho	Não-nativo
Casa Acquamarina	Peter Nöldner	Não-nativo
Casa Carnauba	Andrea	Não-nativo
Casa do Boi	Chrystel e Fabien Gandolphe	Não-nativo
Casa Mamagaia	Flavia Mendes	Não-nativo
Cazeta 18	Ana Paula Gomes	Nativo
Convento Arcádia	Olaf Lorz	Não-nativo
Eco Pousada Filhos do Vento	Marcelo e Valéria Jorge	Não-nativo
Estrela dos Lençóis Pousada	Raimundo Ferreira Vares	Não-nativo
Flamboyart	Mara Luzia	Não-nativo
Hostel Atins Paradise	Gabi Caminha	Não-nativo
La Ferme de Georges	Pierre e Olivier / Letícia Santana	Não-nativo
Maré de Atins Eco Lodge	Vivian Aranha	Nativo /Não-nativo

Muita Paz	Gabriela Marquez	Nativo
Oceano Atins Casa Boutique	Antonio Testa	Nativo
Pousada Cajueiro	Rossana e Del	Nativo
Pousada Céu Aberto	Iranilde	Nativo
Pousada da Tia Rita	Girliene	Nativo
Pousada do Bentinho	Bento	
Pousada do Irmão	Aeriverques Pires /Gilvana, Joalice e Alessandro	Nativo
Pousada do Melo	Melo	Nativo
Pousada dos Lençóis Atins	Pedro e Maria	Nativo
Pousada Jurará	Maria Luiza	Nativo
Pousada Maresia	Marco Finotti	Nativo
Pousada Mirage Atins	Marisa	Não-nativo
Pousada Nativa	Girleude	Nativo
Pousada Paraíso dos Ventos	Não identificado (abertura em 2020)	Não-nativo
Pousada Rico do Atins	Alan, Núbia e Rico	Não-nativo
Pousada Vettore	Lindinha e Zé Araújo	Não-nativo
Pousada Vila de Pescador	Gilvana, Joalice e Alessandro	Não-nativo
Refúgio dos Lençóis Maranhenses	Niky Fornario	Não-nativo
Roots Beach Campning	Katharina e Marciel Brito	Não-nativo
Santa Maria	Ignacio Tanto	Não-nativo
Tropical House	Alfonso e Virlyne Leal	Não-nativo
Velho Bateau	Valério	Não-nativo
Vila Aty Eco Lodge	Não identificado (abertura em 2020)	Não-nativo
Vila Guará	Hajira Chebel / Raquel Raimundo	Não-nativo
Vila Vento	Audrey Lavergene	Não-nativo
Villa Estrelas Atins	Adriana	Não-nativo

**Fonte:** elaborado pela autora (2020)

Fez-se ainda uma investigação quanto à naturalidade dos proprietários e gerentes de cada um dos meios de hospedagem, para que fossem classificados como “nativos” ou “não-nativos” e, assim, o contato da pesquisadora fosse direcionado ao universo de respondentes selecionado para esta pesquisa. Nessa etapa, a autora contou com o auxílio da Secretária de Turismo de Barreirinhas, por contato feito por telefone e se valeu de informações disponíveis no portal Atins.me.

Fez-se contato com 12 gestores e proprietários das 28 pousadas administradas por não-nativos. O número de contatos se deu ao fato de muitas pousadas terem fechado por conta da pandemia desde março e não terem reaberto até agosto, quando a autora encerrou a coleta de

dados. Desses 12 gestores apenas 3 aceitaram conceder entrevistas. Dentre as justificativas de recusa dos 9 demais estão: o fato de estarem no processo de reabertura de suas pousadas, de estarem lidando com alto fluxo de turistas “pós pandemia” ou da simples não resposta ao convite.

Sendo assim, foram realizadas ao todo três entrevistas com duas gerentes gerais e um proprietário, todos não-nativos. Conforme justificado no capítulo de procedimentos metodológicos, as entrevistas foram aplicadas por vídeo chamadas e áudio chamadas realizadas no WhatsApp, entre os dias 21 e 24 de agosto de 2020 com duração de 59:25 com a Entrevistada 1; 28:42 com o Entrevistado 2 e de 1:03:28 com a Entrevistada 3.

### 4.3 Análise e discussão de conteúdo

A categorização dos dados coletados nas entrevistas é ponto crucial da análise de conteúdo (FRANCO, 2005). Nesta pesquisa, fez-se uma categorização *a priori* da aplicação das entrevistas durante o processo de criação do roteiro. As categorias definidas como temas macro do roteiro foram: (1) apresentação do entrevistado; (2) hospitalidade; (3) laços sociais; (4) alívio à pobreza por meio do turismo. Durante a fase dois do processo de análise, de exploração do material, é criada então uma categorização com base no material selecionado como escopo da pesquisa (FRANCO, 2005).

As categorias emergentes dessa fase são então: (1) hospitalidade, que engloba as dualidades ao que tange à hospitalidade dos anfitriões nativos para com os não-nativos; (2) os laços sociais, onde e como se dão e como são percebidos; (3) desenvolvimento profissional, tratando sobre como se dá e o que o caracteriza; (4) ascensão socioeconômica, e como ela se dá e é percebida e, por fim, uma categoria sobre (5) impactos sociais, sendo esses negativos, fruto da presença de turistas e anfitriões que reforçam as desigualdades socioeconômicas;

#### Quadro 13 – Categorização dos dados das entrevistas

<b>Categoria 1</b>	<b>Hospitalidade</b>
US1	Os nativos são hospitaleiros
US2	Os nativos são receptivos
US3	As relações de hospitalidade acontecem quando se cria um laço de confiança
US4	O encontro hospitaleiro acontece quando os nativos se sentem respeitados e tratados como iguais

US5	O forasteiro é percebido como inimigo quando é impositivo
US6	A receptividade dos anfitriões nativos é imprescindível para a ambientação do anfitrião não nativo
US7	O anfitrião não nativo promove impactos negativos quando assume o papel de colonizador
<b>Categoria 2</b>	<b>Laços sociais</b>
US8	Anfitriões nativos são construtores de pontes sociais
US9	Os laços sociais entre anfitriões nativos e não nativos se dá majoritariamente no âmbito do trabalho
US10	Laços fortes são estabelecidas entre anfitriões nativos e não nativos
US11	A percepção de laços fortes é diretamente relacionada ao convite para comemoração do aniversário
<b>Categoria 3</b>	<b>Desenvolvimento profissional</b>
US12	A capacitação e oportunidade de treinamentos são cruciais para o desenvolvimento profissional
US13	Os gestores de pousadas se interessam no desenvolvimento e na capacitação da comunidade
US14	O tempo de produção mais lento pode ser uma barreira na contratação de nativos por gestores não nativos
US15	A oferta de empregos em pousadas geridas por não nativos é feita por indicação
US16	Condições de trabalho informais e ruins privam parte dos nativos de trabalharem seu desenvolvimento pessoal e profissional
US17	Ensino da ideia de propósito, do valor do trabalho e da moeda, ficam a cargo dos anfitriões não nativos
<b>Categoria 4</b>	<b>Ascensão socioeconômica</b>
US18	Ascensão financeira minimiza as privações de moradia e poder de compra de bens de consumo
US19	Transição da pesca para a cozinha como status social
US20	Habilidades adquiridas no emprego como forma de empreendedorismo
US21	Possibilidade de empreender mantendo o emprego formal
US22	Renda por meio de contratação CLT em oposição à bolsa de auxílio-defeso
<b>Categoria 5</b>	<b>Impactos sociais</b>
US23	O alto consumo de álcool e drogas afeta a harmonia da comunidade como um todo
US24	O turismo e as condições de trabalho precárias são percebidas como vetor do alto consumo de álcool e drogas

**Fonte:** elaborado pela autora (2020) com base em Bardin (2011)

### 4.3.1 Categoria 1 - Hospitalidade

A primeira categoria identificada trata sobre as noções e percepções sobre hospitalidade tanto no momento do encontro inicial do anfitrião não-nativo, ainda em seu estado de visitante com o anfitrião nativo. Este momento de transação anfitrião-visitante acontece por um curto período, até o forasteiro se apropriar de seu papel de coanfitrião.

A primeira evidência levantada ao cruzar com a teoria da hospitalidade é que ao investigar a situação com a lente de políticas do espaço (LASHLEY, LYNCH & MORISSON, 2007), dado que não há relatos de qualquer tipo de impedimento de não nativos fixarem moradia no Atins. Vale ressaltar o fato pois em algumas comunidades situadas na região do PNLM, não nativos são bem-vindos apenas como visitantes, como o caso de Queimada dos Britos (BRITO, 2016).

Assim, ao chegar no Atins, o gestor ou empreendedor não nativo é recebido por aqueles com quem trabalhará. Ainda que o cenário seja um estabelecimento comercial e as relações tenham como ponto de partida o ambiente de trabalho como vetor comum, a dimensão na qual este encontro se dá é a social e cultural. Nela, o papel do anfitrião e do hóspede – ainda que temporário – é bem estabelecido e são considerados os comportamentos inerentes daquela sociedade em particular, bem como seu contexto (LASHLEY, 2004). O Entrevistado 2 comenta sobre quando questionado quanto à sua ambientação na comunidade:

“A Dadá e o Dodô são duas pessoas que trabalham para mim que no começo eles já estavam aqui na pousada, então foram peça-chave na minha chegada. Eles que me apresentaram a maioria dos nativos, então todos meus amigos nativos se devem a eles”.

Ainda tratando sobre a dimensão social e cultura, para que o novo residente se ambiente, anfitrião e visitante constroem um universo moral comum que permite que dois sujeitos tão diferentes se relacionem de forma cordial (LASHLEY, LYNCH & MORISSON, 2007). Cabe ao forasteiro a percepção da necessidade de adequação a este universo moral, que pode ser elucidado com as seguintes falas da Entrevistada 1:

[...] Ele (o proprietário) me falou uma coisa muito importante: *“As pessoas precisam te ler como alguém que é parceira, mas que não é boss, sabe?”* E aí eu fiquei assim.... *“Tá, eu não sei como é que eu vou fazer isso, mas vou fazer”*. Até porque era importante para mim não chegar como *big boss* de ninguém, por que eu não me via assim. Eu sou também uma mulher do interior, da baixada fluminense, negra, com mil questões de autoestima, inclusive profissional, por ser uma minoria étnica e racial. E aí chegar aqui com voz e autoridade não me faria bem”

“[...] Eu acho que a relação foi travada nesse lugar, de ser uma pessoa que está conhecendo aos poucos, tentando investir num relacionamento com as pessoas, tentando entender o que era Atins. [...] Então foi muito interessante ir fazendo isso aos pouquinhos e ir ganhando a confiança das pessoas num outro lugar. Num lugar de colega, como a menina das reservas, por que se eu chegasse com autoridade eu acho que não teria dado certo.”

De todo modo, todos os entrevistados concordam que os nativos, quando tratados com cordialidade e respeitados como anfitriões que são, se portam de forma hospitaleira, sendo descritos como receptivos, calorosos e gentis. Cabe a observação que, por conta da Entrevistada 1 ter sucedido um gerente geral europeu, que não falava português e mantinha uma relação de superioridade com seus funcionários nativos, é percebido em sua fala uma hesitação em responder sobre a hospitalidade dos nativos na sua chegada. O uso da palavra “difícil” e as pausas foram percebidas pela pesquisadora como sinal de que o ambiente profissional ao qual ela chegou era hostil, denotando uma possível rivalidade entre anfitriões nativos e não nativos.

Sobre vestígios de hostilidade para com os não-nativos, o Entrevistador 2 pontua que:

“[...] 95% das pessoas que eu conheço aqui são pessoas hospitaleiras e boas. Como todo lugar tem os 5% que só pensam em se aproveitar, sabe? Não são hospitaleiros e não gostam de quem vem de fora. [...], mas assim, quem é nativo aqui e tá trabalhando com turismo fica um pouco escabreado com quem vem de fora, mas depois se acostumam. Eles sabem que viemos para somar”

O uso da palavra “boa” como característica de pessoas hospitaleiras remonta os princípios da hospitalidade como reflexo das normas, valores, crenças e ideologias de uma sociedade (LASHLEY *et. al*, 2007), esta, neste caso, marginalizada e não condizente com o que é comum a todos em Atins.

#### **4.3.2 Categoria 2 - Laços sociais**

A segunda categoria da análise das entrevistas trata sobre os laços sociais estabelecidos entre anfitriões nativos em não nativos, em momento posterior ao encontro, no contexto em que o não nativo já está ambientado, exercendo sua função profissional e já não depende tanto da recepção dos nativos para viver naquela sociedade. Como exposto anteriormente, entende-se que ainda que os laços sociais se deem, majoritariamente, por meio das relações de trabalho, os gestores e empreendedores se mudam para o Atins sozinhos e se veem na necessidade de construir uma nova rede social que não se limite a laços fracos.

O tamanho em termos de população e seu caráter remoto indicam uma comunidade ainda primitiva em seus ensejos sociais. Ainda que todos os gestores entrevistados tenham enunciado “o modo de vida do Atins” como fator motivador para sua migração, entende-se que a adaptação de sudestinos, vindos de experiências urbanas, seja, no mínimo, complexa. Uma reflexão da Entrevistada serve de justificativa quanto a importância da formação de laços sociais ante esta situação:

“Porque eu acho que isso acaba acontecendo aqui em Atins: você vira pontes atravessando pessoas e tem pessoas que vão te apresentando as pessoas que vão dar sentido a sua vida em Atins. São elas que vão construindo a sua *entourage*”.

Para Granovetter (2007), Kaufmann (2012) e Portugal (2007) os laços sociais são considerados de extrema importância na promoção de coesão social, pertencimento e sentimento de identidade, cruciais no processo de auto inserção do não nativo na comunidade de nova residência. Portugal (2007) explica também que as pontes, citadas na fala da Entrevistada 1 permitem “aos indivíduos acender a mundos que lhes estariam vedados no interior da sua rede de relações próximas” (PORTUGAL, 2007, p, 12-13).

Duas constantes são detectadas nessa categoria, sendo elas: (a) todos os entrevistados mantiveram e fortaleceram laço social com o (s) primeiro (s) nativo (s) com quem se relacionaram; (b) todos os nativos elencados como anfitriões que os receberam trabalham na área de manutenção da pousada, visto que ajudavam na ambientação na dimensão social e cultural, mas também no âmbito “doméstico” da pousada.

Quanto mais fortes são os vínculos da rede de um indivíduo, mais consistentes são das decisões tomadas por ele (KAUFMAN, 2012) e quanto mais laços fracos são formados, maior a possibilidade de inovação e do vislumbre de novos horizontes (GRANOVETTER, 1983).

Quando questionados sobre a formação de laços sociais com outros sujeitos habitantes no Atins para além daqueles que os receberam ou daqueles que estão ligados por vínculos empregatícios, em especial com nativos, a resposta positiva é unânime entre os entrevistados.

A Entrevistada 1 afirma que a maioria dos laços, de fato, são formados no trabalho, mas diante da linguagem utilizada para descrever as relações com os nativos Del e Serginho e suas famílias, entende-se que sejam relações calorosas e afetuosas:

“Eu diria que 80% sim, mas tem algumas outras pessoas que não e tem algumas outras poucas pessoas que também não são nativas com quem eu estabeleço contato e a gente se ajuda. Eu diria que não nativo seria a Mônica que tem uma casa aqui que é super parceira da gente, pessoal da Muita Paz que é a Maria; e de nativo é o Del e a família do Del e a grande parte da família do Serginho que... Nossa! Também é outro construtor de pontes para mim aqui.”.

O Entrevistado 2, que por meio de sua fala deixa evidente que tem como objetivo viver a vida no Atins à maneira local, se atendo a trocar com nativos mais do que com outros não nativos, demonstra ter firmado laços fortes, acentuado pelo convite à celebração do aniversário, evento de cunho íntimo e doméstico:

“Quando eu faço aniversário quem vem no aniversário são nativos antigos, são as pessoas mais antigas do local, o Seu Bernardo, Seu Chico Jacinto, que são os nativos antigos aqui. São pessoas extremamente boas, sabe?”

A Entrevistada 3 acentua ainda alguns pontos que considera como relevantes no seu sucesso em fortalecer seus laços sociais, o que descreve aqui como “amizades”, dentre eles: o fato de ser comunicativa e propor interações sociais o tempo todo, indicando um possível alto número de laços fracos em sua rede; o fato de adaptar a linguagem de acordo com o interlocutor, retomando a ideia de universo moral (LASHLEY, LYNCH & MORISSON, 2007) e da cordialidade para com o outro.

“Sim, sim eu já fiz várias amizades aqui. [...], sempre falam que no que eu precisar eles podem me ajudar, então, assim é uma atmosfera nessa parte muito gostosa. Essa foi a minha experiência, mas eu também sou uma pessoa que sou extremamente comunicativa, me comunico com todo mundo, conversa com todo mundo de igual pra igual. Eu acho que vai muito do que você oferece para pessoa e o que você recebe de volta”

Kaufman (2012) afirma que quanto mais laços fortes são agregados à rede de um indivíduo, mais consistentes são as decisões tomadas por ele, o que acaba impactando positivamente no desenvolvimento profissional e dos negócios dos não nativos. Para os nativos, os ganhos são ainda maiores, dada sua realidade primitiva em relação a conceitos urbanos como o capital, a motivação de trabalho e o propósito profissional, mas abordar-se-á este tema na categoria 3 de impactos sociais.

Investigou-se ainda se existiam espaços ou eventos onde os laços sociais acontecessem de forma mais espontânea ou onde laços fracos ganham mais força, a fim de identificar algum padrão na região quanto a congregação de nativos e não nativos fora do contexto de trabalho. A indicação do Vila Tropical como sendo esse espaço foi unânime. Se trata de um empreendimento recém-inaugurado pelo nativo Del, citado diversas vezes pelos entrevistados indicando um elo comum entre eles.

“Eu acho que agora o Del fazendo uma coisa que talvez seja o *point* de encontro. Ali, não tem, em frente o Cajueiro, ele construiu um lugar chamado Vila Tropical onde ele

vende, a preços muito populares, um monte de coisa: tapioca, açaí de extrema qualidade, vende churrasco e quem come ali são ou turistas ou nativos ou pessoas que trabalham em Atins”

“[...] Eu acho que agora o Vila Tropical tem essa função social, a fim de unir várias pessoas, mas ainda, assim é um *baby step*, sabe? Cada um na sua mesa, ainda mais agora que tem isolamento social, mesmo assim começa a acontecer.”

“Tem o Vila Tropical, que é um espaço de um nativo, do Del, que vão muitos nativos e vão turistas também. É um lugar que tem uma sinergia muito legal mesmo. Apesar da pandemia todo mundo interage super bem. É onde eu encontro todo mundo que eu conheci, que já é conhecido. Às vezes eu conheço gente nova e eu cheguei até apresentar nativo para nativo já.”

A Entrevistada 1 comentou ainda sobre como o Vila Tropical pode ser percebido como primeiro estabelecimento que democratiza o consumo no Atins:

“Eu fiquei muito feliz com a iniciativa porque sempre foi uma crítica minha, que tem uns lugares que são frequentados por quem trabalha, tem lugares frequentados por turistas e tem aos outros lugares frequentados pelos nativos”

Segundo Carvalho, Luz e Prado (2011) o alimentar ultrapassa a necessidade fisiológica de busca por nutrientes, sendo considerado como construtor de costumes, rituais e propondo espaços onde relações entre indivíduos pode transcorrer. Afirmam ainda que a vida social e a sociedade se constituem em paralelo à alimentação. Desse modo, pode-se afirmar que a alimentação é, atualmente, o elemento que promove a formação de laços sociais não relacionados ao trabalho e de forma democrática e inclusiva.

O fato de a democratização do serviço ser aclamado pela Entrevistada 2 evidencia que o turismo promove, como previsto dentre seus impactos negativos o encarecimento de produções, serviços ou a oferta de bens antes inexistentes no local (COOPER *et al.*, 2007). Isso coloca o nativo, que não tem o mesmo poder aquisitivo do turismo, em posição de inferioridade, evidenciando e aumentando suas privações. Criou-se uma categoria – que será tratada ao fim do capítulo – que aborda impactos sociais, dado o fato que algumas evidências emergiram durante a análise de dados.

### **4.3.3. Categoria 3 - Desenvolvimento profissional**

A primeira evidencia de divergência entre anfitriões nativos e não nativos em termos de costumes é a relação de cada um com o tempo. A Entrevistada 1, que afirma compreender este fato desde antes de chegar à comunidade, cita, com bom humor e ironia Milton Santos, o que é

entendido pela pesquisadora, posteriormente, como uma crítica aos gestores não nativos que demandam alta produtividade dos nativos e acabam se frustrando:

“Atins tem um outro ritmo – como diria Milton Santos: “a força do fraco é seu tempo lento” e aqui o tempo é outro – e seu chegasse com esse *timing* de Rio, São Paulo, acelerado demais, não teria dado certo [...]”

“Mas o que eu vejo em Atins é uma alta rotatividade de pessoas na gestão das pousadas, pessoas que chegam aqui cobrando uma eficiência que nunca vai acontecer. Cobrando um padrão de entrega de São Paulo e Rio de Janeiro. Uma *galera* formada pelo Senac, Sebrae, que não tem aqui e as pessoas que cobram inclusive altos salários para si, mas aceitam salários ridículos para quem tá trabalhando para elas. E depois se estressa porque as pessoas não trabalharam bem e vão embora de Atins fazendo *sua grana* por um ano e vão embora”

“Eu acho que até fácil para gente se destacar nesse diante de tanta de tanto olhar colonizador que existe nos outros lugares”

A Entrevistada 3 se atem a adicionar que o maior desafio vivido em relação à mão de obra local foi quando a inexistência de qualquer conhecimento sobre o corporativismo, os comportamentos adequados para com o trabalho ou noções de hotelaria:

“[...], mas tem uma coisa que realmente é um desafio. Para qualquer pessoa de fora a questão em Atins é realmente a diferença de base de convívio social, de organização pessoal, higiene dos lugares, do que é o trabalho, qual a motivação que você tem, tem que fazer as coisas que você realmente queira fazer, no sentido de que você tem que ter um propósito para seguir um sonho, para seguir uma carreira.”

Ainda que não tenha disso mencionado explicitamente pela Entrevistada 1, entende-se que esta relação com o mercado que inexiste nos nativos acarreta um sucateamento da oferta de empregos e salários:

“Tem nativos, tipo, tem gente trabalhando 12 horas por R\$ 400,00 ou por R\$ 600,00 [...] por que tem um monte de gente abusando o fato de que tá todo mundo precisando de *grana* mais do que antes”

Ainda que não caracterize uma renda mensal abaixo da linha da pobreza (PROVICALNET, 2020), um indivíduo com um salário pelo menos 35% mais baixo que o salário-mínimo estabelecido no Brasil certamente sofre com inúmeras privações (SEN, 2000).

No entanto, faz-se necessário refletir sobre o fato dessas privações serem heranças de um passado ainda mais remoto, não-urbano, que muito provavelmente conduzia suas transações comerciais por meio do escambo, com inexistência de moeda até meados da década de 80, como ocorrida na comunidade Queimada dos Britos (BRITO, 2016).

Em casos como este, Scheyvens e Hughes (2019) tecem críticas a capacidade do turismo em aumentar a percepção de inequidade entre ricos e pobres o que pode acarretar a transmissão

intergeracional da pobreza. Por isso, afirmam que é apenas por meio de uma relação mais humana e mais próxima entre os nativos e os gestores e investidores (bem como do governo) que os impactos negativos do turismo podem ser reduzidos. Complementa-se então a importância dos laços sociais entre as partes e da presença de gestores responsáveis e comprometidos com um turismo de baixo impacto.

Destacam-se duas falas, da Entrevistada 3 e da Entrevistada 1 respectivamente, que ilustram o comprometimento e interesse dos gestores – e delas mesmas – na prosperidade do Atins como comunidade:

“Tem muitas pessoas interessadas no desenvolvimento de Atins e no desenvolvimento cultural. Tem uma associação que toma conta dos jovens de Atins também que é bem interessante que a [pousada] apoia, que vários outros empreendimentos apoiam para trazer um maior conhecimento e desenvolvimento e capacidade técnica das pessoas ou então ensinar alguma coisa diferente do que eles possam aprender na escola... porque o ensino da escola acaba sendo bem inferior do que a gente vê nas grandes cidades”

“E então eu falo pra ele "do jeito que você não desistiu de mim, que você olhou para mim porque eu tinha potencial, eu preciso que você continue olhando para todos os funcionários, que a gente continue apostando neles”

A promoção é evidenciada como um dos fatores que se repete quando se trata do desenvolvimento profissional dos nativos. Isso indica esforço e comprometimento por parte dos empregados, mas denota também dedicação em treinamento e capacitação por parte dos gestores. Com a análise do conteúdo nota-se que os laços sociais influenciam tanto na promoção quando na oferta de emprego, seguindo a teoria da força dos laços fracos elaborada por Granovetter (1973, 1974).

Ainda que não aborde sobre desenvolvimento de pessoal e profissionalização, esta relação mais humanizada com o nativo pode ser identificada também no seguinte trecho do Entrevistado 2:

“Olha eu tento passar algum conhecimento meu para eles e eles para mim. É a única coisa que eu gosto. Não gosto de influenciar a vida deles, na rotina deles e na cultura e no modo de viver deles, entendeu? O que eu gosto é de passar o meu conhecimento de toda forma que seja. Todo tipo de conhecimento e eu adoro também aprender com eles, porque por mais que simples que eles sejam eles têm muito a oferecer.”

#### 4.3.5 Categoria 4 - Ascensão socioeconômica

Além do desenvolvimento profissional, do crescimento dentro da pousada em que trabalha por meio de promoções, os anfitriões nativos são beneficiados também de diversas outras formas por conta dos laços sociais estabelecidos com os anfitriões não nativos.

Primeiramente, ao desenvolver habilidades em um emprego, passa a ser considerado como mão-de-obra capacitada e requisitada no mercado de trabalho. No entanto, dada a condição de comunidade remota do Atins, a confiança segue sendo fator determinante na tomada de decisão do contratante. Destaca-se então a relevância dos laços fortes nesse processo, que promovem um alto nível de credibilidade entre indivíduos (GRANOVETTER, 1973; KAUFMAN, 2012).

Cabe aqui um breve retorno às observações realizadas sobre a trajetória de Francisco. Por meio da confiança que o mercado de trabalho tinha em sua tia, com quem ele mantinha um laço forte, ele pôde ser indicado para empregos e iniciar sua carreira no turismo.

Em fala da Entrevistada 3, é reforçada esta evidência:

“Eu a escrevi no curso que ela vai fazer em São Luís no período da baixa temporada que é em janeiro. Ela vai fazer um curso de gastronomia em São Luís”

A Entrevistada 1 complementa ainda, com um tom de ternura e imprimindo sentimentalismo em sua fala que o incentivo ao desenvolvimento profissional e ao empreendedorismo são respaldados pelo fato dela insistir no treinamento e na capacitação de suas funcionárias:

“[...] eu sei que a gente faz um serviço de hotel escola e em uma escola a gente não pode desistir das pessoas. É um trabalho muito de educar.”

Nota-se ainda que, em sua fala, destaca a capacitação de funcionárias mulheres, o que denota inclusão de vulneráveis em seu discurso e reforça o fato de o turismo ser um mercado de trabalho de baixa distinção de gênero (COOPER ET AL., 2007). A Entrevistada 1 cita em outro momento outra funcionária de quem se orgulha da trajetória, do desenvolvimento profissional e pessoal e da ascensão que vive no momento:

“Hoje a Cleude é um ‘casezão’ para a gente. Tá mandando muito bem na cozinha, ela estava fazendo nosso menu de olhos fechados. Inclusive eu contei a história dela num artigo da Design Hotels que vai sair daqui a pouco tempo em uma revista aí da gringa. [...] uma marisqueira de Atins que agora sai para pessoa como um hobby.”

Esta passagem remonta à característica dos laços fracos de gerarem a possibilidade de inovação e de novas oportunidades (GRANOVETTER, 1973; KAUFMAN, 2012). Em sua fala livre final, o Entrevistado 2 explana sobre a importância de ações de capacitação fornecidas pelo setor público dada a possibilidade de oferta de muitas vagas, aumentando a abrangência dos cursos e permitindo acesso para aqueles que ainda não trabalham com gestores comprometidos com o desenvolvimento social local:

“Eu achei legal, recentemente, porque eu tava 2, 3 anos falando para todo mundo para ter cursos aqui, deixar o pessoal mais atualizado e a Virlene trouxe os bombeiros para fazer cursos de primeiros socorros. Foram mais de 50 pessoas participando e foi super importante, todo mundo sabia proteger o próximo.”

Para além do comprometimento e da dedicação para com a capacitação dos funcionários para que ofereçam um bom serviço de hotelaria e restaurante, o real desejo e compromisso com a prosperidade da comunidade e seus nativos é travado por meio da seguinte fala da Entrevistada 1:

“Eu sempre falo isso para as meninas principalmente da cozinha: olha, eu preciso que vocês estejam com coração aberto para chefs de cozinha que venham e outros chefes porque são coisas que “[...] vocês estão aprendendo para vocês abrirem o próprio restaurante de vocês ou para abrir no hotel. Quer competir com [a pousada]? Quer desbancar a nossa história? Eu vou ter orgulho de saber que vocês foram formadas aqui que estão servindo comida de alto nível na nossa praia [...]”

Compreende-se que, por ser gestora de uma pousada de luxo, que detém mais capital que as demais pousadas, os instrumentos disponíveis para investir em capacitação sejam superiores aos dos demais gestores, ainda que esse não seja um fator determinante para o incentivo ao empreendedorismo. A Entrevistada 1 cita ainda dois exemplos de funcionários da pousada que já abriram seus próprios negócios e que recebem incentivos morais e mentoria:

É o Juninho, que é o braço direito do Carlinhos em manutenção e aprendeu a mexer na bomba d’água, uma máquina supercomplexa que a gente trouxe de fora para purificar água do hotel. Ele ficou tão safo nessas coisas que ele abriu o próprio negócio que ele toca em paralelo. [...] . O negócio do Juninho é manutenção de quadri e ele tá abrindo um mercadinho também tá virando um alto empreendedor”

“Tem a Regiane também que trabalha com a gente no restaurante, mas que abriu um churrasquinho dela no Santo Inácio. [nossa chef] tem ensinado muitas coisas novas para as meninas e ela visita Regiane [...] e dá altas dicas.”

Observa-se que o trecho no qual mais exprime o sentimento de orgulho é o fato de ambos os funcionários continuarem a trabalhar na pousada mesmo tendo seus próprios negócios.

O Entrevistado 2, ainda que não contribua com um exemplo dentre os seus funcionários, generaliza sobre o que se sabe do Atins, indicando que outros casos de empreendedorismo existem:

Olha tem vários nativos aqui que tem o próprio negócio. Eu não sei bem como que começaram, mas eu sei que parece que o Del lá da Vila Tropical, ele trabalhava com cara de pousada e hoje ele tem um restaurante dele e tem outros casos assim.

No entanto, levanta discussão sobre o desenvolvimento profissional e a ascensão socioeconômica por meio da minimização de privações listadas no IPM como a moradia e o poder de compra de bens de consumo (ALKIRE & SANTOS, 2013).

“Dadá hoje, depois que ela começou a trabalhar conosco, ela já vinha planejando isso, mas hoje ela tem a casa dela, ela tem o quadriciclo dela, ela arranha falar francês... quando vem francês aqui ela consegue se comunicar em francês!”

Evidencia-se nessa categoria as capacidades em redução da vulnerabilidade dos cidadãos mais pobres; desenvolvimento de capacidades; a promoção de empoderamento e no incentivo a auto gestão da vida digna, do bem-estar e dos direitos humanos (SCHEYVENS, 2011) características do turismo de alívio à pobreza e possíveis por meio dos laços sociais fracos estabelecidos no ambiente de trabalho.

#### **4.3.6 Categoria 5 - Impactos sociais**

Por fim, como em toda pesquisa que trata sobre uma comunidade remota onde o turismo é a atividade econômica principal, afloram relatos sobre os impactos dessa atividade, do fluxo de turistas e de habitantes não-nativos. Criou-se uma categoria que congregasse as USs que mencionam impactos do turismo que não estavam previstas nas demais categorias.

Com isso, faz-se também uma breve explanação sobre impactos negativos da atividade turística nos âmbitos econômico e estrutural, ambiental e social.

A desapropriação do nativo de suas terras por conta da especulação imobiliária, da superpopulação e do aumento do custo de vida bem como a competição por recursos básicos como água são os impactos considerados como os mais preliminares (OKECH, HAGHIRI & GEROGE, 2015). Em destinos em países subdesenvolvidos, é possível notar ainda o monopólio do mercado e o alto vazamento de capital (COOPER *et. al.* 2007). O aumento da produção de resíduos sólidos e líquidos, a poluição das águas, do ar e sonora e o avanço de construções em

áreas de preservação ambiental são exemplos de impactos negativos ambientais (COOPER *et. al.* 2007). O planejamento do turismo indica justamente a elaboração de estratégias que minimizem esses impactos negativos estruturais oriundos da atividade turística (RUSCHMANN, 2010), no entanto, é sabido que no Brasil raramente são aplicados com o rigor necessário.

Além disso, a incitação à prostituição, a aparição de doenças sexualmente transmissíveis em zonas rurais, o aumento da criminalidade, o acesso, uso e comercialização de drogas e armas, a perda da identidade e cultura, a diferença econômica entre nativos e turistas - e entre nativos que trabalham no turismo e aqueles que não trabalham - são alguns dos impactos sociais negativos (COOPER *et. al.* 2007).

Na análise dos dados são encontradas evidências de impactos negativos quanto ao uso excessivo de álcool, de drogas, a violência, a incitação à prostituição todos justificados como decorrentes das privações acentuadas pela presença de turistas de alto poder aquisitivo.

A Entrevistada 1 contribui em sua fala final com muitas evidências desses impactos negativos, não mencionados pelos outros entrevistados:

“A festa de coco d’água, historicamente, uma festa onde a menina que ficava com mais água dentro do coco depois de uma corrida ganhava. Hoje em dia não tem mais roupa na festa, é só menina que aparece com menor biquíni [...] um padrão estético imposto que é extremamente machista, pejorativo, e, às vezes abusivos. Às vezes as meninas têm 14- 13 anos de idade e já tão desfilando, não só para comunidade de Atins, mas para os turistas [...] para uma *gringaiada* que vai assistir”

“[...] A tiquira é feita de uma forma completamente doméstica e artesanal eu sei que é ancestral e que os indígenas faziam, e tudo mais, mas a gente tá falando de uma bebida que tem 80% de teor alcoólico e que às vezes é feita de uma forma muito rudimentar, assim, com álcool 70”

“Nessas grandes festas, na última vez, que eu fui tinha um cara deitado no chão no meio da pista no terreno baldio [...] Vi o cara no chão e falei "Caraca, fulana, olha o cara no chão ali" porque para mim eu moro na Lapa então eu vejo gente no chão o tempo inteiro, mas em Atins era estranho, sabe? [...] E aí ela me respondeu "liga não, é meu filho".”

“E aí nisso que eu falei que eu queria ir para casa chegou um *cara* bêbado de sentir o hálito a quilômetros, com um facão na mão e ele passou a faca no braço de outra pessoa, cortou o braço de uma pessoa na festa.”

“E a justificativa que muitos dão para beber é tipo: “a turistada chega aqui encharcando né, chega aqui trazendo seus vinhos e essa bebida tá certa, tudo bem? Mas a nossa, não? Eu não consigo acessar a droga que o *cara* traz sei lá de onde da Europa, o pingo do *canabidinol* que ele consegue trazer que custa R\$ 50, mas consigo acessar o crack” e ele acha que tá ótimo. Tem muita gente consumindo crack em Atins, muita [...]”

Comenta ainda que parte do problema está no trabalho exaustivo que alguns nativos prestam para o setor de turismo, remontando às condições insalubres citadas anteriormente:

“E o fato de essas pessoas serem tão explorados pela máquina do turismo de Atins e às vezes ganharem tão mal em tantos hotéis, em tantas operações turísticas daqui, faz com que haja uma necessidade de vício que vem numa demanda muito pesada, na contramão de tanto que elas estão entregando seus trabalhos”.

Por fim, considera que é papel dos gestores o de aconselhar e lidar com a questão, visto que acontece com funcionários da pousada e, acima de tudo, em decorrência da atividade econômica aquecida a qual ela promove que é o turismo – ainda que não haja ferramentas corretas para minimização do problema, como ações de saúde promovidas pela Prefeitura local:

“E aí a gente tem todo um trabalho de sentar com a pessoa tentar dizer que não precisa ser assim, que ela não precisa exagerar tanto nas doses, mas é um problema que já ficou sabe?”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender a contribuição da hospitalidade e dos laços sociais, no âmbito do turismo, para o alívio à pobreza. O estudo foi realizado com gestores de meios de hospedagem na comunidade do Atins, no Maranhão chamados aqui de anfitriões não nativos. Dentre suas particularidades, Atins é uma comunidade remota equipada com luz elétrica a partir de 2015 apenas, mas que vive desde 2014 um movimento de expansão do turismo por ser um destino climaticamente propício para a prática do kitesurf e por estar localizada às bordas do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

O problema de pesquisa enunciado “De que forma as relações de hospitalidade e os laços sociais estabelecidos por meio do turismo entre anfitriões nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos contribuem para o alívio à pobreza?” foi respondido com base no referencial teórico levantado, por meio da pesquisa exploratória realizada e da análise dos resultados obtidos. Fez-se uma triangulação das teorias da hospitalidade, dos laços sociais e da pobreza, na tentativa de propor um estudo contemporâneo multidisciplinar que oferecesse uma visão social à uma questão comumente analisada por meio de métrica econômica, como é a pobreza. O turismo foi abordado como atividade comercial que serve de pano de fundo para a situação social exposta.

O objetivo geral também foi contemplado e compreendeu-se que dentre as contribuições da hospitalidade e dos laços sociais, no âmbito do turismo, para o alívio à pobreza multidimensional evidenciadas nesse estudo pode-se elencar:

1. A promoção de uma rede social de apoio segura e de auxílio a vulneráveis;
2. A promoção de coesão social, pertencimento e sentimento de identidade;
3. A promoção de oportunidades de trabalho, de contratação formal e segura;
4. A dedicação ao desenvolvimento profissional;
5. O empoderamento e apoio ao empreendedorismo.

Os objetivos específicos foram alcançados. São eles: (a) Investigar as relações de hospitalidade iniciais entre nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos; (b) Compreender como se formam e caracterizar os laços sociais entre gestores de meios de hospedagem e nativos (c) Avaliar a contribuição dos laços sociais entre nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos para o alívio à pobreza multidimensional local.

Por fim, pode-se afirmar que a (P1) Os anfitriões nativos são hospitaleiros com os gestores de meios de hospedagem não-nativos em sua chegada à uma comunidade para investir no turismo foi parcialmente ratificado, havendo evidência de uma pequena porcentagem de

nativos que não lidam com a presença de turistas e moradores não nativos de forma hospitaleira; que a (P2) Anfitriões nativos e gestores de meios de hospedagem não-nativos estabelecem laços sociais fracos e fortes foi ratificada, apontando tanto para laços fracos formados no contexto empregatício que se tornam laços fortes e promovem possibilidade de desenvolvimento e ascensão socioeconômica aos nativos, quanto laços fortes de amizade e de convívio doméstico e familiar; e que a (P3) Os laços sociais estabelecidos entre nativos e gestores de meios de hospedagem não nativos auxiliam no alívio à pobreza multidimensional também foi parcialmente ratificada. Isso porque, ainda que as contribuições por parte dos gestores entrevistados para com a sociedade do Atins sejam positivas e consideradas como ações em prol do alívio à pobreza multidimensional, suas falas evidenciam o comportamento contrário por conta de outros gestores da região, em especial quanto à condições de trabalho insalubres, informalidade e relações de cunho colonial.

#### *Limitações da pesquisa*

Dentre as dificuldades vivenciadas durante a realização da pesquisa, destacou-se a dificuldade na aplicação de entrevistas com um número maior de gestores, o que acabou limitando a amostra de dados. Dentre as razões, a mais impactante foi a pandemia do Sars-COVID-19, por conta das restrições impostas no trânsito, no contato social e na entrada de visitantes na região do PNLM, que se deu entre março e julho de 2020, período designado no calendário de atividades da pesquisadora para coleta de dados em campo. Além disso, a dificuldade no contato, a falta de disponibilidade e de interesse por parte dos gestores foram os outros motivos para a limitação.

#### *Próximas pesquisas*

A pesquisadora pretende seguir com estudos pautados na triangulação das teorias da hospitalidade, dos laços sociais e da pobreza, se valendo, no entanto da aplicação de métodos de coleta e análise de dados quali-quantitativos.

O instrumento de coleta utilizado será um questionário desenhado com base nas informações necessárias para que a análise dos dados seja realizada por softwares de Análise de Redes Sociais. O objetivo geral é mapear graficamente as redes sociais dos moradores do Atins e, a partir disso, identificar se o turismo permite a construção de pontes por meio dos laços sociais estabelecidos entre seus atores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alkire, S.; Foster, J. (2008). Counting and Multidimensional Poverty Measurement. Oxford Poverty & Human Development Initiative (OPHI), working paper 7. Disponível em: [https://www.ophi.org.uk/wp-content/uploads/ophi-wp7\\_vs2.pdf](https://www.ophi.org.uk/wp-content/uploads/ophi-wp7_vs2.pdf)
- Alkire, S.; Santos, M. E. (2013). A Multidimensional Approach: Poverty Measurement & Beyond. *Social Indicators Research*, v. 112, n. 2, p. 239-257.
- Anand, S. (1977). Aspects of poverty in Malaysia. *Review of Income and Wealth*, 23 (1):1-16
- Araújo, A. C. M. & Gouveia, L. B. (2016). Uma revisão sobre os princípios da teoria geral dos sistemas. *Revista Estação Científica*, n.16, jul-dez, p. 1-14.
- Ashley, C., and D. Roe. (2002). Making Tourism work for the Poor: Strategies and Challenges in Southern Africa. *Development Southern Africa* 19(1):61–82.
- Asselin, L.-M. (2009). *Analysis of Multidimensional Poverty*. Springer, New York, NY
- Augusto, C. A., Souza, J. P., Dellagnelo, E. H. L. & Cario, S. A. F. (2013). Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 51(4), 745-764. DOI: [10.1590/S0103-20032013000400007](https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000400007)
- Azarian, R. (2010). Social Ties: Elements of a Substantive Conceptualization. *Acta Sociologica*, 53(4), 323-338. doi:10.2307/25782153
- Benveniste, E. (1995). *O vocabulário das instituições indo-européias*. Trad. Denise Bottmann. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Bentalanffy, L. V. (2015). *Teoria geral dos sistemas – Fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Blake, A., Arbache, J. S., Snclair, M. T. & Teles, V. (2008). Tourism and Poverty Relief. *Annals of Tourism Research*, Vol. 35, No. 1, pp. 107–126
- Boutaud, J. J. (2011). Comensalidade: compartilhar a mesa. In: MONTANDON, Alain (org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac.
- Burt, M. (2019). How owns poverty? In: What if nearly everything we thought we knew about poverty was wrong? Red Press, UK. Available at <https://www.weforum.org/agenda/2019/09/what-if-nearly-everything-we-thought-we-knew-about-poverty-was-wrong/>
- Caillé, A. (2002). *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Camargo, L. O. L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Editora Aleph.

- Carvalho, D. B. (2017). Hospitalidade na Odisseia de Homero: cuidado com o viajante, reciprocidade e abuso a hospedagem na Grécia Antiga. *Turismo & Sociedade.*, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 1-26. (ISSN: 1983-5442)
- Carvalho, M. C., Luz, M.T., Prado, S.D. (2011). Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. *Ciência e Saúde Coletiva*, 16(1), p. 155-163.
- Cooper, C. et al. (2007). *Turismo princípios e práticas*. Porto Alegre: Bookman.
- Crespo, A. P. a. & Gurovitz, e. (2002). A pobreza como um fenômeno multidimensional. *RAE-eletrônica*, Volume 1, Número 2.
- Creswell, J. W. (2009). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Crossley, N. (2017). Social Network Analysis (SNA). In K. Korgen (Ed.), *The Cambridge Handbook of Sociology: Core Areas in Sociology and the Development of the Discipline* (pp. 121-133). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/9781316418376.013
- Da Matta, R. (1991). *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rocco, Rio de Janeiro, RJ.
- David, H.M., Faria, M.G, Dias, J.Á., Silva, T.F., Souza, V.M., Dias, R.S. (2018) Análise de redes sociais na atenção primária em saúde: revisão integrativa. *Acta Paul Enferm.*, 31(1):108-15
- Drewnowski, J. (1977). Poverty: Its Meaning and Measurement. *Development and Change*, volume 8, p. 183-208. DOI:[10.1111/j.1467-7660.1977.tb00736.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-7660.1977.tb00736.x)
- Duarte, G. B., Sampaio, B., Sampaio, Y. (2009). Programa Bolsa Família: impacto das transferências sobre os gastos com alimentos em famílias rurais. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. V.47, n.4, p. 903-918. DOI: 10.1590/S0103-20032009000400005.
- Farias F. Adjacy; Martins M. Dias. (2009). A pobreza segundo o Banco Mundial IN: Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. São Paulo
- Ferreira, F. H. G., Chen. S., Dabalén, A., Dikhanov, Y., Hamadeh, N., Jolliffe, D., Narayan, A., Prydz, E. B., Revenga, A., Sangraula, P., Serajuddin, U., Yoshida, N. (2016). A global count of the extreme poor in 2012: data issues, methodology and initial results. *The Journal of Economic Inequality*, lume 14, [Issue 2](#), pp 141–17.
- Frangialli, F. (2002). Statement by: World Tourism Organization (UNWTO). Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/index.php?page=view&type=255&nr=19645>>
- Fraser, M. (2004) Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14 (28), P. 139-152. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04>>

- Furtado, L. A. & Wada. E. K. (2018) Os impactos socioeconômicos do turismo em Santo Antônio, Queimada dos Britos e Atins – comunidades do Parque Nacional Dos Lençóis Maranhenses. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo local sostenible*, v. 11, n.25, dez.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas S.A. 6ª ed. Disponível em < <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>
- Godbout, J. T. (1998). Introdução à dádiva. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, vol.13, n.38, pp.39-52. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000300002>.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas – RAE*. V. 35, n. 2, p. 57-63. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>> Acesso em jun 25 2020
- Granovetter, M. (2004). Polanyi Symposium: a conversation on embeddedness. *Socio-Economic Review*, Volume 2, Issue 1, January 2004, Pages 109–135, DOI: <https://doi.org/10.1093/soceco/2.1.109>.
- Granovetter, M. (2007). Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. *RAE electron*. vol.6 no.1. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1676-56482007000100006>
- Grassi, M. C. (2011). Hospedaria: do albergue ao hotel. In: MONTANDON, Alain. (org). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: SENAC, 2011.
- Heider, C. (2015). Is the World Bank Group on course to meet the twin goals? Disponível em < <https://ieg.worldbankgroup.org/blog/world-bank-group-course-meet-twin-goals>>.
- ICMBio MA. (2020). Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses: Guia do Visitante – Atrativos. Disponível em < <https://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/guia-do-visitante/14-atrativos.html>> Acesso em 13 set 2020.
- INEP (2018). Censo Escolar 2018. Disponível em <http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/> Acesso em 25 jun 2020
- \_\_\_\_\_. (2019). Censo Escolar 2019. Disponível em <http://censobasico.inep.gov.br/censobasico/> Acesso em 25 jun 2020
- Jafari, J. (1992). Significado Sociocultural y Educacional del Turismo de Juventud. *Papers de turisme.*, Valencia – ES, n. 8/9, p. 39-55. ISSN: 2255-1638
- Janghorban, R., Latifnejad Roudsari, R., & Taghipour, A. (2014). Skype interviewing: the new generation of online synchronous interview in qualitative research. *International Journal of Qualitative Studies on Health And Well-Being*, 9, 24152. DOI: [10.3402/qhw.v9.24152](https://doi.org/10.3402/qhw.v9.24152)

- Koehler, G. (2017). The 2030 Agenda and eradicating poverty: New horizons for global social policy? *Global Social Policy*, 17(2), 210–216. doi:10.1177/1468018117703440
- Knopf, J. W. (2006). Doing a Literature Review. *PS, Political Science & Politics*; 39, 1; *ProQuest Research Library* pg. 127-132.
- Ki-Moon, B. (2015). Human Development Reports: Foreword for the 25th Anniversary of the Human Development Report. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/content/foreword-25th-anniversary-human-development-report>
- Lashley, C.; Morrison, A. (orgs.). (2004). *Em busca da hospitalidade: perspectivas de um mundo globalizado*. São Paulo: Manole
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*. v.6, issue 4, p. 390-407. DOI: [doi.org/10.1016/0160-7383\(79\)90003-3](https://doi.org/10.1016/0160-7383(79)90003-3)
- Lessa de Oliveira, C. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias*, v. 2, n. 3. ISSN:1982-5935
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). Pesquisa em educação – abordagens qualitativas. São Paulo: EPU. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod\\_resource/content/1/Lud\\_And\\_cap3.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf)>
- Luhmann, N. (1982). The World Society As A Social System. *International Journal of General Systems*, 8(3), 131–138. doi:10.1080/03081078208547442
- Marques, E. C. L., (2019). Notas sobre redes, Estado e políticas públicas. *Caderno de Saúde Pública*, Volume 35 (Suppl 2), Issue 13. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00002318>
- Marques, R. B. **Índice De Desenvolvimento Humano (IDH) no Brasil**: Uma avaliação de sua capacidade de retratar a realidade social. 2006. 114f. Dissertação (Mestrado em Economia Política) – Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp010838.pdf>
- Manzini, E. J. (2012). Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. *Revista Percurso*, v. 4, n. 2, p. 149-171. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/114753>>.
- \_\_\_\_\_. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: Marquezine, M.C.; Almeida, M.A; Omote, S. (Orgs.) *Colóquios Sobre Pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Ed. UEL, p.11-25.
- Milano, S. (1988). *La pauvreté absolute*. Paris: Hachete.

- O'Day, R. & Englander, D., (1993). *Mr. Charles Booth's Inquiry: Life and Labour of the People in London Revisited*. The Hambledon Press, London
- Mahadevan, R. & Suardi, S. (2017). Panel evidence on the impact of tourism growth on poverty, poverty gap and income inequality. *Current Issues in Tourism*. p. 1-12. DOI: [10.1080/13683500.2017.1375901](https://doi.org/10.1080/13683500.2017.1375901)
- Martins, H. H. T. S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, v.30, n. 2, p. 289-300. DOI: 10.1590/S1517-97022004000200007.
- Minayo, M. C. S. (2002) Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: *Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade*. ed. 21, Petrópolis, RJ: Editora Vozes. Disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>
- Mitropoulos, A. (2020). Oikonomia. *Philosophy Today*. Jan 31<sup>st</sup> publication. DOI: 10.5840/philtoday2020124309
- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. Pioneira Thomson, São Paulo, SP.
- Morgan, J. (2017) *The Basics of Social Network Analysis: A Social Network Lab in R for Beginners*. Mod.U: Powerful Concepts in Social Science, Duke University
- Nagy, M. & Molontay, R. (2019). On the structural properties of social networks and their measurement-calibrated synthetic counterparts. *ASONAM '19: Proceedings of the 2019 IEEE/ACM International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining*, p. 584–588. DOI: <https://doi.org/10.1145/3341161.3343686>
- O’Gorman, K. D. (2008). *Modern hospitality: medieval foundations*. In: Council for Australian University Tourism and Hospitality Education Conference 2008, 2008-02-11 - 2008-02-14, Gold Coast, Australia.
- Okech, R, Haghiri, M., George, B. P. (2012). Rural tourism as a sustainable development alternative: an analysis with special reference to Luanda, Kenya. *Revista de Cultura e Turismo, CULTUR*. Ano 6, n. 3.
- O’Mahony, B. (2015). Explorando o impacto do modelo de abordagem dos três-domínios sobre a oferta privada, social e comercial de hospitalidade. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 112 – 131.
- Portugal, S. (2007). Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Oficina do CES, 271 – Universidade de Coimbra.
- Powers, B. W., Jha, A. K. & Jain, S. H. (2016). Remembering the Strength of Weak Ties. *The American Journal of Managed Care*, 22 (3); 202-203. Disponível em

<https://www.ajmc.com/journals/issue/2016/2016-vol22-n3/remembering-the-strength-of-weak-ties>

Prahalad, C. K. (2009). *A riqueza na base da pirâmide: como erradicar a pobreza com o lucro*. 2 ed. Porto Alegre: Bookman.

Prefeitura Municipal de Barreirinhas - PMB. (2020). Saúde: Entrega da Unidade de Saúde do Atins totalmente reformada. Disponível em < <https://www.barreirinhas.ma.gov.br/entrega-da-Unidade-de-Sa%C3%BAde-do-Atins-totalmente-reformada>> Acesso em 25 jun 2020.

Resende, T. & Pupo, F. (2020). Governo estuda limitar auxílio a pescador para ampliar a Bolsa Família. Folha de São Paulo. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/governo-estuda-limitar-auxilio-a-pescador-para-ampliar-bolsa-familia.shtml>> Acesso em 25 jun 2020

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Romão, M. e. C. (1982). Índices de Pobreza: Alternativas, Decomposição e Use Com Dados Agregados. *Estudos Econômicos*, Volume 12 (3), p. 51-65

Salgueiro, V. (200). Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História, São Paulo*, v.22, n.44, p.289-310. DOI: 10.1590/S0102-01882002000200003

Salles, M. R. R., Bueno, M. S., Bastos, S. (2010). Desafios da pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade. São Paulo*, v. VII, n. 1, p. 3-14, jan.-jun.

Scheyvens, R. (2011). *Tourism and poverty*. New York: Routledge

\_\_\_\_\_, R. (2007). Exploring the tourism-poverty nexus. *Current Issues in Tourism* 10:2-3, p. 231–254. DOI: 10.2167/cit318.0

Scheyvens, R., Banks, G. & Hughes, E. (2016). The Private Sector and the SDGs: The Need to Move Beyond ‘Business as Usual’. *Journal of Sustainable Development*, n. 24, p. 371-382.. DOI: 10.1002/sd.1623

Scheyvens, R. & Hughes, E. (2019). Can tourism help to “end poverty in all its forms everywhere”? The challenge of tourism addressing SDG 1. *Journal of Sustainable Tourism*, p. 1-19. DOI: 10.1080/09669582.2018.1551404

Selwyn, T. (2004). Uma antropologia da hospitalidade. In LASHLEY, C. MORRISON, A. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole,

Sen, A. K. (1976) Poverty: an ordinal approach to measurement. *Econometrlca*, 44 (2):219-31.

\_\_\_\_\_. (1978) Three notes on the concept of poverty. *ILO Working Paper, WEP 2-23/wp 65*.

\_\_\_\_\_. (2000). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Cia. das Letras.

- Silva, M. J. B, Silva, R. A., Souza, N. M. O, Melo, F. V. Andrade, J. A. (2017). A força dos Laços Sociais: definições e proposta de uma escala de mensuração. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*. V. 10, n. 3, set/dez, p.179-186. DOI: 10.19177/reen.v10e32017178-196
- Silva, C. A., Fialho, J. & Saragoça, J. (2013). Análise de redes sociais e Sociologia da acção. Pressupostos teórico-metodológicos. *Revista Angolana de Sociologia*, v. 11, p. 91-106. DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.361>
- Silva, J. M. & Silveira, E. S. DA. (2004). *Apresentação de Trabalhos Acadêmicos – Normas e Técnicas*. Juiz de Fora: Templo Gráfica e Editora, 3ª ed.
- Souza, Q. & Quandt, C. (2008). Metodologia de Análise de Redes Sociais. In: F. Duarte; C. Quandt; Q. Souza. (Org.). *O Tempo das Redes*. São Paulo: Perspectiva, p. 31-63. Disponível em <[https://www.academia.edu/257818/Metodologia\\_De\\_An%C3%A1lise\\_De\\_Red\\_Sociais](https://www.academia.edu/257818/Metodologia_De_An%C3%A1lise_De_Red_Sociais)>
- >
- Swedberg, R. (2004). Sociologia econômica: hoje e amanhã. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 16, n. 2.
- Szal, R. J. (2006). Poverty: measurement and analysis. *ILO Working Paper, WEP 2-23{wp 60,1977*
- The Royal Swedish Academy of Science. (2019). Understanding development and poverty alleviation: Scientific Background on the Sveriges Riksbank Prize in Economic Sciences in Memory of Alfred Nobel 2019. Disponível em <<https://www.nobelprize.org/uploads/2019/10/advanced-economicsciencesprize2019.pdf>>
- Tjora, A. H. Writing small discoveries: an exploration of fresh observers' observations. *Qualitative Research, London*, v. 6, n. 4, p. 429-451, 2006.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Editora Atlas S.A. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod\\_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em\\_Ciencias-Sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf)>
- Vergara, S. C. (2016). *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo, OS: Editora Atlas S. A. 16ª ed.
- Vermelho, S. C., Velho, A. P. M., Bertencello, V. (2015). Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015041612>
- Visser, M. (2015). *The Rituals of Dinner: The Origins, Evolution, Eccentricities, and Meaning of Table Manners*. New York, Open Road Media.
- Walker, J. R. (2002) *Introdução à Hospitalidade*. São Paulo: Manole, 2ª ed.

Wasserman, S. & Faust, K. (1994). *Social Network Analysis: Methods and Applications*. New York: Cambridge University Press

World Bank. (2019). World Bank Open Data. Disponível em < <https://data.worldbank.org/>>.

\_\_\_\_\_. (2020). Understanding Poverty – Overview. Disponível em < <https://www.worldbank.org/en/topic/poverty/overview#1>>

WTTC. (2019). Travel Tourism continues strong growth above global GDP. Disponível em <[wttc.org/about/media-centre/press-releases/press-releases/2019/travel-tourism-continues-strong-growth-above-global-gdp/](http://wttc.org/about/media-centre/press-releases/press-releases/2019/travel-tourism-continues-strong-growth-above-global-gdp/)>

WTTC & Oxford Economics. (2020). Travel & Tourism:Economic Impact 2020. Disponível em: <<https://wttc.org/Research/Economic-Impact>>

## **APÊNDICES**

## APÊNCIDE A – ELEMENTOS DAS REDES SOCIAIS

Elemento	Característica
Ator(es)	Indivíduos ou grupo de indivíduos, corporações, comunidades etc.
Nós (Vértices)	Espaços onde as relações se estabelecem
Laços (Arestas)	Conexões feitas pelos conjuntos de nós
Relações	Coleção de laços de um determinado tipo entre membros de um grupo
Relações direcionadas	Interação que indica um caminho, que possui a intenção de um ator em relação a outro (seta)
Relações não direcionadas	Interação sem direção, sem orientação, a intenção é irrelevante
Subgrupo	Qualquer subgrupo de atores, de qualquer tamanho e os elos entre estes
Díade e tríade	Um par ou trio de atores, respectivamente, e os possíveis laços entre estes
Grau nodal	Mensuração do grau de atividade de um determinado nó, com base no cálculo da quantidade de laços que passam por ele
Densidade	Cálculo de proporção de linhas existentes em um gráfico com relação ao máximo de linhas possíveis
Distância geodésica	É a menor distância entre dois nós
Ponto de corte e pontes	Nós e linhas, respectivamente, cuja remoção da rede o divide em subgrupos desconectados com componentes
Imbricamento estrutural	Descreve de que forma os atores estão envolvidos em várias redes simultaneamente

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Wasserman & Faust (1994), Morgan (2017) e Souza & Quandt (2008)

**APÊNDICE B – REDES SOCIAIS E SEUS TIPOS**

Tipo de rede	Descrição
Redes (Grafos)	Representação gráfica dos atores e suas conexões, essas formadas por nós e laços
Redes de co-presença	“Nós” que se repetem em redes distintas
Redes de afiliação	Redes cujas definições dos nós ou atores pertencentes são muito distintas, sem conexão direta ainda que façam parte de um mesmo grupo
Rede uni modal	formadas por atores do mesmo tipo
Rede multimodal	formadas por atores de diferentes tipos. Redes de afiliação são tipos especiais de redes multimodais.

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Souza & Quandt, 2008, p. 33.

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### APRESENTAÇÃO:

1. Nome, idade, cidade de origem?
2. Empreendimento onde trabalha ou é proprietário?
3. Qual a motivação para trabalhar/empreender no Atins?

### PARTE I: A chegada

4. Você considera os nativos do Atins hospitaleiros?
5. Pode citar algum nativo que tenha sido uma referência na sua chegada? Que tenha te ajudado a se ambientar? Se sim, quem (nome e local de trabalho)? Qual sua relação com essa pessoa hoje?

### PARTE II: As relações

6. Você considera que tenha criado laços sociais com nativos do Atins?
7. Se positivo, em que contexto esses laços foram formados? (Exemplo: por vínculo empregatício, durante um momento de lazer, através de outra pessoa)
8. Consegue elencar alguma atividade, lugar ou evento onde nativos e não-nativos frequentem e interajam?

### PARTE III: As mudanças

*Entende-se que o turismo como atividade econômica aumenta a oferta de empregos e desenvolve a comunidade economicamente. No entanto, a teoria de laços sociais indica que é possível alcançar desenvolvimento por meio de relações sociais.*

9. Você acredita que sua vinda ao Atins impactou a vida de nativos positivamente ou negativamente? Como?
10. Você pode nomear pelo menos um nativo que tenha (por favor, dizer nome e função da pessoa):
  - a. Se desenvolvido profissionalmente após trabalhar com você ou te conhecer?
  - b. Aberto seu próprio negócio após trabalhar com você ou te conhecer?
  - c. Se mudado do Atins para trabalhar em outra cidade após trabalhar com você ou te conhecer?
  - d. Conhecido novas pessoas e construído novos laços sociais que ajudaram no seu desenvolvimento socioeconômico através de você?

**APÊNDICE D – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA AUTORA RELACIONADOS À ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA, CONSTRUÇÃO CIVIL E O AUMENTO RESÍDUOS DE CONSTRUÇÃO**



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019



**Fonte:** Acervo pessoal da autora, 2019

**APÊNCIDE E – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA AUTORA RELACIONADOS AO AUMENTO DE RESTAURANTES E BARES NO ATINS**



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019

## APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM ENTREVISTADA 1 E AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA ENTREVISTA

### ANFITRIÃ NÃO-NATIVA LS (FERME DE GEORGES)

**LF:** Letícia, eu tenho algumas perguntinhas só para balizar a conversa, para garantir que eu cubro o que eu preciso cobrir. Eu vou gravar, se você não se importar, porque assim eu consigo transcrever depois – é um protocolo da pesquisa mesmo.

**LS:** Tá!

**LF:** E aí é mais um papo, você fica à vontade para me contar para além do que eu te perguntar. **Para começar eu pergunto só para você registrar o seu nome, idade, o seu cargo e onde você reside hoje.**

**LS:** Então, eu me chamo Letícia, Letícia Santana. Eu sou do Rio de Janeiro de uma cidade chamada Queimados. Há alguns anos, eu diria que entre 12-13 anos eu moro no Rio e aí há 4 anos eu trabalho entre Rio e Atins. Tô morando parte do ano aqui e parto do ano no Atins. Eu sou gerente, hoje em dia, da La Ferme e da Chez Georges. Então por isso também que eu me divido entre lá e cá!

**LF:** Maravilha! **E há quanto tempo você atua e o que te motivou a ir trabalhar no Atins?**

**LS:** Então, 4 anos. Eu morei fora muitos anos, sempre trabalhando com ONGs. Antes de voltar eu morava no Egito e em uma dessas ONGs lá fora, eu decidi que eu tinha que voltar para o Brasil. Era o momento no qual a Dilma estava sendo *impeachmada* e as ONGs estavam perdendo muito investimento e eu tinha uma primeira formação universitária em turismo e à despeito a formação em internacionalismo... Oras! Se eu tiver que voltar para o Brasil e trabalhar de novo com turismo, é isso que eu vou fazer, porque eu sinto que é isso que vai dar dinheiro nesse momento.

Porque testavam rolando as Olimpíadas no Rio e lá do Egito eu recebi uma chamada pra vir trabalhar. Daí eu falei: Ah! É isso! Vou trabalhar com turismo! Fiz as Olimpíadas e aí comecei a procurar lugares pra morar e cheguei num cara de quando eu queria morar fora e esse cara queria ficar no meu apartamento no Rio e esse cara tinha aberto um hotel aqui no Atins, que é o Convento Arcária, do Olaf, não sei se você conhece?

**LF:** Sim, conheço!

**LS:** E aí eu mandei uma mensagem: *“oi, não sei se você vai lembrar de mim. Eu voltei pro Rio, tô trabalhando na Booking e tô procurando um outro lugar para trabalhar e viver... Não quero*

*mais ficar no escritório”... e aí ele falou: “Olha, eu acabei de contratar uma pessoa pro Convento Arcária, mas eu conheço um cara que tem um hotel em Atins também que ele tá procurando uma pessoa que fale francês e que ele tem inclusive uma casa, não sei o que que é, no Rio. Vai que de repente tem alguma coisa ali pra você!”.* Aí ele, alemão que é, mandou um e-mail 5 minutos depois para o Pierre, me colocando em cópia, e o Pierre respondeu na mesma hora falando assim: *“Vem aqui! Ladeira do Meireles, 190”* que era em Santa Teresa. Daí eu saí da Booking e fui à casa do Pierre – que era a Chez Georges e eu fiquei assim.... *“Que que isso aqui?!”*. Daí ele fez uma micro entrevista, cheia de perguntas pessoais aí eu pensei: Ah! Essa cara não sabe qual é a vaga que ele tem para mim. Eu acho que ele nem tem um *job description* sério... então sinto que não vai rolar.

Mas fui pra casa e fiz o dever de casa, sem ele ter pedido, que era xeretar dentro da Booking, dentro da minha extranet como funcionária, todos erros que ele tinha de vendas na La Ferme. Porque que a La Ferme não estava se vendendo bem. Mandei um mega e-mail para ele e falei assim: “prazer em ter te conhecido, mas se eu puder ajudar em alguma coisa, eu tô te passando aqui esse relatório completo do porquê que você não tá vendendo tanto e você poderia vender mais a La Ferme”. Daí ele respondeu: “vem aqui amanhã de novo!” e desde então a gente não tem se separado.

**LF:** O que eu achei curioso Letícia, é que você conta aqui que, através do Olaf, um laço social que você tinha – porque a gente vai tratar justamente disso: dos laços sociais e dos caminhos que a gente percorre por meio deles. Então através do Olaf, que era alguém que você já conhecia, você conhece o Pierre com você está aí em um casamento corporativa há tantos anos já. Então muito legal que a sua história já começa com um laço social!

Agora vamos para um momento onde você começa a se dividir entre Rio e Atins. Se você mora 4-5 meses do ano por lá a gente pode considerar que você mora lá efetivamente durante esse tempo. Quando você chegou, eu entendo que você tinha o Pierre ali para te amparar, ou até o Olaf que você já conhecia, mas **como que você sentiu a receptividade dos nativos? Como foi esse primeiro encontro com os nativos?**

**LS:** Cara.... é engraçado isso, porque não foi simples! Eu lembro de ter muita dificuldade nesse primeiro encontro. Acho que as pessoas não entendiam qual era meu carro, o que que eu ia fazer e o Pierre gostava de deixar isso lá mesmo porque ele queria me testar, ele é muito jogador, parece um estrategista de xadrez. Então ele queria entender o quanto que eu conseguia dar, então a princípio era aqui: a menina que vai cuidar das reservas. No primeiro dia que eu cheguei o gerente teve um surto de estava, de estar cansado do Atins e eu segurei uma alta temporada inteira sozinha, mesmo sendo contratada exclusivamente de reservas. E a gente teve uma

conversa e ele disse: “mesmo você tendo segurando a temporada sozinha, você não é Gerente da La Ferme. Você precisa achar alguém para ser gerente porque eu preciso de você no Rio. É bom saber que você consegue dar isso tudo, mas não é isso que quero que você dê. Pelo menos não agora. E aí ele me falou uma coisa ali muito importante que é: *“As pessoas precisam te ler como alguém que é parceira, mas que não é boss, sabe?”* E aí eu fiquei assim.... *“Tá, eu não se como é que eu vou fazer isso, mas vou fazer”*. Até porque era importante para mim não chegar como big boss de ninguém, porque eu não me via assim. Eu sou também uma mulher do interior, da baixada fluminense, negra, com mil questões de auto estima inclusive profissional, por ser uma minoria étnica e racial e aí chegar aqui com voz e autoridade não me faria bem. Entoa foi muito interessante ir fazendo isso aos pouquinhos e ir ganhando a confiança das pessoas num outro lugar. Num lugar de colega, como a menina das reservas, por que se eu chegasse com autoridade eu acho que não teria dado certo. Eu acho que eu teria entrado no mesmo pique de querer que as coisas aconteçam e me responsabilizar muito por elas e não ver as coisas acontecendo, porque Atins tem um outro ritmo – como diria Milton Santos: “a força do fraco é seu tempo lento” e aqui o tempo é outro – e se eu chegasse com esse timing de Rio, São Paulo, acelerado demais, não teria dado certo, entendeu? Então eu acho que a relação foi travada nesse lugar, de ser uma pessoa que está conhecendo aos poucos, tentando investir num relacionamento com as pessoas, tentando entender o que era Atins. E teve uma outra coisa muito positiva pro meu lado que era que eu estava voltando do Egito, onde eu estava morando, que era um lugar desértico também, que tinha essas coisas das relações serem muito difíceis pra mim por conta dos idiomas e por conta de ser ali também uma minoria étnica – afinal de contas, negros no Egito são a escória da sociedade – então eu estava muito acuada, me doando pouco para as pessoas então eu acho que isso me ajudou.

**LF:** Letícia esse gerente que você comentou ele era uma pessoa nativa do Atins ou ele era de outro lugar do Brasil?

**LS:** Então, ele era o Marc que eu não sei quando chegou lá, dele que trabalhou na Le Ferme. O cara é inglês e...quando quer veio para cá e ele veio por conta do kite e ai conheceu eu esse cara também fazendo kite e ele tinha algumas habilidades manuais ele foi uma das primeiras pessoas a construir literalmente a Le Ferme trabalhava com mamadeira e tudo mais aí ele não falava muito bem português então eles estabeleceram as relações complexas eu queria com os funcionários quando eu cheguei o cenário era tipo ele de big boss falando um português não fluido: com um monte de gente na ativa entendendo mais ou menos às ordens para você ter noção foi ele que desenvolveu o menu do restaurante da Le Ferme que é excelente Então hoje a gente segue e desenvolveu todo projeto do restaurante junto com Pierre e foi passando as

receitas para as meninas daqui e assim no olho sabe? E é muito louco é uma parada meio primitiva se a gente olha para trás para imaginar como é que o processo foi feito.

**LF:** Funcionou né tá aí até hoje.

**LS:** Aham.

**LF:** E aí foi um processo complicado né de onde você tivesse colocar e como você tivesse colocar Mas você se recorda de alguém de algum Nativa que tinha sido uma referência para sua visar nesse momento que tenha te ajudado a se encaixar aí nessa comunidade atualmente ajudado por essa ponte da linguagem de como conseguir conquistar a confiança dos nativos?

**LS:** aí eu lembro sim tem uma pessoa em especial que foi a minha grande ponte né porque eu acho que isso acaba acontecendo aqui em Atins você vira pontes atravessando pessoas e tem pessoas que vão te apresentando as pessoas que vão dar sentido a sua a sua vida em Atins são elas que vão construindo a sua *entourage* para mim a pessoa aqui que estava mais colada comigo nesse primeiro momento e que me ajudava a desvendar os mistérios Onde eu compro isso Onde eu conserto quadro quando furar onde eu tiro uma horta que tem somos quando na nossa não tiver era um menino que cuidava da manutenção do hotel que hoje em dia ele virou chefe de manutenção foi promovido e ele saía comigo no quadri me ensinou a pilotar o quadri e falou assim “vou te apresentar as pessoas” e foi me apresentando todo mundo que eu precisava conhecer.

**LF:** Que perfeito como ele chama?

**LS:** Eu tenho uma rede com ele, ele chama Carlinhos.

**LF:** Então ele foi essa sua fonte que era nativa que te pegou pela mão te apresentou aí e que nos teus caminhos ele continua trabalhando e continua sendo diferente manutenção então acredito que esse laço que se formou continua existindo na vida de vocês.

**LS:** Total! sem isso o motivo que funcionou não funcionaria inclusive quando eu tô no Rio a gente tá em constante contato via WhatsApp sendo meu informante.

**LF:** Então nesse processo com Carlinhos para além dele você considera que nesses quatro anos você tem estabelecido laços com outros nativos? Inclusive com nativos que não trabalham com você na lá Ferme?

**LS:** A maioria trabalha. Eu diria que 80% sim, mas tem algumas outras pessoas que não e tem algumas outras poucas pessoas que também não são nativas com quem eu estabeleço contato e a gente se ajuda. Eu diria que não nativo seria a Mônica que tem uma casa aqui que é super parceira da gente, pessoal da Muita Paz que é a Maria; e de nativo é o Del e a família do Del e

a grande parte da família do Serginho que, nossa! Também é outro construtor de pontes para mim aqui.

**LF:** Você acredita que aqui tem alguma atividade você consegue ir? Um lugar, uma atividade ou um evento ou algum lugar onde haja uma reunião de pessoas que seja propício para essa troca entre nativos e não nativos porque eu entendo que a maioria das relações se dão através do trabalho que foi o que motivou aí é ótimo mas você consegue me dizer algum evento ou algum lugar ou alguma atividade que possa promover esses laços entre nativos e não nativos?

**LS:** Eu acho que agora o Del fazendo uma coisa que talvez seja o *point* de encontro. Ali, não tem, em frente o Cajueiro, ele construiu um lugar chamado Vila Tropical onde ele vende, a preços muito populares, um monte de coisa: tapioca, açaí de extrema qualidade, vende churrasco e quem come ali são ou turistas ou nativos ou pessoas que trabalham em Atins e que vão lá para comer. eu fiquei muito feliz com a iniciativa porque sempre foi uma crítica minha que tem uns lugares que são frequentados por quem trabalha em lugares frequentados por turistas e tem aos outros lugares frequentados pelos nativos E isso se estendia tudo não só lugar de comer mas até lugar de se banhar por exemplo o igarapé dos nativos os turistas não vão os turistas não chegam lá a praia Quem Atins geralmente não frequenta a praia porque eles falam que abre essa luva ou que não gostam e até tem mil piadas que eles fazem "Nossa não sei nem como é que tu está agora vai na sala toda suja salgada a gente gosta da lagoa de Igarapé" sempre me incomodou muito essa coisa de como que existe uma divisão simbólica invisível onde termina as classes não se misturam a clientes e isso é muito determinado pelos preços das coisas então Lampião jamais assim um lugar para nativos um barco não é um lugar que você vai ver nativo sentando; a Silvana talvez que é aquele nativo que cresceu na vida mas o Del como como sempre o céu eu acho que ele é um empreendedor incrível que deveria ser tese também ele De alguma coisa ele veio e desligou a separar de você não quero mais trabalhar numa peão eu quero montar um negócio meu que fale com o público e que esse público seja diversa Então eu acho que agora o Vila tropical tem essa função social a fim de unir várias pessoas mas ainda sim é um *baby step* sabe? Cada um na sua mesa ainda mais agora que tem isolamento social mas mesmo assim começa a acontecer. Já não é como o Maresia sabe? quando que você vê um nativo no Maresia? Só servindo. Eu nunca vi um nativo comendo aquela pizza de R\$ 110,00. Então eu acho que aos pouquinhos ele vai fazer isso.

**LF:** Muito legal isso né Muito legal mesmo porque o interessante é que assim o veículo dessa mudança desse *points* encontro como você falou é associada a comida que historicamente associado também um momento de celebração entre na comida da comercialidade então é muito legal ver isso replicado em uma sociedade que tá uma comunidade que tá virando uma

sociedade está crescendo e que ainda acontece dessa mesma forma como acontecia na Idade Média então é legal você pontuar isso de ser assim através dessa comida que tem um preço acessível né, que é uma comida para todo mundo. Todo mundo quer comer tapioca quando está no Maranhão né? Todo mundo quer comer açaí, então muito legal que seja esse o elo que vai unir turistas, nativos e não nativos todos os povos suas partes então muito, muito legal isso.

**LS:** Tomara que seja para sempre né? Pelo menos por um bom tempo até que teve uma outra pessoa a fim de fazer isso, mas o outro lugar quando você falou fácil pela minha cabeça são essas festas históricas do povoado. Tipo a festa do coco d'água ou a festa do pescador, mas que ali existe uma relação de exotismo de quem vem de fora que me causa um certo desconforto. A festa de coco d'água, historicamente, uma festa onde a menina que ficava com mais água dentro do coco depois de uma corrida ganhava. Hoje em dia não tem mais roupa na festa, é só menina que aparece com menor biquíni, enfim tem uma bunda maior, o cabelo mais longo, que tem um padrão estético imposto que é extremamente machista, pejorativo, e, às vezes abusivos. Às vezes as meninas têm 14- 13 anos de idade e já tão desfilando, não só para comunidade de Atins, mas para os turistas que vai assim tipo (...corte na ligação). Eu estava falando que essas meninas estão desfilando não só para os nativos, mas para uma *gringaiada* que vai assistir. Só que são lugares diferentes, assim, são esses lugares de visão do tipo “eu sei que eu tô vendo isso aqui, mas eu não faço parte de isso aqui, logo eu vou fetichizar, eu vou tirar uma foto, eu vou dizer o quanto eu sou *cool* porque eu consigo entrar nesse lugar, porque eu visito o Brasil profundo mesmo sem nem fazer parte dele.” Isso me incomoda um pouco e existe o outro lado e que é tipo usar isso como um alibi de troca mesmo, dá pra ver tantas meninas daqui que ficam esquema de sedução que daqui a pouco a gente vai começar a falar do problema de turismo sexual em Atins, entendeu?

**LF:** Sim ele foi uma das reflexões que surgiram naquele trabalho que eu fiz que eu te contei que falava sobre isso sobre a profissão sobre o surgimento da Aids sobre doenças sexualmente transmissíveis sobre os invertebrados de drogas tudo isso decorrente do Turismo né que são esses impactos negativos que ele traz e que é difícil conter porque é isso que você falou essa menina ela veio aquilo como uma forma de ganhar dinheiro nem a qualquer tipo de atenção que ele é uma porta de saída que seja e isso é cultuado por que é o que você tá falando isso é cultuada numa festa que é uma festa tradicional que tinha outro propósito completamente diferente agora é feito dessa forma. Então sim existe essa troca durante essas festas, mas é uma troca que seria mais uma troca negativa no seu ponto de vista.

**LS:** Aham.

**LF:** Então tá. Você quer contar um pouco disso antes? Eu tenho uma última pergunta que é sobre pessoas em específico. Mas você quer contar um pouco disso? Do que você vê de impactos negativos em especial no quesito social?

**LS:** eu acho que tem esse lado que a gente já tá falando do turismo sexual que para mim é hiper negativo e existe um outro lado que é o lado das drogas que as pessoas acham muito engraçado "Nossa que legal que aqui tem uma bebida que é feito com a mandioca! Olha que bacana" e enfim, a tiquira é feita de uma forma completamente doméstica e artesanal eu sei que é ancestral e que os indígenas faziam, e tudo mais, mas a gente tá falando de uma bebida que tem 80% de teor alcoólico e que às vezes é feita de uma forma muito rudimentar, assim, com álcool 70. E cara, galera cai bêbado de um nível surreal. A gente tem um monte de funcionário com problemas sérios de alcoolismo que não consegue ir para o trabalho no dia seguinte ou que fica no trabalho de porre. Esse mesmo que te falei que virou o chefe de manutenção já chegou no hotel pegando mala de hóspede caindo com a mala sabe? cenas tristes de ver. E aí a gente tem todo um trabalho de sentar com a pessoa tentar dizer que não precisa ser assim, que ela não precisa exagerar tanto nas doses, mas é um problema que já ficou sabe? E o fato de essas pessoas serem tão explorados pela máquina do turismo de Atins e às vezes ganharem tão mal em tantos hotéis, em tantas operações turísticas daqui, faz com que haja uma necessidade de ócio que vem numa demanda muito pesada, na contramão de tanto que elas estão entregando seus trabalhos. Então quem sou eu para dizer para esse cara "não beba tanto" se ele trabalhou para caramba sabe? Quem sou eu para dizer para esse cara "poxa a gente tá numa pandemia, não vai no sábado" se eu tô fazendo ele entrar no hotel para trabalhar mesmo uma pandemia? Então acho uma loucura, assim, que eu não dou conta dela! Eu levo para terapia para entender como é que eu lido com isso, mas eu acho muito sensível, assim, principalmente nesse momento que a gente tá vivendo, que tem um monte de gente acusando o fato de que tá todo mundo precisando de grana mais do que antes e pagando salários exorbitantes aos nativos, Tipo tem gente trabalhando 12 horas por R\$ 400,00 ou por R\$ 600,00. E aí essa galera cai na bebida de um jeito ou ela gasta todo esse pouco dinheiro ela ganha ou então tenta usar bebidas que sejam muito baratas e isso acaba gerando um ciclo. E eu falo que vai prejudicar a família, de como isso às vezes acaba numa violência física, como criar uma briga – e como que só tem basicamente cinco famílias em Atins, - todo mundo fica sabendo disso e aquela briga envolve outra família e geralmente, assim, são coisas bobas que ficam enormes e que a briga de uma pessoa envolve a metade do hotel porque a metade do hotel é de uma família só, sabe? Então como que isso pode afetar tanto a vida das pessoas? E a justificativa que muitos dão para beber é tipo: "a turistada chega aqui encharcando né, chega aqui trazendo seus vinhos e essa bebida tá certa, tudo bem?"

Mas a nossa, não? Eu não consigo acessar a droga que o *cara* traz sei lá da onde da Europa, o pingo do canabidinol que ele consegue trazer que custa R\$ 50, mas consigo acessar o crack” e ele acha que tá ótimo. Tem muita gente consumindo crack em Atins, muita, e Santo Inácio está virando cada vez mais polo dos "outsiders" né? São os estabelecidos e os outsiders. E eu sempre penso muita nessa coisa Atins/Santo Inácio que até gente do Atins começa a falar " a gente não é assim/ essas pessoas de Santo Inácio" e *essa galera* que tá assim infelizmente fazendo Santo Inácio polo de vendas de drogas e uso sobretudo. Nessas grandes festas, na última vez, que eu fui tinha um cara deitado no chão no meio da pista no terreno baldio, mas tinha uma pista de dança e aí a galera entornando, entornando, e eu estava dançando. Vi o cara no chão e falei "Caraca, fulana, olha o cara no chão ali" porque para mim eu moro na Lapa então eu vejo gente no chão o tempo inteiro, mas em Atins era estranho para mim sabe? Então falei "caraca, o cara no chão" e aí ela me respondeu "liga não, é meu filho". Para mim aquilo foi tão ruim que eu fiquei "nossa que energia ruim" E aí nisso que eu falei que eu queria ir para casa chegou um cara bêbado de sentir o hálito a quilômetros, com um facão na mão e ele passou a faca no braço de outra pessoa, cortou o braço de uma pessoa na festa. E aí eu saí e a festa acabou nessa hora, mas assim, é o nível do que pode acontecer, sabe? Com essa coisinha de bebidas em Atins e drogas pesadas. E eu acho muito louco que tem mó *gringaiada* que vem e *fetichiza* isso, que acho super engraçado. Que tira foto e aí posta foto lá pulando bêbado na festa, sabe que eu acho muito complicado, muito complicado mesmo.

**LF:** E para você isso vem dessas condições de trabalho que são pesadas demais, enfim, dessas péssimas condições de trabalho e salários baixos e das tentativas do nativo de sempre se igualar ao visitante?

**LS:** Total para mim isso existe a cultura da ostentação de que tipo eu consigo consumir tanto quanto o cara que nem é da minha terra que tá aqui esfregando na minha cara que consome eu acho que cada vez isso vai piorar mais porquê...e ai pode ser absurdo o que eu vou falar mas os turistas que estão vindo aqui agora tão vindo com a cultura de ostentação ainda mais pesada do que antes, os franceses não conseguiam ostentar tanto aqui afinal de contas ele não traz no iate da França, e ele quer experimentar o turismo rudimentar para poder Ostentar quando voltar para casa a ideia de que ele é *roots* "aí eu sou muito Bon Vivan porque eu vivo aqui em Paris mas olha o quão longe eu passo as férias nesse lugar tão deserto que mal não tem luz que mal tem eletricidade olha como eu sou 'cool'. Mas agora que tá vindo agora com academia está descobrindo Atins meu é uma galera São Luís ricos tem barcos na praia de Atins Marcos grandes assim e é assim essa coisa do idioma que você fala português Você consegue ser mais

agressivo até com o nativo elas literalmente estão falando eu posso eu tenho dinheiro eu sou assim eu sou assado isso acaba gerando mais conflitos ainda.

**LF:** Sim com certeza acho que isso faz parte do processo do Turismo mesmo né que enfim aconteceu um movimento de massificação que nunca vai ser pleno Atins por conta da dificuldade do acesso mas que acaba trazendo esse tipo de turista né que tem muito menos consciência e que no Brasil que a gente vive hoje a gente sabe quais são as nichos né do poder do dinheiro da branquitude e tudo que descarrega e de como isso pode ser agressivo né em qualquer nível social que a gente viva seja no rio seja em São Paulo seja em Atins e que tem uma intensidade muito maior porque o que eu costumo falar sempre é que o Atins era uma comunidade primitiva até muito pouco tempo, uma comunidade que não tinha energia elétrica que não tinha acesso absolutamente nada que o marco de quando chegou a primeira televisão é muito recente...Então tudo isso.**LS: 33:15**

**LS:** porque a gente não tem água potável né acho que isso é muito importante. As pessoas vêm para cá esperando uma ideia de luxo muitas vezes sobretudo a gente ali na La Ferme, sem entender que a maioria das pessoas não tá bebendo água potável elas não têm nem direito a eletricidade ainda, porque eletricidade está chegando a Atins ainda. A gente tá perdendo eletricidade uma vez por semana regularmente. Tipo, pousadas novas colocando ar-condicionado aí a rede não tá aguentando para você ter noção. A água em quase todas as casas tem um cheiro horrível a água vem barrosa. Então assim é um lugar primitivo mesmo assim. Dizem que há 30 anos atrás comparado ao que era Jeri - eu não sei se isso é um dado verídico ou não mas o que eu sei é que assim a gente tá atrasado e parte disso é bom estar atrasado, parte disso é fetichizado de um jeito que eu acho esquisito e outra parte disso é muito negativa. Eu fui numa reunião da CEMAR que teve aqui ano passado e aí o Prefeito de Barreirinhas veio com aquele 'oclhão' tipo Falcão assim sabe? tipo aquela figura do Poder do nordeste brasileiro e aí ele " Eu vou tacar luz em todos os postes" e falando e aí tinha uma francezada na reunião que eram aí os donos de pousada e uma francesa falou assim " não, não pode botar luz nos postes porque vai perder o charme do Atins" e aí uma senhorinha lá da ponta do Mangue que tinha vindo para reunião falou assim "na sua casa você que a luz não quer? Onde você mora lá na França você quer Luz aqui na casa da gente você só vem uma vez por ano para fingir que é hippie e aqui tu não quer a luz não. Eu tô com pressão alta que tô comendo peixe salgado porque não tem eletricidade lá na ponta..." e enfim é um debate assim que você ia surtar Lais.

**LF:** Não é eu ia querer morar no debate para estudar todas as falas ditas ali dentro Mas é isso mesmo tipo você chega você empurra o nativo para fora da linha da praia, onde era a casa, gentrifica, mas toda essa fetichização que você tá falando né e não quer abrir mão disso né E

você esquece que ali tinha uma comunidade antes Que era uma comunidade Pesqueira que hoje em dia nem presta mais porque nem tem peixe então tem toda essa transformação que cada um vê a sua maneira.

**LS:** É muito doido faltar peixe aqui né eu estava conversando com o Nego essa semana que não sei se você viu aí nas redes mas tem um apresentador da Record que passou uns dias aqui na rota das emoções, Álvaro Carneiro, ele passou até lá na La Ferme e enfim o cara é um dos amigos pessoais do Bolsonaro não acredita no corona estava com discurso meio fascista eu estava extremamente preocupada com a presença dele na rota das emoções com a quantidade de apoiadores que ele estava tendo. E aí ele dizia coisas assim surreais sabe e a galera ia concordando e a gente foi mostrar para ele o negócio do nego, o artesanato do Nego e

Eles ficaram lá no diálogo de acordos e desacordos, Mas a gente chegou nesse. onde o nego falava "cara o que eu faço aqui vai morrer daqui a pouco porque ninguém mais interessa em fazer isso, ninguém mais que trabalhar com artesanato, e me zoam de bicha por fazer isso, e meus filhos não querem fazer isso meus filhos querem ser quadri taxista ou fazer passeio" porque é isso que dá status porque além de dar dinheiro da status, ser motorista dos gringos. Eu acho que é isso que vai acabar com Atins muito do que faz ou fazia o turismo acontecer que é essa coisa da comunidade pesqueira e tudo mais vai acabar se esvaindo justamente por conta No turismo que aí que é tão difícil fazer o que é o turismo sustentável onde a gente não tem as raízes autênticas no lugar e consegue mostrar ainda o que é externo e recebeu o esterno para valorizar o que é local

**LF:** Para valorizar o que local sendo que o local seja quase que infectado com isso que a externa e se perca né se descola de suas raízes mesmo. É isso mesmo. Olha a Letícia eu acho que a gente ainda vai conversar muito sobre essas coisas todas. Eu amei que você quer né, tem essa ideia de fazer um documentário eu acho que tem muita coisa aí que a gente pode fazer juntas em relação a isso até de Depois de tanto ouvir conversar pensar, criar iniciativas e traçar algo que ajude a minimizar isso mesmo por que assim o turismo ele é uma atividade predatória como qualquer outra atividade econômica, então não que a gente freia isso não acontece mais, mas essa busca constante de entender um jeito de fazer com que seja realmente mais sustentável não só ambientalmente mas socialmente também.

**LF:** Agora deixa eu te perguntar uma coisa, assim, para você tentar me dizer nomes se você reconhece ou não essas coisas. A gente aqui de Laços, de pontes e é justamente sobre isso esse trabalho sobre essas pontes que a gente constrói sobre como pessoas podem ser pontes na vida uma das outras através de laços sociais criados aí no decorrer da vida e seja dentro do trabalho, seja dentro de uma atividade de lazer ou de um núcleo familiar ao que quer que seja. E

aí esse trabalho para eu te contar ele foi um pouco congelado pela pandemia né a ideia mesmo era fazer uma construção, conversar com vocês com gestores que é o que eu decidi fazer no momento, eu fiz um recorte mas conversar também com nativos e fazer um cruzamento dessas relações e desenhar qual é a rede social em Atins mesmo quem se conecta com quem, quem construiu pontes através de quem, você por exemplo já me falou que construiu uma ponte através do Olaf e através do Del também você tem uma outra conexão com ele que também te leva a outras pessoas e que através do Carlinhos você conheceu a Maria ou a Mônica então a ideia Inicial era fazer essa construção de redes mesmo de todo mundo e fazer todos esses cruzamentos e fazer entender aonde que existe aí possíveis conexões ou conexões afetivas que ajudam no desenvolvimento sócio-econômico dos nativos e que com isso podem ser decretados como Laços que ajudam no alívio a pobreza não só Econômica mas na pobreza social também seja por ascensão social. Se acha por construção de novas Pontes que levaram esse nativo a se mudado Atins para ter um outro emprego em outro lugar que tenha trazido mas tensão social e econômica para ele ou que até de viagens para fora de sair daquele contexto que ele nunca saiu e acabou podendo conhecer outras coisas. Então nesse sentido eu queria te perguntar sobre isso se você consegue me nomear que tenha se desenvolvido profissionalmente depois de trabalhar com você ou através de alguma troca que tem com você e você me falou para exemplo do Carlinhos que hoje é chefe de manutenção ele recebeu uma promoção nesse processo você consegue miar alguma pessoa que você pense "Nossa essa pessoa assim eu desenvolvi essa pessoa e ela foi promovida por minha causa".

**LS:** Ele com certeza eu acho que é esse caso, tem outras meninas que estão no processo lá na La Ferme que são as meninas que trabalham com a gente na cozinha que são camareiras e tem uma um caso que eu me orgulho muito também que é da Cleude que chegou para gente como marisqueira. E é muito doido isso né porque na época do Lula foi feito um programa tipo o bolsa família para quem vivia da Pesca para aqueles momentos onde não houvesse pesca Essas pessoas receber sem auxílio então quando ela chegou por exemplo disse que jamais ia assinar a carteira que não fazia sentido e aí teve todo um trabalho de insistir com a pessoa para ela pudesse ter o benefício de receber o auxílio da CLT e conscientizá-la de que aquilo era melhor enfim e provar para ela que ela podia fazer mais coisas do que mariscar. Hoje a Cleude é um 'casezão' para a gente. Tá mandando muito bem na cozinha, ela estava fazendo nosso menu de olhos fechados. Inclusive eu contei a história dela num artigo da Design Hotels que vai sair daqui a pouco tempo em uma revista aí da gringa. Eu acho muito \*\*\*\*\* assim que é isso uma marisqueira de Atins que agora sai para pessoa como um hobby e o marido dela é pescador então ele sai muito para pescar e tá super bem na cozinha da La Ferme.

**LF:** tem vários cases assim né eu quis estudar isso em específico porque eu conheci o case assim que é o Francisco ele trabalhava com Buna e ele passou um tempão com a família Pires com a Cleo Pires e tudo mais e a história dele é super legal assim do que ele conquistou através desse processo aí de ter a confiança de alguém trabalhar com alguém por muito tempo ser apresentado para outras pessoas se é requisitado por essas outras pessoas novas investidores como a glória e sei que estado por eles e ir trabalhar com eles e enfim fazer outros trabalhos em São Luís ir para o Rio então toda essa movimentação contribui muito para o desenvolvimento social da pessoa e aí foi daí que surgiu a minha ideia e eu adoro ouvir suas que é isso porque é isso se não fosse por você pela sua existência talvez é Cleide nunca deixasse de receber o auxílio do governo e se negar você tem umas CLT que eu tenho uma coisa super complexa no Atins e que vocês fazem um super trabalho nesse sentido né então acho que é legal.

**LS:** é muito louco e isso porque, enfim ,tem todo um discurso contra a CLT, contra esses benefícios e ao mesmo tempo, não só aqui como nacionalmente, sobretudo nesse momento que estamos vivendo, é muito difícil a gente tentar construir qualquer coisa, principalmente você não querendo ser colonialista e impor para pessoa um jeito de viver, um jeito de pensar, o dia de receber o seu dinheiro... mas eu acho que é um trabalho que envolve muito mais que você falou hoje, não desistir porque é muito fácil desistir das pessoas e ficar com a ideia de que, meu, semana que vem eu arrumo outra pessoa que arruma esse quarto e não é assim sabe? Nequinha arruma o quarto do jeito que a Jeane arruma de outro – por mais tretas que a gente já possa ter tido no trabalho eu sei que a gente faz um serviço de hotel escola e em uma escola a gente não pode desistir das pessoas. É um trabalho muito de educar.

**LF:** E para Além disso você consegue nomear algum nativo que tenha perto do seu próprio negócio depois de passar pela La Ferme?

**LS:** Sim e que continua trabalhando com a gente mesmo com o negócio dele. É o Juninho que é o nosso braço direito do Carlinhos em manutenção e aprendeu a mexer na casa bomba de água uma máquina super complexa que a gente trouxe de Fora para purificar água do hotel. Ele ficou tão safo nessas coisas que ele abriu o próprio negócio que ele toca em paralelo. Tem a Regiane também que trabalha com a gente no restaurante, mas que abriu um churrasquinho dela no Santo Inácio e com isso ela ta empreendendo belamente lá e tá pegando muito das receitas com a gente. A gente agora tá com uma chef maravilhosa que tem ensinando muitas coisas novas para as meninas e ela visita Regiane no Santo Inácio. Na conta da Regiane que não dá para usar ketchup e maionese e ela dá altas dicas e a Regiane tá usando tudo isso no próprio churrasquinho dela e os dois caras que me vem à cabeça são esses. O negócio do Juninho é manutenção de quadri e ele tá abrindo um mercadinho também tá virando um alto empreendedor. Eu sempre

falo isso para as meninas principalmente da cozinha cara hora eu preciso que vocês estejam com coração aberto para chefs de cozinha que venham e outros chefes porque são coisas que vocês estão aprendendo para vocês abrirem o próprio restaurante de vocês ou para abrir no hotel que quer competir com ela Ferme que quer desbancar a nossa história eu vou ter orgulho de saber que vocês foram formadas aqui que estão servindo comida de alto nível nossa praia sabe?

**LF:** e você acha que essa visão Letícia porque eu sei que para vocês para o Pierre para você isso é muito forte né esse papel até de desenvolvimento mesmo você enxerga isso nas outras pousadas nos outros gestores ou em outros investidores no Atins?

**LS:** ai é complexo te responder isso sem puxar essa sardinha para minha brasa. Eu acho que até fácil para gente se destacar nesse diante de tanta de tanto olhar colonizador que existe nos outros lugares, que aí eu vou puxar para minha casa pessoal mesmo, por que eu acho que se fosse o Pierre com outra pessoa gerindo a pousada talvez não fosse desse jeito. Muito de tudo que acontece tem do meu histórico de vida da pessoa que eu vou insistindo com Pierre assim "não desista dessa pessoa, você me contratou, você já mudou a minha vida" porque eu sou uma menina preta dos Queimados que por acaso teve uma mãe historiadora que falou "vai estudar idiomas", mas se não fosse isso, um cara francês teria olhado para mim, teria percebido talento, nem teria falado "essa menina vai conseguir trabalhar comigo". Muito provavelmente eu ainda tá lá na Booking batendo a cabeça dentro de escritório. E então eu falo pra ele "do jeito que você não desistiu de mim, que você olhou para mim porque eu tinha potencial, eu preciso que você continue olhando para todos os funcionários, que a gente continue apostando neles" Mas o que eu vejo em Atins é uma alta rotatividade de pessoas na gestão das pousadas, pessoas que chegam aqui cobrando uma eficiência que nunca vai acontecer. Cobrando um padrão de entrega de São Paulo e Rio de Janeiro. Uma *galera* formada pelo Senac, Sebrae, que não tem aqui e as pessoas que cobram inclusive altos salários para si, mas aceitam salários ridículos para quem tá trabalhando para elas. E depois se estressa porque as pessoas não trabalharam bem e vão embora de Atins fazendo sua grana por um ano e vão embora. Agora, eu acho que parte do círculo vicioso da má gestão é esse inclusive. Um trabalho que o às vezes gostam de não ver não, tá entendendo?

**LF:** Entre as pessoas que já passaram por você, se relacionaram com você, conhece alguém que tenha se mudado do Atins para fazer qualquer outra coisa fora que tenha realmente "a estou indo embora é diferente conhecimento consegui fazer esse contato tô indo para outro lugar"?

**LS:** Não ainda não, não aconteceu.

**LF:** Letícia eu acho que é isso que eu preciso. Foi um super papo, eu acho que dava sim para gente conversar 10 horas. Muito obrigada!

## AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezada **Leticia Santanna**, agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa científica intitulada “HOSPITALIDADE, TURISMO E LAÇOS SOCIAIS NO ALÍVIO À POBREZA: uma análise das relações na comunidade do Atins, MA” orientada pela Profa. Dra. Roseane Barcellos Marques, desenvolvida como requisito para a conclusão do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP.

A entrevista terá duração de 30 a 60 minutos e tratará de assuntos referentes ao projeto – hospitalidade, laços sociais, turismo e as relações entre anfitriões nativos e não-nativos como vocês.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação.

Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio e, se aplicável, as imagens da entrevista neste trabalho, em apresentações em eventos e outras publicações científicas.

Peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento.

( ) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens, sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas.

( ) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens e sons da mesma em apresentações eventos e publicações científicas, **porém solicito que meu nome não seja citado no trabalho.**

(X) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **porém solicito que nenhum dos nomes ou instituições por mim mencionados sejam citados no trabalho.**



Assinatura

Local e data: Atins, 24 de agosto de 2020  
Contato: 21 99336-0489

Agradeço e subscrevo-me,  
*Lais Antunes Furtado*  
CPF: 042.854.723-09

## APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM ENTREVISTADO 2 E AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA ENTREVISTA

### ANFITRIÃO NÃO-NATIVO MJ (FILHOS DO VENTO)

**MJ:** Oi Laís! Chega atrasado o áudio, tá? Nós temos que falar espaçado!

**LF:** Já tô sabendo. Já tentei aqui com algumas pessoas hoje e eu sei que a conexão não está muito legal, mas já estamos falando espaçado que aí eu acho que dá certo. Marcelo, eu sou a Laís, sou Maranhense, trabalho com turismo e hotelaria há 6 anos e sou também uma grande entusiasta de Lençóis Maranhenses. Cresci pelos Lençóis, destravando-o desde muito pequena... Já estive na Filhos do Vento quando não tinha nada, nada no Atins, quando vocês eram ainda parte dos primórdios. Eu tenho essa pegada de estudar turismo como ferramenta de alívio a pobreza, que impactos o turismo pode trazer, que impactos positivos ele pode trazer para as comunidades onde acontece. E aí eu tô fazendo esses estudo que é sobre relações sociais um estudo mais antropológico talvez, mas que faz esse link entre turismo, alívio a pobreza e as relações sociais. Então queria bater um papo com você, pode ser um papo super rápido não quero tomar muito seu tempo, mas é um papo assim sobre relações sociais mesmo entre você e nativos e no que que isso contribuiu. Então de início eu quero te pedir se você se importa que eu grave a ligação né que a gente grava para fazer uma transcrição dela depois e vai para dissertação e que você fala seu nome sua idade – eu sei que você trabalha no Filhos do Vento e eu queria saber qual o seu cargo, sua função – onde você nasceu e se você reside no Atins hoje em dia.

**MJ:** Tá bom! Antes de mais nada eu queria te parabenizar pelo trabalho prazer poder estar participando e te ajudando espero que você tenha sucesso. Meu nome é Marcelo --- Jorge eu sou nascido e criado em Limeira no Estado de São Paulo interior de São Paulo, próximo à Campinas, eu tenho 51 anos e mora aqui em Atins e fico mais em Atins do que em São Paulo. Sou apaixonado por essa terra aqui e tamo pronto, né? Eu sou o proprietário da Pousada Filhos do Vento estou aqui há quatro anos.

**LF:** Então você comprou a pousada a quatro anos e desde então se divide um pouco aí entre Limeira e Atins passando mais tempo em Atins é isso?

**MJ:** Sim. Eu arrendei a pousada, tá?

**LF:** Tá, perfeito! Marcelo, e o que que veio na tua cabeça que você decidiu ir para o Atins? O que te motivou a arrendar pousada e se mudar praticamente para o Atins?

**MJ:** Na verdade eu sou engenheiro agrônomo e eu tinha uma fazenda de produção de café (e laranja) em São Paulo e tava meio... saber? Aquela coisa meio morta e eu queria mudar um pouco de vida e aí eu vim para cá 2016 para 2017 conheci a pousada, conheci o *cara* e em seis meses já estava aqui. Consegui negociar ela com o cara da pousada e aí em junho de 2017 eu já tava de mudança para cá.

**LF:** Maravilha. E o que te motivou a ir aí? Como que você fez esse primeiro contato com o ex-proprietário?

**MJ:** A motivação que eu tirei foi do modo de vida mesmo. Quando eu vim para cá eu senti que era um lugar que eu poderia ter essa mudança. Gostei da paz, da tranquilidade, não tem tanta civilização, gente, não tem bagunça, então eu me apaixonei pelo lugar. A princípio foi um pouco estranho porque é muito diferente da vida que eu levava lá, mas rapidinho eu me acostumei e hoje eu não consigo ficar sem.

**LF:** Delícia, né, Marcelo? Então me conta uma coisa: quando você foi a primeira vez, fala sobre o sossego, sobre a paz, sobre ser um lugar que não é tão civilizado ainda, tão desenvolvido. Você considera ou considerou naquele momento os nativos com pessoas hospitaleiras?

**MJ:** Olha é assim, 95% das pessoas que eu conheço aqui são pessoas hospitaleiras e boas. Como todo lugar tem os 5% que só pensam em se aproveitar, sabe? Não são hospitaleiros e não gostam de quem vem de fora. A maioria são meus amigos! Quando eu faço aniversário quem vem no aniversário são nativos antigos, são as pessoas mais antigas do local, o Seu Bernardo, Seu Chico Jacinto, que são os nativos antigos aqui. São pessoas extremamente boas, sabe? Mas a maioria eu considero que seja hospitaleira sim. Mas assim quem é nativo aqui e quem tá trabalhando com turismo fica um pouco escabreado com quem vem de fora, mas depois acostuma eles sabem que viemos para somar.

**LF:** Muito legal você ter comentado do seu Bernardo! Eu o conheci no ano passado e acho que ele tinha um papel muito importante da comunidade com a coleta do lixo. A coleta contribuía muito mais para população do que como vetor financeiro pra ele, né?

**MJ:** Exatamente! Uma pessoa extraordinária.

**LF:** Marcelo, quando eu te pergunto: “Marcelo, quando você chegou quem foi a pessoa nativa que te ajudou a se ambientar?” Tem uma pessoa que você lembre?

**M:** Sim. A Dadá e o Dodô. São duas pessoas que trabalham para mim que no começo eles já estavam aqui na pousada, então foram peça-chave aqui na minha chegada. Eles que me apresentaram a maioria dos nativos, então todos meus amigos nativos se devem a eles.

**LF:** Eles trabalhavam na pousada né, e qual era a posição deles na pousada?

**MJ:** Ele estava no começo. O Dodô faz de tudo aqui, ele é da manutenção, marido da Dadá.

**LF:** Então, por exemplo, você citou que no seu aniversário você convida os nativos. Você tem uma relação com o Seu Bernardo, o Seu Chico Jacinto, com Dadá e Dodô, que foram sua peça-chave aí para conhecer mais pessoas... Então você considera e você afirma que você criou laços sociais com nativos depois da sua chegada?

**MJ:** Sim, eu tenho muitos amigos aqui fora eles. Tenho o pessoal que faz passeio, eu tenho um pessoal que faz *transfer* de barco e são meus amigos também, então crie laços sim.

**LF:** Que legal, então. Marcelo, então logo na chegada Dadá e Dodô estavam na pousada e você os conheceu através do trabalho, né? Eles te apresentaram mais pessoas, mas você considera que tenha algum contexto ou local que seja mais propício para você criar esses laços com nativos? Ou um evento, alguma atividade que reúna a comunidade?

**MJ:** Uma coisa legal no primeiro ano que eu tava aqui é que teve uma competição de canoa com os nativos e eu participei com eles. Eu fiquei junto, eu criei um laço ali. Agora outra coisa que tem aqui no Atins é que é difícil sair à noite, mas eu tive bastante contato quando teve essa competição de canoa aí depois não teve mais, mas me parece que esse ano vai ter de novo.

**LF:** É um evento que era promovido pelos nativos mesmo?

**MJ:** Sim, sim.

**LF:** E vocês se reúnem em algum momento de lazer você e esses nativos com quem você fez amizade? Vocês têm o costume de se reunir?

**MJ:** Quando eu faço meu aniversário, eu faço reunião com o pessoal. Mas às vezes eu vou com o Dodô – que é o meu funcionário aqui –, eu vou lá onde tãõ os amigos dele, eu vou pescar com ele e tal. A vida noturna aqui eu quase não saio.

**LF:** Você também foi para aí para fugir disso, né? Então você gosta de uma coisa mais tranquila.

**MJ:** Exatamente.

**LF:** Entendi então. Marcelo, você acredita que a sua vinda contribuiu ou impactou na vida dos nativos com quem você criou esses laços de alguma forma seja essa forma positiva ou negativa?

**MJ:** Olha eu tento passar algum conhecimento meu para eles e eles para mim. É a única coisa que eu gosto. Não gosto de influenciar a vida deles, na rotina deles e na cultura e no modo de viver deles, entendeu? O que eu gosto é de passar o meu conhecimento de toda forma que seja. Todo tipo de conhecimento e eu adoro também aprender com eles, porque por mais que simples que eles sejam eles têm muito a oferecer. Para você ter uma ideia eu participo de todas as associações, as reuniões, a Virlene sabe disso. Eu acho que sempre quem tá a frente de tudo é o nativo. Nós que chegamos depois não podemos ditar regras. E sempre quando vai ter uma regra nova eu acho importante o nativo estar à frente de tudo para ver se eles concordam e para

eles estarem sabendo, né? Porque eu não posso chegar no lugar e não vou chegar e dominar e já tá fazendo alguma coisa. Primeiro o nativo depois a gente.

**LF:** Com certeza. Você acha que acontece dessa forma, Marcelo? Eles têm uma voz? Eles conseguem se organizar de uma maneira que eles tenham uma voz acima das vozes desses novos investidores?

**MJ:** Eu acho que eles têm uma reação diferente. Alguns concordam e outros não concordam. E aí na discordância deles, eles tomam certas atitudes que eu acho assim entre aspas meio erradas. Por exemplo, foi decretado que não poderia entrar carros na praia aqui em Atins, o presidente da associação participou da reunião e concordou. 3, 4 pessoas da comunidade não concordaram, só que eles não estavam presentes na reunião. Quem estava presente era o representante deles, que é o presidente, então foi determinado que fosse fechada a praia. Essas três, quatro pessoas todo dia vão lá e tiram a proteção que impede o carro de entrar na praia. Todo dia está entrando turista em quadriciclo, o que já foi proibido, então, assim, se tem uma regra e eles não aceitam eles usam as mãos para mostrar que eles não estão aceitando. Não generalizando, mas então existe isso que é cultural também, né? A vida inteira eles usavam os carros na praia e os caras vão levar alguém na cachoeira na caminhonete deles, no quadriciclo, e aí de uma hora para outra tapa tudo? Daí eles acham estranho, né? Mas eles vão se acostumar. Acredito que eles vão se acostumando com a situação.

**LF:** Até entenderem a relevância disso, né? Que ninguém tá querendo tirar o direito deles, mas sim proteger a praia, transformar em lugar de um trânsito de pedestres...

**MJ:** É. É porque todas as decisões que são tomadas, são tomadas em conjunto. Quase que uma unanimidade para se criar essas regras e alguns não aceitam e acabam fazendo as regras deles com as próprias mãos.

**LF:** Entendi como chama o presidente da comunidade, Marcelo?

**MJ:** Ai eu não me lembro como é o nome dele, são nomes diferentes aqui.

**LF:** Então deixa eu te perguntar outra coisa em outra linha. Você fala quando você veio você queria fazer essa troca de conhecimento e não quer influenciar na vida dos nativos, nem nos costumes deles. De qualquer forma dentro da pousada você tem um papel, você tá gerando empregos, você tá trocando com essas pessoas que são seus funcionários, então eu queria que você me nomeasse as pessoas que trabalharam com você ou que cruzaram com você durante a sua vida em Atins, se você consegue me dizer um nativo que você possa afirmar que ele tenha se desenvolvido profissionalmente após trabalhar com você ou fazer alguma troca com você?

**MJ:** Olha bem fácil de falar para você! A Dadá que trabalha aqui. Dadá hoje, depois que ela começou a trabalhar conosco, ela já vinha planejando isso, mas hoje ela tem a casa dela, ela tem o quadriciclo dela, ela arranha falar francês... quando vem francês aqui ela consegue se comunicar em francês!

**LF:** Então ela teve uma ascensão tanto econômica como social também, né, porque agora ela pode falar outra língua, pode galgar outras coisas. E você sabe alguém que através de você outra vez de outra pessoa tenha aberto seu próprio negócio? Depois de trabalhar no turismo, depois trabalhar com alguém que veio de fora, e, enfim, depois de desenvolver habilidades tem aberto seu próprio negócio?

**MJ:** Olha tem vários nativos aqui que tem o próprio negócio. Eu não sei bem como que começaram, mas eu sei que parece que o Del lá da Vila Tropical, ele trabalhava com cara de pousada e hoje ele tem um restaurante dele e tem outros casos assim.

**LF:** E você conhece algum caso de algum nativo ou já ouviu alguma história que também se desenvolver profissionalmente abriu seu próprio negócio ou crescer economicamente e depois disso saiu do Atins e foi trabalhar em outro lugar?

**MJ:** Não, não conheço. Eu sei que tem o filho de um cara que faz o transfer aqui, a filha dele aliás, ela saiu daqui para estudar fora. Tá estudando em São Luís ou em São Paulo, mas foi através do trabalho do pai dela que ela foi e o filho também foi, só que não conseguiu se adaptar e voltou. Mas tem caso sim.

**LF:** Perfeito. E você vê esse movimento, Marcelo? Eu sei que através de você, você consegue me dizer a Dadá, por exemplo, né, que aconteceu através de você. Você enxerga esse movimento em donos de outras pousadas ou através de outros investidores que os nativos fazem uma troca com eles e que acabam desenvolvendo eles economicamente, socialmente, eles conseguem ser promovidos ou adquirir novas habilidades ou, como você citou a Dadá por exemplo, construir a própria casa e até ter o próprio quadriciclo? Você enxerga esse movimento acontecendo no Atins?

**MJ:** Em alguns sim, outros não. Quem tá chegando mais novo aqui, por exemplo. Tem um casal que tá construindo uma pousada aqui e eles ajudaram uma família inteira e essa família tá se desenvolvendo muito por causa deles, mas tem bastante empresário aqui que só visa o próprio nariz, entendeu? Não tem contato com o funcionário aquele negócio eu já fiquei sabendo de casos do pessoal não paga 13º, não dá férias e o pessoal aqui não reclama porque não sabe direito. Eles não sabem, aí tem empresário que é mau caráter e que se aproveita disso.

**LF:** É, eu entendo. Essa é uma resposta recorrente na pesquisa, esses dois tipos de empresários e de investidores, de pessoas que vem de fora que às vezes tem interesse pessoal como você, de mudar de vida ou de ir para um lugar mais tranquilo e que acaba contribuindo muito mais porque vai com intuito que não é puramente para lucrar. E esses outros empresários que visam ao lucro unicamente.

**MJ:** É isso mesmo.

**LF:** Marcelo, muito obrigada pelo seu tempo eu tenho as respostas das perguntas que eu preciso eu queria saber se você quer contribuir com mais alguma coisa se tem mais alguma coisa que você acha relevante nesse sentido do desenvolvimento da comunidade que você queira compartilhar, de alguma ação que aconteceu, ou de alguma política pública, ou de algum movimento até dos empresários ou dos nativos que contribuíram com isso para desenvolver a sociedade em especial os nativos seja de uma forma social ou econômica?

**MJ:** Eu achei legal, recentemente, porque eu tava 2, 3 anos falando para todo mundo para ter cursos aqui, deixar o pessoal mais atualizado e a Virlene trouxe os bombeiros para fazer cursos de primeiros socorros. Foram mais de 50 pessoas participando e foi superimportante, todo mundo sabia proteger o próximo, tudo graças a Virlene. E eu falava isso e falava direto dois anos já porque eu já vi acidente na praia e tal. Mas eu queria assim, que tivesse um movimento que sempre estivesse trazendo coisas novas p para Atins para quem tem interesse em aprender isso. Era isso que eu gostaria para o Atins.

**LF:** Marcelo, eu te agradeço imensamente pelo seu tempo pelas suas respostas e você vai contribuir muito com a minha pesquisa! Te desejo muito sucesso e em breve eu devo ir ao Atins. Adoraria passar para dar um abraço de agradecimento pessoalmente

**MJ:** Vem aqui que você é minha convidada

**LF:** Obrigada e sucesso! É muito importante que o Atins tenha pessoas como você, que querem se trocar respeitando a comunidade local para que o turismo possa ser feito de forma sustentável e a comunidade também se mantém e se desenvolva. Que todo mundo possa crescer junto.

**MJ:** Tá bom, Laís! Eu agradeço também a oportunidade está podendo ajudar e parabéns pelo seu trabalho e quando você tiver concluído alguma coisa vou fazer questão de querer ver.

**LF:** Claro, vou te mandar!

**MJ:** Legal. Tá bom, apareça aqui.

## AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezado Marcelo Jorge Fovceri, agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa científica intitulada "HOSPITALIDADE, TURISMO E LAÇOS SOCIAIS NO ALÍVIO À POBREZA: uma análise das relações na comunidade do Atins, MA" orientada pela Profa. Dra. Roseane Barcellos Marques, desenvolvida como requisito para a conclusão do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP.

A entrevista terá duração de 30 a 60 minutos e tratará de assuntos referentes ao projeto – hospitalidade, laços sociais, turismo e as relações entre anfitriões nativos e não-nativos como vocês.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação.

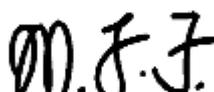
Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio e, se aplicável, as imagens da entrevista neste trabalho, em apresentações em eventos e outras publicações científicas.

Peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento.

( ) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens, sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas.

( ) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens e sons da mesma em apresentações eventos e publicações científicas, porém solicito que meu nome não seja citado no trabalho.

(X) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, porém solicito que nenhum dos nomes ou instituições por mim mencionados sejam citados no trabalho.



Assinatura

Local e data: Atins, 26 de agosto de 2020  
Contato: 19 99866 9333

Agradeço e subscrevo-me,  
*Lais Antunes Furtado*  
CPF: 042.854.723-09

## **APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM ENTREVISTADA 3 E AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA ENTREVISTA**

### **ANFITRIÃ NÃO-NATIVA RR (VILA GUARÁ)**

**LF:** Agora tá super ótima a conexão! Não sei o que você já pegou da nossa primeira tentativa, mas eu queria contextualizar, só! Eu sou maranhense. moro em São Paulo há 7 anos, mas cresci no Maranhão, viajando para os Lençóis. Enfim, vi o turismo ser edificado na região quando nem tinha estrada ainda, viajava muito para os Lençóis e no mestrado eu acabei focando meus estudos em Lençóis Maranhenses. Minhas pesquisas têm toda essa linha de investigar o turismo e se ele pode servir como uma ferramenta de alívio a pobreza. A ideia é entender isso através das relações sociais entre nativos e entre esses novos anfitriões que são vocês. Seja empreendedores ou pessoas que foram para Atins para trabalhar com turismo e que chegam carregando uma bagagem que os nativos não tinham antes, com ideias que eles nem tinham contato, enfim, até com uma linguagem diferente e toda essa subjetividade que tem desse encontro entre o nativo e o não nativo. Então eu queria ouvir de você para você se apresentar um pouco: Seu nome, a sua idade, qual que é a função que você exerce na Vila Guara, de onde você é, onde você mora e há quanto tempo você mora no Atins?

**RR:** Meu nome é Raquel, eu sou natural de São Paulo, da capital mesmo. Eu vim para o Atins em 18 de junho! Eu era construtora hoteleira em São Paulo e conheci um dos sócios e hoje eu sou gerente geral da Vila Guarará. Assumi em março deste ano, mas por conta da pandemia só consegui vir em junho e eu tô morando na própria Vila Guarará, onde eles têm uma casa que é para a gerente e alguns funcionários do staff que vem de fora.

**LF:** Essa estrutura é para pessoas que vem justamente trabalhar de fora?

**RR:** Exato, são três quartos no caso.

**LF:** E atualmente todos os três quartos estão com pessoas que vem de fora para trabalhar?

**RR:** Hoje não. Como a gente ainda não abriu porque, enfim, só estou eu na casa. A gente tá com staff reduzido, mas para reabertura vai chegar o chefe de cozinha, vai chegar provavelmente alguém para ajudar com restaurante, o maître do hotel e eles vão morar lá na casa da gerência também.

**LF:** E Raquel, qual foi a tua motivação para tocar se mudar para o Atins?

**RR:** Acho que foi o desafio de conhecer uma cultura nova. Apesar de ser no mesmo país, realmente o que me motivou foi esse desafio, está próximo ao mar e receberá hóspedes que venham a lazer, né? Então tem uma gama de serviços a oferecer para esses hóspedes, um atrativo natural que belíssimo. Eu sou formado em turismo e formei em 2002, então morei cinco anos fora do país e eu sempre busco cidades que vão me ensinar alguma coisa, sabe? Que vão me trazer algo bem mais interessante. Aqui realmente é diferente de tudo que eu fiz e todos os lugares que eu já trabalhei então tem essa questão de desafio, de me desafiar constantemente para o meu crescimento profissional.

**LF:** Sei que assim você chegou no momento até um pouco atípico que normalmente seria o meio da temporada, mas que por conta da pandemia eu entendo que as coisas não estavam ainda em pleno vapor, o parque tinha acabado de abrir então, quer dizer, nem tava aberto ainda, né?

**RR:** Não e ainda não abriu. A nossa previsão é em outubro.

**LF:** Mas eu entendo que quando você chegou certamente tinha alguém aí para te receber então na chegada você sentiu hospitalidade por parte dos nativos?

**RR:** Sim, eu me sentir muito bem-vinda na verdade. Na equipe todos são nativos menos uma pessoa que é o gerente de manutenção que é do Ceará e me senti realmente muito, muito bem-vinda o pessoal é muito gentil.

**LF:** Tem alguma pessoa dentre os nativos e essas pessoas que te receberam que venha a tua cabeça como a pessoa que mais te ajudou a se ambientar ou com a minha mudança?

**RR:** Tenho. É o chefe de manutenção, esse *cara* que é do Ceará. Porque ele é do time de manutenção, então ele conhece tudo aqui na pousada, entendeu? Então foi ele que me mostrou tudo. Mas tem dois nativos super fofos, um que na temporada cuida do bar e outro que é auxiliar de cozinha durante a temporada (porque fora da temporada eles cuidam de serviços gerais ou de manutenção). Elas foram pessoas que realmente foram muito calorosas.

**LF:** Posso perguntar o nome deles?

**RR:** Sim Maxwell e Adrielle. E o chefe de manutenção é o Gilvan.

**LF:** Raquel, eu sei que você tá aí a pouco tempo, mas eu entendo que nesse início de adaptação você acaba tendo que recorrer ou a essas pessoas que te receberam no início ou até mesmo outras pessoas já que você vai morar aí agora, né? Você considera que com algum deles ou com alguma outra pessoa do Atins você tenha criado algum laço social? Seja com uma pessoa que você recorre num momento que você precisa de ajuda ou um momento de lazer, por exemplo?

**RR:** Sim, sim eu já fiz várias amizades aqui. A Audrey, que comentei com você, que ela é francesa da Vila Vento, a dona Silvana da Cabana do Peixe, que me recebeu super bem. Ela é dona da barraca da praia e ela é nativa. O pessoal que trabalha na barraca também é sempre

solícito, sempre falam que no que eu precisar eles podem me ajudar, então, assim é uma atmosfera nessa parte muito gostosa. Essa foi a minha experiência, mas eu também sou uma pessoa que sou extremamente comunicativa, me comunico com todo mundo, conversa com todo mundo de igual pra igual. Eu acho que vai muito do que você oferece para pessoa e o que você recebe de volta.

**LF:** Perfeitamente! Essa fala sua casa com esse trabalho que é justamente sobre essa troca. O que você venha oferecer e o que o nativo tem a te oferecer e o que você vem buscar nele e o que ele busca em você. Então tem todo esse jogo de trocas aí entre as duas partes. Raquel, você comentou do bar da dona Silvana que é um lugar que te recebem de uma forma calorosa e que você sente bem vinda lá e que todos sempre oferecem ajuda. Além desse lugar ou tem algum momento ou algum lugar ou alguma atividade que você acredita que nativos e não nativos participem juntos? Ou um espaço onde estejam juntos que é propício para esses laços sociais serem estabelecidos?

**RR:** Sim, tem o Vila Tropical que é um espaço de um nativo, do Del, que vão muitos nativos e vão turistas também. É um lugar que tem uma sinergia muito legal mesmo. Apesar da pandemia todo mundo interage super bem. É onde eu encontro todo mundo que eu conheci, que já é conhecido. Às vezes eu conheço gente nova e eu cheguei até apresentar nativo para nativo já.

**LF:** Que maravilhosa!

**RR:** É que eu sou um pouco comunicativa como eu te disse!

**LF:** Isso é maravilhoso, né? Que você tá tão dentro da comunidade que você apresenta nativos! E que nem são tantas famílias mais, então são poucas famílias de nativos...

**RR:** É eu fiz amizade com a secretária do Turismo, a Virlene, que a gente vira e mexe vamos almoçar ou jantar em algum lugar ou ficamos conversando e aí as vezes ela me chama para tomar um café na casa dela. Então é uma amizade gostosa que gerou bons frutos porque a gente estava preocupada com a questão da Praia em Atins porque na praia tinha quadriciclo e hillux e vários veículos que passaram pela praia diariamente, chega a parecer um rally. Muitas vezes crianças dirigindo... enfim, descontrole total e as placas de sinalização não estavam funcionando e a prefeitura não tem condição de colocar efetivo para fiscalização, então eu ajudei. Eu consegui um lugar pra gente fazer aqui no Lar Doce Mar, que uma barraca de praia também, que eu também conheço os donos e onde sempre me senti super bem, barraca do Ailton. É que a Silvana foi a primeira então lá eu me sinto muito em casa, mas eu consegui esse lugar e a gente chamou o presidente da associação de moradores do Atins, chamou vários donos de estabelecimentos e principalmente das barracas da praia. A gente teve um quórum de 49 pessoas e quase todas foram a favor do fechamento da praia com essa reunião. Essa reunião durou umas três semanas

do momento que eu falei com a Virlene até o momento que saiu realmente e a gente conseguiu que a prefeitura colocasse mourões em cada rua pra fechar a praia para esses veículos. Então hoje, enfim, ainda teve esses 45 que foram a favor, mas sempre tem aquele que tenta burlar, né, um pouco a regra porque não gosta visto que antes eram liberados geral. Teve um nativo, inclusive, que cortou uma cerca e tão passando alguns carros por lá. Cortou uma cerca de uma propriedade que o dono não tá e os caras estão passando pela lateral, sabe? Mas tem muito menos carros e os próprios donos de barracas e os moradores estão fazendo essa fiscalização. Vão falar com pessoal que entra dizendo: “*gente não pode, não é para entrar mais na praia!*” e normalmente os próprios nativos estão entrando, mas diminuiu sim, exponencialmente, do que era porque realmente todas as ruas estão fechadas e isso é uma grande coisa.

**LF:** Isso é muito legal porque tem tanto a frente de vocês das pousadas quanto dos donos das barracas que são maioria nativos e da comunidade da população mesmo.

**RR:** A faixa de areia de Atins é muito estreita agora. Com avanço da maré a faixa de areia ficou muito estreita, então já tem pouca para aí você ter que brigar o banhista, com o *kite* surfista, com o carro passando na praia, com as lanchas, com *jet ski*... e vão mandar agora de São Luís [que já mandaram fazer que tá um pouco atrasado] mas eles vão fazer uma demarcação da Capitania dos Portos para fechar também para as lanchas não ficarem tão próximas para elas ficarem ancorados mais distante da praia. O que eles estão fazendo é descer na areia colocar som alto.

**LF:** E esse iniciativa de fechar a praia foi um acordo comum com todo mundo? Como que aconteceu isso?

**RR:** Foi uma decisão na verdade dessas 45 pessoas que estavam na reunião e com a presença desse presidente da associação dos moradores.

**LF:** E quem levou isso para Virlene? Foi ele?

**RR:** Não, fui eu.

**LF:** Tá! Era isso que eu queria saber. Então você já chegou... Eu vou te falar porque eu já ouvi esse relato em outras entrevistas então é legal falar com quem mobilizou para entender. Você já chegou a pouco tempo e já tá fazendo transformações positivas, né?

**RR:** É o que eu tentei né, mas todo o mérito é da prefeitura eu só joguei a ideia e a Virlene articulou dentro da prefeitura. Então o mérito maior vai mesmo para secretária de turismo. Eu só dei a ideia que era realmente insustentável do jeito que estava.

**LF:** Mas é muito importante ter pessoas assim dentro da comunidade que pensam dessa forma. Vocês que tão bem na faixa de frente na linha de frente aí, mais próximo da praia e podem

interferir de uma maneira muito positiva não só para os turistas como para os nativos também. Raquel e nesse sentido, dessas mudanças que essas relações provocam, eu sei que você estava pouco tempo mas você dentro da Vila Guara ou em outras pousadas você sabe de relatos de pessoas que se desenvolveram o que assim tiveram ganhos sociais e ganhos econômicos por conta de laços estabelecidos com proprietários ou com gestores ou com pessoas que vieram de fora? No sentido de que você acredita que existe essa troca de conhecimento a. de um nativo conseguiu desenvolver socioeconomicamente?

**RR:** Eu acredito que sim. Tem muitas pessoas interessadas no desenvolvimento de Atins e no desenvolvimento cultural. Tem uma associação que toma conta dos jovens de Atins também que é bem interessante que a Vila Guara apoia, que vários outros empreendimentos apoiam para trazer um maior conhecimento e desenvolvimento e capacidade técnica das pessoas ou então ensinar alguma coisa diferente do que eles possam aprender na escola... porque o ensino da escola acaba sendo bem inferior do que a gente vê nas grandes cidades, então eu acredito que tenha essa troca sim e só tende a melhorar.

**LF:** E daí de quem tá com você hoje você tem algum exemplo tem entre eles de alguém que conseguiu o maior desenvolvimento profissional que chegou com uma função mais básica e hoje exerce um cargo com mais funções? Enfim, por estar trabalhando em um ambiente onde tem pessoas que vieram e trouxeram outros conhecimentos, outros padrões de hotelaria, outros padrões de turismo, você acha que você tem alguém na sua equipe se desenvolveu dessa forma?

**RR:** Sim, tem a própria Adriele. Uma menina de 23 anos que começou na Vila Guará na lavanderia, passou pelos quartos, depois foi para auxiliar de cozinha e depois estava como o braço direito do chefe de cozinha no ano passado. Isso em dois anos.

**LF:** Então é esse mesmo que é o cerne dessa pesquisa que a identificar as pessoas e como elas vão se desenvolvendo. E você tem exemplos o relato de alguém que trabalha na pousada ou que trabalhou na pousada e conseguiu abrir o seu próprio negócio?

**RR:** Não conheço. Mas também, né, eu tô a pouco tempo aqui.

**LF:** É eu sei eu sei. Então também vou fazer essa pergunta, que talvez você não conheça ou não tem ouvido, mas sobre alguém que trabalhou na Vila Guará e se mudou depois de trabalhar na Vila Guará ou então saindo do Atins para trabalhar em outro município?

**RR:** Não, eu não conheço os ex-funcionários eu não ouvi esses relatos. Eu sei que quem trabalhou que veio de fora sim, foi embora, tem gente que também só vem fazer uma temporada mesmo.

**LF:** É sim, esse é o mais comum mesmo, é isso é o que a gente ouve bastante. E aquele outra pergunta que aí eu vou voltar no que você falou de apresentar dois nativos que é uma coisa

muito particular que ninguém me falou sobre isso ainda, né, então, dessas relações que você fez desde que você chegou você considera que alguma delas talvez com esses dois nativos que você apresentou você considera que alguns desses laços você criou permitiu alguma possibilidade nova para esta pessoa no sentido de por exemplo o laço que você filmou com a Virlene que vocês conseguiram abrir um canal de troca da iniciativa pública coletiva privada e de uma ajuda mutua em novas ações para comunidade você consegue identificar outras relações que tem ocorrido já que possam ser benéficas para os nativos?

**RR:** Sim! Na verdade, eu vejo um interesse muito grande não só da Vila Guará como de outras pousadas aqui em desenvolver a parte de desenvolvimento e capacitação, né? Todo mundo sempre perguntando dos nativos ou tenta usar os serviços nativos. Tentam agregar, sabe? Às vezes tem algumas barreiras de tempo de produção ou, enfim, de algumas barreiras. Mas a gente sempre recorre, em primeiro lugar, aos nativos antes de trazer mão-de-obra de fora. A maioria dos lugares que eu vi pelo menos. Então algo benéfico para os nativos eu acho que principalmente os nativos que trabalham com serviços, sim. Porque um apresenta para o outro e vai criando essa corrente de gente e todo mundo se ajuda mutuamente.

**LF:** Nesse sentido de pessoas que apresentam, por exemplo, “Fulano me apresentou Ciclano e aí eu chamei ele para uma entrevista”, não sei se nesse momento você já contratou alguém novo ou entrevistou alguém para trabalhar, mas sendo isso ou sendo de coisas que você já ouviu de outros gestores outras pousadas as contratações acontecem nessa forma? Com uma indicação de alguém que conhece aquela pessoa sempre?

**RR:** Exatamente isso. Normalmente acontece por indicação de serviço.

**LF:** Por indicação de serviço e quem você acaba contratando depende de quem indicou também então? A pessoa que indica seria uma influência porque você confia ou não.

**RR:** Sim, certo.

**LF:** Perfeito. Raquel, eu acho que é isso que nessa etapa eu consigo te perguntar. Eu queria que você ficasse livre se você quiser adicionar alguma coisa que você acha relevante no sentido do desenvolvimento socioeconômico ou de ações ou de situações de um positivo ou negativo e que você acha relevante adicionar eu gostei que você adicionasse claro, mas as perguntas que eu tenho prontas já me dão um conteúdo que eu preciso nesse momento.

**RR:** Tá para adicionar, enfim, eu falei bastante coisa positiva, mas tem uma coisa que realmente é um desafio. Para qualquer pessoa de fora a questão em Atins é realmente a diferença de base de convívio social, de organização pessoal, higiene dos lugares, do que é o trabalho, qual a motivação que você tem, tem que fazer as coisas que você realmente queira fazer, no sentido de que você tem que ter um propósito para seguir um sonho, para seguir uma carreira. Alguma

coisa... e não simplesmente vir para cumprir as horas e fazer mais rápido possível de qualquer jeito só porque tem que ser pago ou só porque quer receber o dinheiro no final do mês. Então eu acho que essa diferença de trabalhar com paixão e ter essas ações de organização e higiene para mim acabam sendo uma coisa que foi um pouco mais desafiadora.

### [CONVERSA LIVRE COM MATERIAL RELEVANTE PARA A PESQUISA]

**LF:** São Desafios que são imprevisíveis né são coisas muito singulares que você acaba não antecipando talvez

**RR:** Exato Eu já morei em muitos lugares do mundo não foi só no Brasil então acaba sendo bem relevante

**LF:** Com certeza que aí eu sei que é um super desafio no dia a dia por que você não consegue ensinar o que é propósito ou o que é o trabalho né; quais são os benefícios do trabalho; você não consegue ensinar isso como uma tarefa que você ensina do dia para o outro. Então você entende que faz parte do seu trabalho também trazer mais consciência sobre isso ou você acha que você precisa se adequar a esse ambiente para tentar também talvez seguir um pouco mais de como eles seguem? Como você acha que essa troca é possível aí entre vocês com essas mentalidades tão diferentes talvez?

**RR:** Na verdade o que eu tento fazer é realmente uma formação...eu fui treinada na departamental por alguns anos Hilton e eu tento ir pelo o que te motiva, eu tento conversar com as pessoas e vê o que motiva ela, onde ela quer chegar então eu tento trazer essa noção de propósito mas para a pessoa pensar onde ela quer chegar o que ela quer fazer daqui a cinco anos mas não uma coisa assim “ah se eu quero continuar no Atins casada e cinco filhos e ficar em casa” tá tudo bem também mas “*o que motivaria para vir para o trabalho todo dia desenvolver o melhor que você pode? Né? Onde você acha que você pode chegar? O que você gostaria de fazer próximo?*”

**LF:** É quase como se você tivesse começar falando assim talvez ne da visão de RH de uma empresa, é quase como você tivesse que começar do cerne ali da coisa que talvez na vida corporativa a gente talvez nem nunca atinja ne? Eu sei que o Hilton tem essa parte de RH e desenvolvimento muito forte, o Hyatt tem também mas é quase que aquela utopia do ponto onde você não vai conseguir chegar no dia a dia de uma cidade urbana né? E aí o que você está falando é exatamente o contrário né, você tem que começar por isso senão você não consegue nem ensinar a pessoa o básico de higiene ou de limpeza né.

**RR:** Sim Exatamente porque você não tem motivação para pensar um propósito você não consegue desenvolver um bom trabalho.

**LF:** Muito legal essa fala aqui ó porque é uma coisa muito objetiva do dia a dia do trabalho mesmo né de qualquer coisa na verdade né

**RR:** É exatamente porque eu penso assim o trabalho é uma troca de esforço por um pagamento mais um esforço que seja necessário pelo empregador e que traga o benefício para o empregado então que o funcionário esteja feliz satisfeitos é um bônus mas também necessário para que tudo isso flua de uma forma mais harmônica. Eu vejo um hotel como um grande espetáculo então quando você tá no trabalho é a hora do show então não tem o " a nossa, mas ontem eu bebi todas então hoje eu não vou sorrir" não existe. Ou "Ah bati meu dedinho então eu não vou falar com ninguém" não, então é um Show O Espetáculo você tá representando um papel representando um papel do funcionário presidente que tá recebendo todo mundo muito bem se você tiver prazer em fazer isso tudo passa mais rápido, tudo fica melhor, tudo fica mais agradável para todo mundo.

**LF:** E outra coisa que é muito subjetiva né eu tô adorando essa eu falo também porque eu sou hoteleira né então eu passei muito tempo em hotel eu sei exatamente o que é isso, quero que eu falava eu não estou genuinamente feliz todos os dias ou que eu estou genuinamente, o que não tenha nenhum problema em casa que eu não estou de TPM é que quando eu tô aqui eu tô no palco então não tem o brecha para não atuar só que entender isso ou explicar isso uma comunidade que não tem nem ler Gia que não tinha energia elétrica até pouco tempo você já tá tão aquém ao nível de urbanidade que a gente vive que deve ser muito maluco porque você tem que ensinar a ensinar porque a hospitalidade dentro da hotelaria ela é certa forma encenada você pode ser genuinamente hospitaleiro mas na maioria das vezes você vai ensinar um pouquinho e botar aquele sorriso que é obrigatório

**RR:** Sim ninguém nasceu falando é um prazer! A sua mãe te deu um açúcar você vai falar obrigado ela vai te falar é um prazer? Não vai.

**LF:** Exatamente mas é uma coisa muito subjetiva para você, você tá falando que isso faz parte do seu escopo de trabalho ensinar o que é hospitalidade mesmo né E que esse é o seu maior desafio talvez na gestão Porque ele é o primeiro passo para você conseguir ensinar qualquer outra coisa. Muito legal

**RR:** E minha forma de gestão aqui enfim e do lugar que eu trabalhei é Como gerenciar como se fosse uma família mesmo então todo mundo ajuda todo mundo cada um tem sua função ótimo mas não é porque eu estou gerente que eu não posso dar uma mão no bar que eu não posso ajudar alguém que precisa de alguma coisa né realmente é uma sinergia que tem que rolar

e que tem que funcionar engrenagem como se fosse uma família com procedimentos, processos, regras, mas que flua.

**LF:** Com certeza eu acho até que isso abre mais margem para que essa sinergia mesmo na ver você em várias funções eu ver você se dispondo a estar do lado talvez isso até motivo e a compreender o que que é esse propósito né porque essa vontade de fazer dá certo

**RR:** É de realmente ofereceu o melhor para o cliente. Porque o cliente final ele que é quem a gente quer que esteja feliz 100% do tempo que esteja conosco que ele se sente em casa fora de casa e nada melhor do que se sentir em casa fora de casa do que uma equipe que se entenda bem e que funcione como uma família.

**LF:** Aqui é incrível, Mas você vai ter uma semana maravilhosa pela frente. Me conta um pouco da abertura agora eu vou falar de trabalho agora porque a gente tem vários clientes que procuram não quero ir para Vila Guará quero ir para Vila Guara e a gente fala não ela não abriu ainda não vai abrir vai abrir a gente vai mandar você ir para lá vamos alinhar direitinho me conta como que tá aproveitando que você tá na linha de frente.

**RR:** Nossa previsão está para outubro e eu tô pronta. Eu tô equipada eu preciso só realmente contratar as pessoas da temporada quando os sócios me derem o "ok vamos abrir" eles tinha me dado o "ok vamos abrir" em julho só que aí teve uma questão política até que eles falaram "Não, vamos esperar um pouco" e aí nesse "vamos esperar um pouco" eles decidiram esperar agora para outubro sabendo que 80% dos nossos hóspedes aqui na vila guara são estrangeiros então a gente não tem um fluxo hoje de reservas, a gente não tinha para julho, não tinha para Augusto, não tinha para setembro, o fluxo de hospedagem que justificasse a operação. Entendeu? Então eles preferiram manter fechados do que perder mais do que manter fechado. Porque a gente teria um custo de alimentação que aí não ia sair nos outros anos a gente teria um custo de equipe também de contratar uma equipe para a temporada que os números não se justificavam Então essa decisão enfim tá tudo sendo analisado mês a mês para pautar as abertura. Então ficou para outubro.

**LF:** Então é isso. Você tá pronta, a pousada pronta e assim que chegar mais perto você faz essa contratação se você tiver o aval real né do "Vamos abrir mesmo" e aí vai acontecer em outubro né?

**RR:** Por que em Julho que aconteceu é que eu vim para abrir em julho Mas a questão é que mesmo os brasileiros em Julho estavam cancelando Então as reservas que eu tinha ao longo de Julho Elas acabaram sendo canceladas mesmo pelos próprios brasileiros estão reservados então além da gente ter perdido todo o público francês e Europeu que estava reservado a gente ainda

perdeu os brasileiros então assim em julho eu teria eu tinha 10 reservas E isso não justifica uma operação mental

**LF:** Entendi então agora para outro você já tem o número melhor ou vocês ainda estão analisando?

**RR:** A gente ainda tá alisando. Tem coisas entrando que a gente precisava realmente aqui era que entrassem grupos e que realmente justificassem essa operação. Os números têm que fechar senão para os sócios não vale a pena abrir.

**LF:** Sim espero que entre Raquel eu sei que você tá numa cidade super gigantesca né para ver gente para receber hóspede Só dá conta de loucura acontecendo na operação

**RR:** É exatamente a meditação diária

**LF:** Meditação a gritos já né. Mas olha continua apresentando Nativa para ativos encontrei-me Sim esse assim super maravilhoso você tá dois meses e já tá tão inteirada comunidade e eu espero que você se Abra o modo que tenha muito sucesso

**RR:** Não Laís uma coisa muito curiosa: meu aniversário foi dia 28 de julho, mas tinha 50 pessoas na festinha de aniversário.

**LF:** É sério isso? Nativos e não nativos?

**RR:** Muito sério isso. Nativos e não nativos exatamente. Tem uma amiga minha só que veio de São Paulo e o resto amizade que eu fiz aqui.

**LF:** Que genial o legal de falar de aniversário Eu vou descontar em uma outra entrevista estava conversando E aí eu perguntei mas aqui em situação você se reúne a pessoa falou que ela tinha feito várias amizades com ativos citou o nome de nativos que são ricos estão no seu Bernardo que ele cuidava do lixo do Atins e tudo mais e aí eu falei quando é que você se reúne E aí ele falou para mim no meu aniversário no aniversário todo mundo é nativo porque senão as pessoas com quem eu me relacionar aqui então todos os meus aniversários eu chamo todos eles a gente se pertence ou troca diferente de você é essa pessoa que eu tô contando não pessoa tão sociável então tem uma vida bem para casa não quis ir de social mas engraçado que contou isso também que no aniversário é quando eu fumo todo mundo tem um momento para gente que vende uma vida mais Urbana momento super íntimo que não a gente chama aquelas pessoas que são aquelas pessoas mais próximas e mais familiares os melhores amigos né na comemoração sempre e o núcleo é muito íntimo então 50 pessoas entre nativos e inativos é maravilhoso porque a população hoje em dia é o que é umas duas mil pessoas mais ou menos 50 pessoas é um número muito alto

**RR:** É e eu já fui em três aniversários de nativos um foi do sobrinho de um funcionário, o outro foi do filho de um dos funcionários aqui e o outro foi a esposa de um dos funcionários aqui então é bem gostoso

**LF:** Não, isso é incrível Porque nessa teoria que eu tô estudando que a teoria de Laços sociais e justamente isso que trata tem os laços que são os laços fortes que são usados que a gente tem importância familiares os nossos melhores amigos que são as pessoas que a gente recorre em um momento de desespero em um momento de alegria que a gente compartilhar aí que a gente confia e até quando a pessoa religiosa as pessoas da mesma religião na mesma igreja do mesmo tempo e assim aniversários estão dentro desses corpo de Laços fortes de pessoas do nosso íntimo pessoas do nosso trabalho normalmente elas estão no nosso bolsão de Laços fracos que são pessoas que a gente se relaciona todos os dias que podem tornar-se laços fortes Então você já fez para sair por laços mais praticados com pessoas que trabalham com você que te chama para o aniversário do filho do sobrinho da esposa que você vai até a casa delas que você tem essa troca dentro da casa que é uma troca tão íntima é maravilhoso porque eles também disso Essas são pessoas que através de você ou por meio desse laço com você podem ganhar muita coisa de você também desconhecimento que você tá levando para sua bagagem profissional então veja aí quem sabe se eu pudesse eu te aviso para você daqui a dois anos talvez eu veria vários nomes de pessoas como Adriele que subiram de cargo na pousada, que foram desenvolvidas e conseguiram abrir o próprio negócio e eu também de você né?

**RR:** Eu a escrevi no curso que ela vai fazer em São Luís no período da baixa temporada que é em janeiro ela vai fazer um curso de gastronomia em São Luís

**LF:** Que legal cara não tomo essas conversas que eu tô tendo de Santo sonho sério mesmo porque em viajar precisa um tempo sobradinhos né sobre Lençóis e assumir as pesquisas ainda não tinha tanto as minhas trabalhando de Fora era uma coisa do primeiro as pousadas tinha pouca coisa rolando e ver essa ação mesmo sendo dentro das pousadas mesmo sendo ali dentro desse novo é muito legal porque é dentro daquele que você tem várias nativas trabalhando e se desenvolvendo e crescendo e saindo Adriele por exemplo vai poder sair de Atins para fazer um curso fora por meio dessa conexão que tem como você sair da Vila Guara então muito nenhuma dor tudo isso apesar de saber que tem muitas coisas negativas que o turismo traz também Mas é muito animador ver esse movimento em prol de pessoas em prol da sustentabilidade para pessoas

**RR:** E tem isso né a gente está sempre aprendendo todo mundo desde a pessoa que cada um tem suas experiências e isso que tem que acontecer, Entendeu a experiência do outro, aonde ele quer chegar e como ele pode chegar é muito interessante você vê esse desenvolvimento.

**LF:** Com certeza genial. E antes de alguém para você também né?

**RR:** Não e e trabalhos anteriores eu tenho uma ex assistente minha que ela tá em Palma de Maiorca que hoje foi aniversário dela eu liguei para ela " ai Raquel você sempre lembra" super feliz super bem Palma trabalhando com hotelaria tá felizona "Ah eu queria tanto que você trabalhasse aqui comigo"

**LF:** Super legal né Por que são laços assim que você lembra do aniversário dela então você faz questão de ligar e ela fica por você lembrar porque ela tem um carinho por você queria que eu trabalhasse lá com ela então acho que ela peladinha tem muito disso né Raquel de como a gente tá sempre tão junto tanto tempo trabalhando tanto ralando tanto dentro de um lugar que é uma casa bem mal ou até uma casa uma pousada é uma casa então eu acho que a gente acaba isso permite laços muito diferentes de outros trabalhos

**RR:** E você trabalhava aonde Laís de hotelaria?

**LF:** Então eu trabalho na Matueté há dois anos e meio mais ou menos antes disso eu trabalhava no palácio Tangará e aí antes do Tangará Nova York é trabalhei em hotel também para *starwood* e antes disso eu trabalhava para a Marriot em São Paulo então Eu comentei do Hilton e do Riot por isso antes eu era mais ligada com ele também trabalhava para redes que eu acho que dá uma super bagagem disso né dessa assertividade na hotelaria né dos processos de como as coisas funcionam como é o enredo que você tem que seguir Como que você ensina o que é ensinar isso você aprende em refrigerantes que tem isso bem estabelecido já né

**RR:** Então eu fiz parte da obra como você disse Hilton Morumbi em 2002 eu participei da abertura e foram dois meses de *rollplay* antes abertura enquanto o hotel tá ficando pronto todo mundo contratado treinamentos todos os dias 6 dias por semana bem intenso. Tenho amigos do Hilton para vida.

## AUTORIZAÇÃO PRÉVIA PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Prezada **Raquel Raimundo**, agradeço a atenção e a contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa científica intitulada “HOSPITALIDADE, TURISMO E LAÇOS SOCIAIS NO ALÍVIO À POBREZA: uma análise das relações na comunidade do Atins, MA” orientada pela Profa. Dra. Roseane Barcellos Marques, desenvolvida como requisito para a conclusão do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP.

A entrevista terá duração de 30 a 60 minutos e tratará de assuntos referentes ao projeto – hospitalidade, laços sociais, turismo e as relações entre anfitriões nativos e não-nativos como vocês.

Solicita-se autorização para gravar o conteúdo da entrevista, na certeza de que a gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, de acordo com sua determinação.

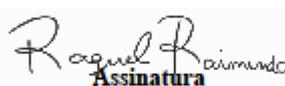
Após a entrevista, os dados serão transcritos, analisados e publicados. Por isso, também se solicita sua autorização para utilizar o áudio e, se aplicável, as imagens da entrevista neste trabalho, em apresentações em eventos e outras publicações científicas.

Peço que avalie a proposta, preencha um dos tópicos a seguir, assine e date este documento.

( ) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens, sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas.

( ) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens e sons da mesma em apresentações eventos e publicações científicas, **porém solicito que meu nome não seja citado no trabalho.**

(X) Autorizo a gravação da entrevista relacionada acima, assim como a utilização das imagens sons da mesma em apresentações, eventos e publicações científicas, **porém solicito que nenhum dos nomes ou instituições por mim mencionados sejam citados no trabalho.**



Raquel Raimundo  
Assinatura

Local e data: Atins, 24 de agosto de 2020  
Contato: 11 97186 1870

Agradeço e inscrevo-me,  
*Lais Antunes Furtado*  
CPF: 042.854.723-09